INDÚSTRIAS DE BRAGA

NOTAS DUM JORNALISTA

POR

MANUEL ARAUJO

INDUSTRIAS DE BRAGA

MANOEL ARAUJO

INDUSTRIAS DE BRAGA

(NOTAS DUM JORNALISTA)

TIPOGRAFIA DA «PAX»
RUA NOVA DE SOUSA
BRAGA

A BRAGA, ANTIGA E FIEL,

O MEU AFECTO
NAS PAGINAS
SINGELAS DES-
: : TE LIVRO : :

Ao reunir em volume o inquérito á vida industrial de Braga — inquérito ligeiro, feito no dia a dia febril do jornalismo — um desejo nos animou: carrear alguns elementos para a larga, profunda e esclarecida obra que se torna preciso fazer sobre a actividade económica bracarense.

Não houve, pois, a ilusória pretenção de escrever uma monografia, ainda que incompleta — para a qual faltam indicações indispensaveis — nem tão pouco de mencionar, com precisão, o valor industrial de Braga.

Reconhecendo tôdas as deficiências de que o inquérito não está isento, por motivos fàcilmente compreensiveis, teve-se em vista, apenas, formular como que um índice das nossas industrias.

E' pouco, sem dúvida. Ainda assim permitirá saber-se que desde as artérias públicas ás empresas particulares o esforço da Grey se esculpe em caracteres fundos, em verdadeiros bronzes imorredoiros.

Braga tem estado esquecida, ignorada. No entanto, no rude e laborioso revolver dos campos; no intenso movimento da cidade; no murmúrio cadenciado das oficinas humildes; na fornalha escaldante das grandes fábricas, a mão rugosa do bracarense, o seu pulso forte, aparece senhor da victoria, e uma multidão infinita de pessoas move-se, trabalha, lucta numa ansiedade que nunca tem fim, que aumenta de hora a hora, de instante a instante, 'num propósito sublime de engrandecimento.

E' devido a esse propósito — incontestavel gerador de tão funda acção — que Braga possue hoje fábricas enormes, fortes; estabelecimentos comerciais importantes, belos; uma vida económica desenvolvida, rica; uma vida social consideravel; excelentes instituições de caridade e magníficos monumentos de grande beleza artística.

Tem esse propósito a valoriza-lo, ainda, a grande virtude de ser realizado com os únicos recursos da Terra, sem o mínimo auxílio do Estado — pode dizer-se afoitamente.

Contudo, repetimos, ninguém o conhece. Sobre Braga tem pesado um silêncio tão profundo quanto injusto. Ela mesma tem culpa disso. Mercê de razões conhecidas em demasia, não tem querido tratar da sua defesa e da sua propaganda. Neste particular, mostra bem descender daquela gente heróica e valorosa — encarnação maior e puríssima da Raça — que julgava sempre sem valia o seu aturado, edificante e exaustivo trabalho.

Com o nobre objectivo de o levar ao conhecimento dos mais longes recantos do país, organizando a síntese específica da sua produção, abriu o «Diario do Minho» o inquérito á indústria de Braga, com a intenção de o tornar extensivo, mais tarde, à economia de tôda a Província.

Com a mesma elevada finalidade se publica, este livro, agora. Nêle se fará ouvir, também, a voz sincera e quente dos que, norteados por um grande amôr ao trabalho util, têm contribuido para tornar grande uma força pequena.

Não tendo, pois, esta obra outro valimento, «sentir-nos-emos felizes se, da sua publicação, algum bem resultar para a Terra que ardentemente desejamos servir» — perfilhando, por esta forma, o judicioso conceito que Anselmo d'Andrade escreveu, a abrir, o seu Portugal Economico.

M. A.

INDUSTRIAS DE BRAGA

EVOCAÇÃO. RECORDAM-SE AS VELHAS INDUSTRIAS CASEIRAS E AS GENTES QUE POR SUA ARTE LHES DERAM NOME E :::GRANDEZA:::

Há uns bons vinte anos, aí por volta de 1907, Braga mantinha ainda, com particular interêsse e justificado carinho, uma extensa rêde de indústrias caseiras que circundavam apertadamente a cidade, constituindo um feixe enormíssimo de fôrças a desabrochar.

Eram vulgares, ao tempo, as delicadas indústrias de fiação e tecelagem, vindas já dos dois últimos séculos, de geração em geração, como essas histórias ingénuas de fadas e de guerreiros destemidos, que os nossos avós contavam, deliciosamente, ao calôr amigo do brazeiro.

Então, onde quer se ouvia o *tac-tac* característico dos velhos teares de madeira, que a alegre tecedeira acompanhava com lindas cantigas da sempre encantadora poesia popular. Com elas procurava, certamente, o batismo multiplicador das suas teias, algumas delas trabalhadas com a perfeição duma arte instintiva, nata, e a brancura da pureza.

Ao meio da tarde, quando o sol ainda alto se erguia, em reflexos de oiro, ou mais acentuadamente aos fins da semana, elas aí vinham, de peça à cabeça, coalhando as estradas, alegrando-as com as côres dos seus trajes garridos, entregar, à voragem da civilização, o produto amado do seu trabalho.

E era um gôsto vê-las, as formosas aldeãs minhotas, de pele tão alva como a farinha dos seus moínhos, de tão rosadas e opulentas carnes que lembravam telas de Rubens.

Pouco abundantes, contudo, eram as oficinas dos finíssimos tecidos de veludo, damasco e de seda, verdadeiras maravilhas de arte aplicada, que se fixara na cidade a partir do século XVII. Delas teem falado, com merecido relêvo, eruditos investigadores, como o dr. Alberto Feio, D. Sebastião Pessanha e Francisco Lage.

Paralela com esta, corria, (póde afirmar-se,) a indústria de talha ou marcenaria artística, que grangeou, adentro e fóra do país, renome e credito. Dotada de um grande equilíbrio, de desenhos e proporções de reconhecida beleza, consagrou verdadeiras dinastias de entalhadores — obscuros artistas que nunca viram o brilho da glória. Com êles entroncavam, com certeza, os nossos admiráveis lavrantes de prata e oiro que encheram os mosteiros e as casas fidalgas de peças de inconfundível merecimento. E já que falamos de mosteiros, falemos de seguida dos brilhantes imaginários que forneceram os santos para as suas igrejas, tendo-se especializado por tal fórma na escultura em madeira, que, ainda hoje, a sua fama corre em todo o país. Não esqueçamos, egualmente, os pintores-decoradores que, na pintura de paineis e altares, tanto contribuiram para o esplendor da arte religiosa.

Nos bairros mais afastados da cidade, em S. Pedro de Maximinos, em S. Lázaro, em S. João da Ponte e na Sé, a indústria de calçado, pulverizada em centenas, senão milhares, de pequenas oficinas, constituia um valor importante. A venda para os distantes mercados africanos, que levavam por mês alguns contos de réis em obra, era um grande elemeuto da sua prosperidade.

Em todo êsse extenso bairro que ia do largo da Senhora-a-Branca até aos Peões, a indústria de chapéus estendia-se em núcleos modestos que, na segunda metade do século XIX, se foram desenvolvendo até à organisação de poderosos estabelecimentos fabris. Indústria exaustiva, esta, abriu inexoràvelmente a sepultura a muitas energias, a muitos corações que se lhe entregavam, numa lucta ingente de tôdas as horas.

Valiosas, também, as indústrias de metais, que predominavam no centro da cidade, e se exerciam largamente; a dos sinos, por tôdo o Portugal adorada, não havendo igreja humilde ou catedral altiva que não a abençoasse quando, ao fim da tarde, o som musical dos seus carrilhões se estendia sôbre as almas como uma prece; a de paramentaria, destacando-se pela sua sumptuosidade; a dos sabões e a dos perfumes que apareceram no Minho, supômos, ao redor de 1850, com tão fundos alicerces que mais tarde se tornaram predominantes; a tipografica, interessantissima desde o seu primeiro aspecto, que se instalou aqui no seculo de quatro-

centos; e, por último, a das velas, a de correarias e a dos cestos de vêrga, esta de pouca importância, mas de interessantíssimo fabrico, pois a caraterizava um sabôr nìtidamente regional.

Ás portas de Braga, paredes meias com a cidade, nas frèguezias de Ferreiros, Adaûfe, S. Martinho de Dume, S. Jerónimo de Rial, mas sôbretudo nas duas últimas, indústrias de relógios, de cóla, de taxas, de arestas e de pregos eram executadas com esmero, vendo-se dispersos por elas milhares de incansaveis fabricantes que, de avental de couro à cinta, manga arregaçada, braço hérculeo, corpo desempenado, queimavam a vida, entre cantarolas, ao lume intenso da forja.

Foi aí, por 1900, que na primeira das citadas frèguezias, a de Ferreiros, começou o fabrico de balanças dècimais, tão aprimoradas e fortes, que larga colocação conquistaram em breve, vivendo numa marcada tendência de desenvolvimento.

Por último, as olarias de S. Pedro e S. Paio de Merelim eram ainda uma confirmação das qualidades artísticas desta gente, fabricando, no sossego adorável dos campos, ao som da melodia branda dos rios, curiosíssimas peças de cerâmica, que constituiam uma perfeita e linda arte popular.

Múltiplas e belas na sua delicada manufatura, as velhas indústrias braguezas já ofereciam, pois, nessas épocas distantes, dilatado horisonte ao esfôrço humano.

Achando por bem alarga-lo — numa clara visão económica que nem sempre os nossos contemporaneos alcançam — aqui organisou D. Frei Caetano Brandão, espírito notabilíssimo de Prelado, em 1793, uma exposição industrial, que foi a primeira da Europa.

O tempo passou...

Os nossos avós foram tombando na cadeia infindável da morte. E com êles, agarradas aos seus braços, à sua própria alma, foram algumas dessas indústrias casèiras — que hoje vivem, apenas, na nossa saüdade.

As outras tomou-as à sua conta a evolução.

E novas eras despontaram...

Novas necessidades surgiram...

Os grandes molhes de energias humanas que foram as primi-

tivas fábricas, principiaram a aparecer — para logo as arredar o progresso, no seu dinamismo contínuo.

Seguidamente a mecânica impôs-se — num desenvolvimento cada vez maior. E, assim, a breve trecho, estava realizada uma autêntica revolução na vida industrial de Braga.

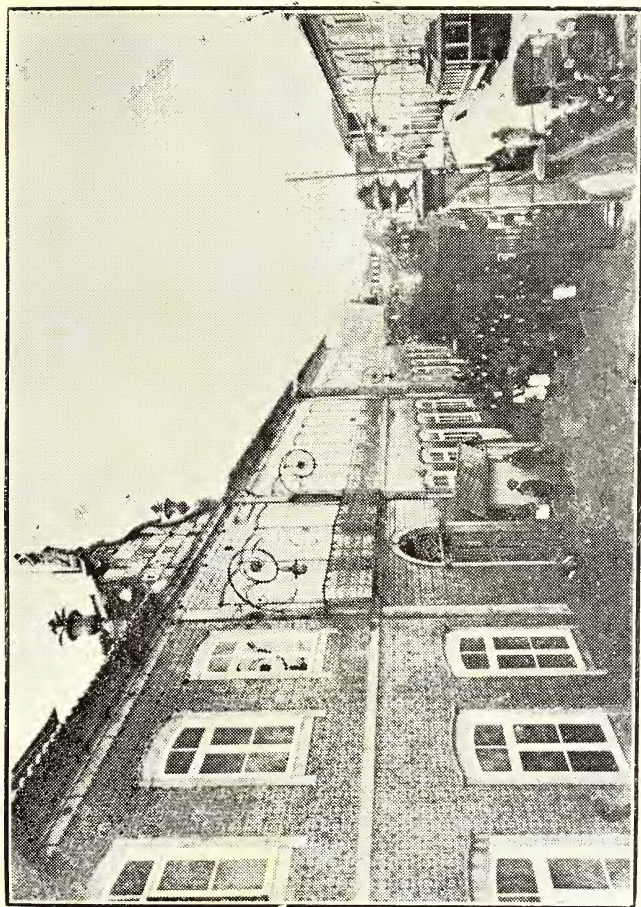
A voz sã, cheia de harmonias das lindas tecedeiras, que acompanhava o rítmo cadenciado dos velhos teares, fôra definitivamente abafada pelo ruído ensurdecedor das grandes fábricas eléctricas.

E já longe da humildade em que vivera, aconchegada em pobres casebres, a indústria cobre-se, agora, com lhamas e aurisanitos...

. . . .

Novas eras despontaram...
Novas necessidades surgiram...

FABRICA SOCIAL BRACARENSE

DA EVOLUÇÃO DA INDUSTRIA DE CHAPEUS Á SUA IMPORTANCIA. AS MARCAS FALSAS SÃO UM SINTOMA DE DESNACIONALISAÇÃO QUE IMPORTA DESTRUIR SEM DEMORA.

FABRICA SOCIAL BRACARENSE — Fachada principal

FABRICA SOCIAL BRACARENSE — Predio primitivo

A indústria de chapelaria é das mais antigas e das mais importantes desta cidade.

Os chapeleiros de Braga têm, desde velhos tempos, fama acreditada. O país inteiro, as nossas colónias e até o estrangeiro, conhecem-nos de sobejo.

Mas o que é mais estranho — e isto só pode acontecer entre nós — os seus magníficos productos são desconhecidos do grande público.

Porquê? Porque os seus chapeus, precisamente os melhores, não levam a marca da fábrica productora, mas uma marca estrangeira, uma marca falsa.

Mercê duma orientação inteiramente errada e anti-nacional, o nosso povo prefere o nome estrangeiro ao do seu país. Não se importa, mesmo, da bôa ou má qualidade do producto. Desde que tenha rótulo francês ou americano é o bastante, é o ideal.

E quando interrogado sobre a origem do producto, é com vaidade, até com orgulho, que responde, altivo: «é estrangeiro. Mandei-o vir de Italia».

Esta desnacionalização — porque este facto não passa dum tristíssimo sintoma de desnacionalização, — está a progredir assustadoramente, até no comércio, que já adopta para taboleta dos seus estabelecimentos um nome de importação e não um nome português.

Tendo de servir um público com todos estes vícios, que voluntàriamente se desnacionaliza, com o consentimento dos governos, as indústrias veem-se obrigadas a capitular com ele, a prejudicar, muitas vezes, os créditos das suas fábricas.

Nestas condições encontram-se as chapelarias de Braga — que, segundo declarações dos especialisados, podem concorrer, sem receio, com as melhores do estrangeiro, com qualquer Christys, Mossant ou Borsalino.

Todos os chapeus que por aí circulam — e que muitas vezes se supõem importados dos grandes centros chapeleiros, como da Austria e da América, rendendo-lhes os melhores elogios — são delas e bem delas.

*

* *

Na Rua Nova de Santa Cruz, ali ao fundo das Goladas, fica a Fabrica Social Bracarense — a mais antiga chapelaria desta cidade.

E' uma casa espaçosa, com vastas oficinas, com numeroso pessoal.

O seu desenvolvimento crescente tem feito aumentar aquele enorme edificio onde alguns anos atraz parecia caber duas fábricas.

A entrada é simples. Um *hall* de grandes dimensões, estando por êle dispersas, aqui e ali, numerosas malas — as malas que, no dia seguinte, teem de acompanhar os viajantes.

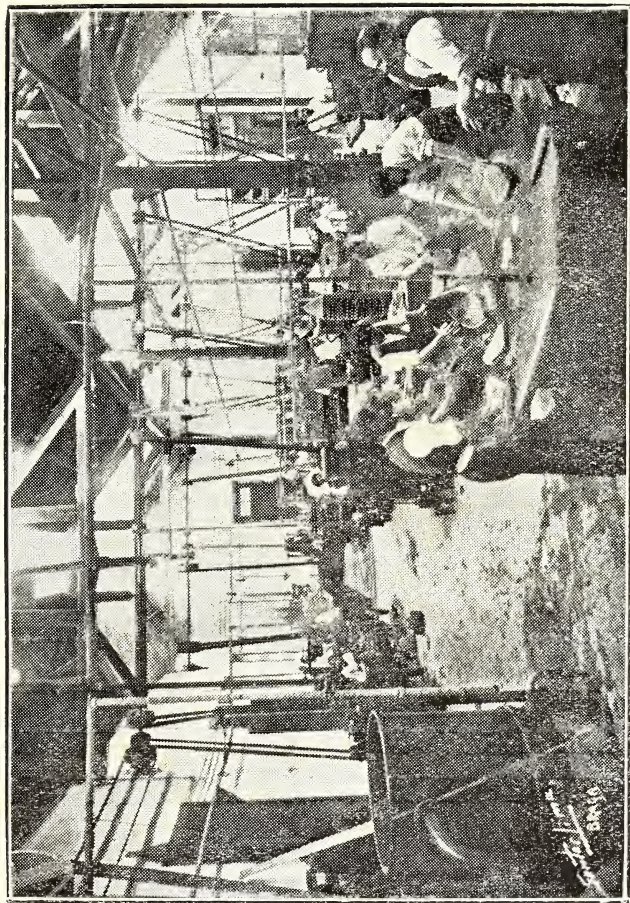
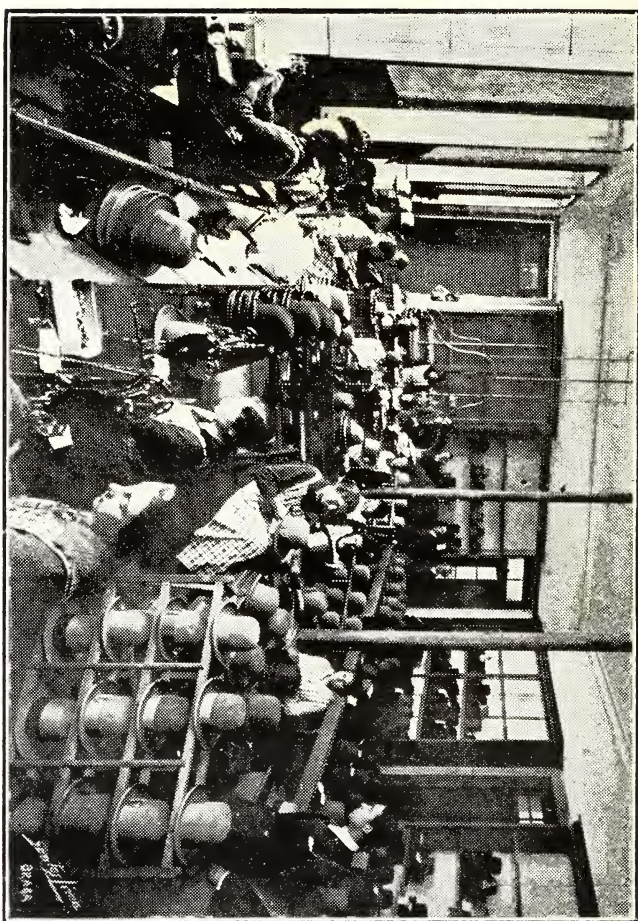
Participamos a nossa chegada. E, logo, atenciosamente, os srs. Verissimo Martins d'Almeida e Manoel Martins Cerqueira, os dois considerados proprietários, vem receber-nos.

São dois homens activos, empreendedores, dispondo duma larga capacidade de trabalho, que souberam converter uma aspiração numa frutuosa realidade.

Expostos os nossos fins, a visita começa pela oficina de *suflagem* de pêlo onde maquinismos possantes realizam a limpeza da matéria prima. Dali passamos à de *bastissagem* — que faz a pasta para o chapeu; à de *fulagem*, que faz o feltro; à de *tinturaria;* á de *estufas*, à de *engomação*, à de *informação*, à de *afinação*, à de *apropriagem*, e, por fim, à de *planchamento*, á de *guarnecimentos*, onde se realiza a última operação, donde o chapeu sai pronto para venda.

E desta forma vimos toda a técnica do fabrico do chapeu, observamos o trabalho laborioso que o braço forte do homem dispendia e que a mecânica moderna substituiu com vantagem.

Agora subimos ao primeiro andar e entramos na sala das amostras — uma linda sala com decorações e mobiliário de gosto, ao sabor das artes francesas.

Por fim os escritórios, repletos de secretárias, — extensas, có-

FABRICA SOCIAL BRACARENSE — Uma oficina de *fulagem*

FABRICA SOCIAL BRACARENSE — Oficina de acabamentos

modas, asseadas. E' aqui que se vai realizar o nosso inquérito, num à vontade amigo, num ambiente sereno.

OS VELHOS TEMPOS DA INDUSTRIA DE CHAPELARIA. UM POUCO DE HISTORIA. PRODUCÇÃO E ENCARGOS.

— Quando se fundou a Fábrica?

— Em 1866, responde o sr. Martins Cerqueira. Foi a primeira que se montou para o fabrico a vapor de chapeus de feltro de pelo.

— Então até aí não se faziam chapeus em Braga?

— Faziam, sim, mas em pequenas e numerosas oficinas, de chapeus de lã.

— Numerosas?

— Muito numerosas, mesmo. Desde o largo da Senhora-a-Branca até aos Peões, e rua de S. Victor-o-Velho, e desde a rua de S. Domingos até à Tamanca as oficinas sucediam-se, multiplicavam-se. Havia dezenas delas, muitas dezenas delas.

— De fabrico manual, não é verdade?

— Todas de fabrico manual, como ainda hoje restam várias.

Pormenor curioso:

Como é natural algumas tinham fama, sendo conhecidas por apelidos interessantes.

— Entre essas destacavam-se...

— ...a do Taxa, a dos Bahias, a do Mananeu, a do Zé Caneca, etc.

— Quem fundou a Fabrica Social?

— José Baptista da Silva Taxa, Antonio José Rodrigues Bahia, Antonio José Cerqueira da Silva Braga, e Manoel Soares Pacheco sob a firma Taxa, Bahia, Cerqueira & Pacheco.

A determinada altura a fábrica principiou a ter dificuldades, chegando mesmo proximo da falência.

— Depois...

— Veio a firma Almeida, Pereira & Matos, sendo seus socios José Martins de Almeida, Antonio José Pereira e Luiz José de Matos, o primeiro dos quais era pai e sogro dos actuais proprietarios.

— Essa firma...

— Foi que lhe deu o grande desenvolvimento, tornando-a conhecida dentro e fóra de Portugal.

Houve ainda outras modificações, até que entramos para a sua gerência.

— Qual é o capital da fábrica?

— O antigo: cem contos ouro.

— Que pessoal emprega?

— 180 pessoas de ambos os sexos. Antigamente empregava mais porque o trabalho era manual. Só a oficina de fula tinha 96 pessoas.

O sr. Verissimo d'Almeida explica:

— As máquinas que temos adquirido ultimamente tem substituido, com certa vantagem, o trabalho braçal.

— A quanto poderá montar a producção?

— A 1.000 chapeus por dia ou sejam cerca de 26.000 por mez.

— Tem aumentado?

— Alguma coisa. No entanto, as nossas atenções dirigem-se no sentido do aperfeiçoamento do fabrico e não no do seu aumento.

O chapeu de hoje é muito melhor, tem grande superioridade sobre o antigo.

— A fabricação mecânica não permite baixa de preços?

— Pelo contrário — tem até uma despesa muito maior que sobrecarrega, onera consideravelmente o producto.

— Como se explica?

— Pelo elevado custo dos combustiveis, dos salários, que são bem superiores aos antigos, das máquinas e, sobretudo, pelo aperfeiçoamento que sofre o chapeu.

— Importam alguma materia prima?

Importamos todas as materias primas: pêlo, tiras de carneira, guarnições, drogas, etc.

A IMPORTAÇÃO DAS MATERIAS PRIMAS. A DESIGUALDADE EM QUE SE COLOCA A INDUSTRIA NACIONAL.

— Ha inconveniente nessa importação?

— Sem dúvida, por causa dos pesados direitos que afectam as materias importadas. Olhe: o pêlo ficava, com direitos e todas as despesas, por 0,80 centavos o quilo, antes da guerra. Hoje fica por 9.00 escudos. As guarnições pagavam 7.00 escudos, hoje pagam 14.00, ouro, só de direitos.

Se não fôsse isso, poderiamos apresentar chapeus incomparavelmente mais baratos.

E o sr. Verissimo d'Almeida mostra-nos uns artigos que custaram tanto na origem como pagaram de direitos.

Prosseguindo:

— Que férias vence o pessoal?

— 14 contos por semana, que dão 728 contos por ano.

— Encargos a pagar ao Estado?...

— 100 contos aproximadamente.

— E à Camara?

— 15, pouco mais, pouco menos.

O sr. Martins Cerqueira:

— Com semelhantes encargos chega-se a ter vontade de não trabalhar. Por tudo e por nada se paga.

Imagine que só nós pagamos mais que as 14 fábricas de S. João da Madeira.

— Não haverá engano?

— Garanto-o absolutamente.

O sr. Verissimo d'Almeida:

— O pior, ainda assim, é a desigualdade em que nos colocam. Como compreende, estes encargos pesadíssimos têm, fatalmente, de afectar a mercadoria, porque os nossos lucros não os comportam.

— De aí...

— As condições dificeis em que se encontram, actualmente, as fábricas de Braga, não podendo competir com as estrangeiras e até com as nacionais.

— A venda é grande?

— Tem diminuido, porque ha fábricas demais no país e porque o mercado africano está a falhar imenso.

— O mercado africano tem, então, diminuido?

— Sim senhor. Imagine que, antigamente, consumia $^1/_3$ da nossa produção. Hoje apenas consome 2 $^0/_0$.

— E porque motivo tem ele diminuido?

— Pelo motivo da infiltração da indústria estrangeira, especialmente da indústria alemã, que pode dar os seus productos por preços mais baixos do que nós.

— Tudo...

— Por causa dos encargos que nos atingem.

— Exportam alguma coisa?

— 100 a 200 contos por ano.

As Canarias, sobretudo, principiam a oferecer-nos um grande mercado. Tratamos de o aproveitar.

— Julga possivel o desenvolvimento da indústria de chapeus?

— Julgo. Para isso basta que o Estado lhe dispense alguma protecção, como tem feito a outras indústrias. Caso contrario, asfixiará porque ha muitas fábricas para o consumo dos mercados que restam: continente e ilhas.

O sr. Martins Cerqueira:

A primeira medida a adoptar é a de contribuir com uma taxa razoavel todo o chapeu que tenha rótulo estrangeiro.

— Para...

— ...O público se desiludir, para saber que o artigo bom que aí compra e que julga importado é nosso e bem nosso — que é português.

Porque, infelizmente, as exigências do mercado, obrigam-nos a colocar nos melhores chapeus nomes ingleses, austriacos, italianos, etc. e nos mais fracos a etiqueta da casa.

Continuando:

— Temos necessidade, portanto, de pôr nos productos bons, a marca das nossas fábricas, — porque não receamos confrontos. Simplesmente: ao governo compete tirar ao público a indiferença, talvez o desprezo a que vota a indústria nacional, que, aliás, é da melhor.

O nosso inquérito à Fábrica Social Bracarense estava fechado. Os srs. Manoel Martins Cerqueira e Verissimo d'Almeida, retiraram-se.

As oficinas haviam parado, tambem, a sua laboração, e agora, à nossa saída, um sossego profundo envolvia-as no seu manto de tranquilidade.

FABRICA TAXA

PORTUGAL PODE TER
NAS SUAS COLONIAS
OS MELHORES MER-
CADOS PARA A IN-
DUSTRIA NACIONAL.
O GRANDE APERFEI-
ÇOAMENTO A QUE
CHEGOU, EM BRAGA,
O FABRICO DE CHA-
: : : : PEUS : : : :

Ao passarmos as velhas portas da Fabrica Taxa para inscrever o seu depoimento no inquerito abérto à produção bracarense, pela nossa memoria passou, talvez em imagens um pouco esbatidas, a labuta martirizante dos velhos chapeleiros — arrazando, consumindo, aniquilando, momento a momento, não só a saude ; a propria vida.

E' que a Fabrica Taxa pertenceu a uma numerosa dinastia desses intrépidos obreiros que pouco a pouco, atravez dum rígido espirito económico, a foram desenvolvendo.

Deve figurar, mesmo, como um alto exemplo de força de vontade e de sensato critério administrativo.

Nasceu, supômos, duma oficina de modestos operários — desses operários que prehenchiam toda a extensa ala situada ao nascente da cidade.

Menos importante que a Social ela conseguiu, no entanto, impôr-se, atingindo consideravel importância.

Hoje é propriedade da importante firma Pacheco & Palhas e conta entre os seus directores o snr. Luiz Gonçalves Palha. Pessoa de iniciativa, sensata; socio dum dos melhores e maiores estabelecimentos comerciais, ele conhece, com detalhes, o valôr da nossa indústria, dos nossos mercados e, tambem, dos mercados africanos.

*

* *

As instalações da Fábrica Taxa são amplas, ocupando um prédio de dois andares, longo, com a frente para a rua D. Pedro V e com a parte lateral voltada à rua Ulisses Taxa.

Ao rés do chão, à esquerda de quem entra, fica todo o serviço de embalagem e de expedição.

Atraz, as oficinas: *Suflagem,* com três máquinas poderosas; *pastissagem*; *fulagem,* manual e mecânica; *tinturaria*; *estufas*; *engomação, informação, apropríagem* e *planchamento.*

No primeiro andar, os escritórios, situados na frente, e depósito de chapéus, enormes e recheadíssimos — algumas dezenas de contos de réis em matéria manufacturada.

A fábrica conserva, ainda — contra o que diz a sua fisionomia exterior, — vestígios largos do seu passado e das suas instalações primitivas.

E viemos, por fim, até ao gabinete do sr. Luís Palha onde o nosso interrogatório começa:

— ¿ Quando se fundou a Fábrica Taxa?

— Em 1851.

— Fundou-a?...

— ... José Baptista da Silva Taxa, envergadura robusta de trabalhador que lhe deu tôda a sua energia, desenvolvendo-a consideràvelmente.

Como sabe é uma fabrica premiada, tendo recebido a visita de El-Rei D. Luiz que muito elogiou os seus produtos.

— Fabricou desde início chapéus de feltro de pelo?

— Não senhor. Principiou pelos chapéus de feltro de lã.

— Modestamente?

— Por uma simples oficina, segundo creio.

E o sr. Luís Palha esclarece:

— E digo segundo creio porque, até ha cêrca de ano e meio, a minha vida andou sempre muito longe desta indústria e, portanto, desta casa.

— Sabe qual o capital da fundação?

— Ignoro-o. Penso, no entanto, que não deveria ser avultado porque as necessidades de então também não eram grandes.

— ¿ Quem são os seus actuais sócios?

— José Rodrigues Pacheco, Domingos Gonçalves Palha, José do Egipto Gonçalves Palha e eu, Luís Gonçalves Palha.

— ¿ Não houve uma fusão?

— Houve. Foi a da nossa casa, que girava sob a razão de Palha & Palhas, com o primeiro dos sócios indicados, proprietário da Fábrica nesse momento.

— Dessa fusão...

— Ficou a firma Pacheco & Palhas, hoje proprietária dos dois estabelecimentos referidos.

— ¿ Qual é o actual capital desta Fábrica?

— 800 contos.

— ¿ Tencionam desenvolvê-la?

— Pensamos aperfeiçoá-la. Para isso adquirimos novas máquinas, algumas das quais já se encontram montadas, como viu, e contractamos em Itália um técnico de grande merecimento que trabalhou na grande fábrica Borsalino.

— ¿ Tem ainda muito trabalho manual?

— Bastante. Algumas oficinas, como a de *fulagem*, mantem o seu carácter antigo. Mas vai ser modificada, assim como as restantes, logo que nos cheguem as máquinas a que me referi.

— ¿ Quanto pessoal emprega?

— 110 pessôas de ambos os sexos. E' claro que êste número já foi maior e dentro em pouco será menor, conforme se fôr adotando o fabrico mecânico.

— ¿ Qual é a produção atual?

— 500 chapéus por dia, ou, se quizer, 15.000 por mês.

— Podem aumentá-la?

— Podemos, mas não queremos.

— ¿ Motivos?

— A grande concorrência que existe hoje na indústria de chapelaria. Como muito bem disseram os proprietários da Fábrica Social, nós temos atualmente fábricas de mais para os mercados que nos restam.

— Portanto...

— Tôda a nossa atenção se deve orientar no sentido do aperfeiçoamento do chapéu e não no aumento do seu fabrico.

— ¿ Já tiveram mais mercados do que presentemente?

— Já, sim senhor. Tivemos o mercado africano que consumia uma parte importante da nossa produção.

— Hoje...

— Apenas consome 10 °/₀, a traços largos.

— E porque razão se tem dado êsse decrescimento?

— Por vários motivos. Em primeiro lugar, pela dificuldade de transferências, que têm para nós os maiores inconvenientes.

— Em segundo lugar...

— ...pela crise enormíssima que as nossas colónias atravessam e que nos obriga a abrir créditos com criteriosa prudência, não obstante existirem ali casas honestíssimas e um comércio seguro.

— Mas a prudência...

— ...é indispensável e, neste momento, é coerciva.

— Em terceiro lugar...

— A infiltração da indústria estranjeira, muito especialmente da alemã e da italiana.

UMA AFIRMAÇÃO Posso afirmar-lhe que é deveras assustadora para o nosso património africano, para a nossa soberania, semelhante infiltração.

— E porque se dá ela?

— Pela diferença de preços. A indústria alemã apresenta chapéus na África pelos preços que nós estabelecemos na fábrica. Isto é: incomparàvelmente mais baixos porque há a diferença das despesas de transporte.

— ¿ Os senhores não poderiam concorrer com ela?

— Tudo depende dos encargos que sôbre nós incidirem.

— ¿ São grandes, os atuais?

— Quási insustentáveis. A indústria nacional, de chapelaria, atravessa um momento difícil. Creio até que algumas fábricas desaparecerão.

— Quanto pagam de contribuïções e impostos?

— 60 contos, números redondos.

— Importam matérias primas?

— Tal qual como a Social e como tôdas as fábricas portuguesas.

— ¿ Mas não há pêlo nacional?

— Há, sim senhor, mas não chega para o consumo.

— ¿ A importação acarreta-lhes agravos?

— Evidentemente. As pautas aduaneiras estão elevadíssimas e sobrecarregam de tal fórma o artigo que, por pouco, o tornam inacessível.

E o sr. Luís Palha conta:

— Para o meu amigo fazer uma ideia vou-lhe citar um exêmplo. A fita para guarnecer chapéus custa-nos na origem $945 réis e paga de direitos 1$290 réis.

Mas há mais. Calcule que tôda a mercadoria estranjeira tem de ser acompanhada de uma factura consular que paga a *insignificància* de 4 % oiro.

— 4 %?

— Precisamente. Ora com tais encargos como havemos nós de competir com o estranjeiro?

— ¿ Julga precisa a protecção à indústria chapeleira?

— Julgo-a indispensável. A diminuïção das páutas aduaneiras é urgentíssima, a nosso vêr. Caso contrário muitas fábricas do país terão de encerrar as suas portas — o que representará um grande prejuíso para a economia nacional.

O nosso inquérito estava a terminar. As palavras do sr. Luís Palha puzeram-nos em frente de realidades bem tristes.

Agora focamos o caso das marcas falsas, que assume hoje um aspecto verdadeiramente epidémico.

— ¿ Também usam aqui marcas estranjeiras?

— Bem contra nossa vontade. Mas o público exige-as e nós temos que lhe satisfazer os gostos.

— Caso contrário...

— ...não venderiamos a nossa fazenda.

— Concorda, então, com as afirmações dos srs. Veríssimo de Almeida e Manoel Martins Cerqueira?

— Inteiramente. Vou, até, mais longe. Precisamos de defender e impôr as nossas indústrias. Precisamos de as nacionalizar. Para isso penso que se deveria lançar uma taxa pesada sôbre todo o artigo de produção nacional que se apresentasse com marca estranjeira.

— Como na Itália...

— ...e, também, como no Brasil e noutros países. A Itália até contribuiu as taboletas que não tinham nome nacional.

— Mas diga-me, sr. Palha: se os senhores se combinassem ou apresentassem os seus artigos bons com as suas marcas o públi-

co não perderia o vício do artigo estranjeiro? Não será, êsse vício, motivado pela má qualidade do artigo português?

— Não, senhor. Posso garantir-lhe que em Portugal se fabrica tão bem como no estranjeiro. O bom chapéu nacional rivaliza sem dificuldade com o austríaco, o italiano ou o inglês.

— ¿ O mal, então, é do público?

— Sem dúvida alguma. Entre um bom artigo nacional e um mau artigo estranjeiro, o público vai sempre pelo último porque parte do princípio falso de que êsse artigo é o melhor.

UM FACTO ELOQUENTE:

— ¿ Quere um exêmplo? uma vez, um comerciante africano fez à firma Palha & Palhas uma larga encomenda de *berzeguins,* imitando um modêlo inglês. Executamo-la. Metade levou a marca falsa e outra metade a marca nacional. Pois tivemos de substituir esta marca, porque não se vendia um único sapato.

— No entanto a marca estranjeira...

— ...teve um sucesso formidável que nos deu numerosas e grandes encomendas.

— Afinal, êsse foi um caso...

— Mas como êste, temos dezenas, talvez centenas.

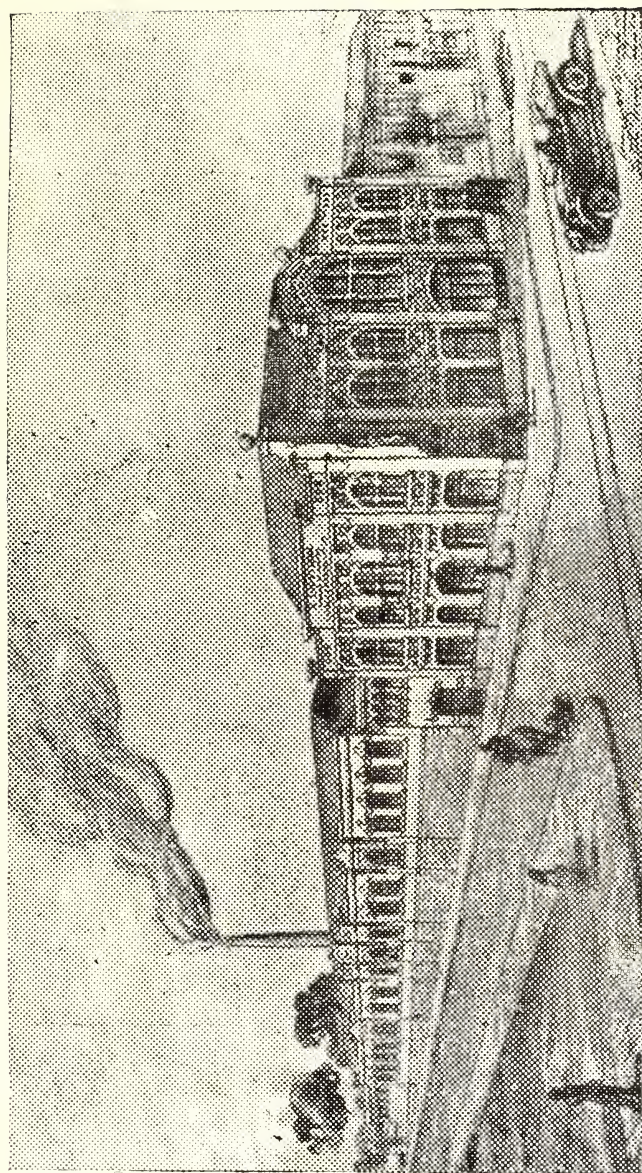
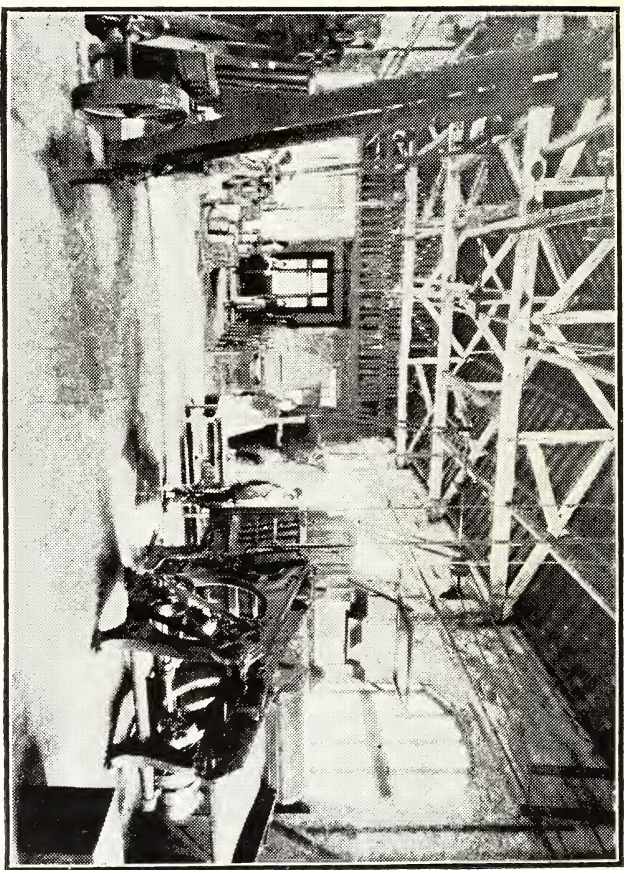
— Concluindo...

— ...considero indispensável, para honra da indústria portuguesa, acabar com o escândalo e a desnacionalização das marcas falsas. Praticar-se-há um acto de justiça para as nossas fábricas e até para o público.

As palavras do sr. Luís Palha encerram uma verdade flagrante, uma verdade iniludível.

Não são, apenas, as palavras dum homem. São as palavras duma classe que trabalha e que justamente deseja tornar conhecido o seu esfôrço. Nacionalize-se, portanto, a indústria portuguesa.

A INDUSTRIAL

ONDE SE PROVA, COM BEM FUNDAMENTADAS RAZÕES, QUE OS CHAPELEIROS DE BRAGA SÃO OS MELHORES DO PAIZ. O DECORO DA INDUSTRIA NACIONAL NÃO ADMITE AS : : MARCAS FALSAS : :

« A INDUSTRIAL » — Fachada principal

A INDUSTRIAL — Oficina de *suflagem*

A indústria de chapelaria, que nesta cidade tem largamente firmadas honrosas tradições, foi enriquecida, há sete anos, com mais uma fábrica poderosa: *A Industrial,* dos srs. Camilo, Teixeira & C.ª, L.ª. Fundada num período verdadeiramente ingrato, nem por isso deixou de se instalar com os necessários aperfeiçoamentos, constituindo, já hoje, um valioso factor económico que muito pesa no meio industrial bracarense. As suas instalações podem considerar-se modelares, contendo uma série enorme dos melhores e mais modernos maquinismos de chapelaria.

Como as outras fábricas, como tôdas as fábricas nacionais, *A Industrial* encontra-se altamente prejudicada com a praga das marcas falsas, vendo os seus melhores chapeus ignorados do grande público.

Vícios antigos e quási inamovíveis, crearam nos mercados portugueses, como já tivemos ocasião de salientar, um horror inexplicável pela produção nacional, entrando-se, assim, num caminho de descrédito para a nossa indústria e de grande prejuizo para o nosso país. Importa, pois, ir de encontro ao mal, diagnosticando-lhe o remédio necessário para honra da própria nação.

*

* *

A Industrial encontra-se instalada no bairro chapeleiro da cidade: na rua D. Pedro V. Ocupa um edifício extenso, construido especialmente para este fim, há sete anos, e com a face lateral voltada para a rua Ulisses Taxa.

Os escritórios estão situados num prédio que liga com o edifício das oficinas, ainda antigo, mas já condenado, onde vamos encontrar o sr. Bento José Ferreira Braga, antigo Director do Banco do Minho e actual sócio desta fábrica. O jornalista é recebido com

penhorantes atenções, e logo apresentado aos srs. Manoel Camilo d'Almeida e José Camilo d'Almeida, gerentes tecnicos — duas vontades decididas, dois rapazes cheios de aspirações justas, e trabalhadores incansáveis.

A visita à fábrica começa pela oficina de distribuição de pêlo. Duas máquinas excelentes, — *suflósas* — realizam a primeira operação para o fabrico do chapeu. Logo a seguir duas *basticósas,* formam o carapuço, juntando o pêlo por meio de pressão de ar e ligando-o com água quente. Depois, sucessivamente, o chapeu vai passando de máquina em máquina, levando mil e uma voltas, sofrendo constantes alterações. Assim, êle passa pelas mesas de *cojar,* onde se bate o feltro, unindo-o, dando-lhe consistência; pelas máquinas de «fuleuse», que o apertam; de *fulon,* que terminam o formato do chapeu; de *puchar* onde se forma a aba e a copa; de *informar,* de *afinar,* de *engomar,* de *lixar* e de *planchar* onde se efectua o último aperfeiçoamento. Há ainda oficinas de *tinturaria,* de *timbradeiras* e de *costureiras; carpintaria, encaixotamento,* etc.

O fabrico de *A Industrial* é quási todo mecânico, pois só na oficina de fulagem tem ainda algum trabalho manual. Fábrica recente, todo o processo de trabalhar é novo, sendo interessante acompanhar as diferentes e múltiplas operações que as máquinas realizam automáticamente e com uma precisão que espanta.

Visitada a fábrica, principiou o interrogatório.

— Quando se fundou «A Industrial»?

— Em 1921 — responde o sr. Bento Braga.

— Com os sócios...

— Julio António Amorim Lima, Bento José Ferreira Braga, Narciso Teixeira da Silva e António Camilo de Almeida, hoje representado pelos seus filhos.

— O capital era de...

— 300 contos, que actualmente se encontram fortemente valorizados, como teve ocasião de observar.

— Que pessoal emprega a fábrica?

— 110 pessoas, de ambos os sexos.

O sr. José Camilo esclarece:

— Como quási todo o fabrico é mecânico, necessitamos de

pouca gente. Caso contrário teriamos de empregar muitas centenas de operários.

— Produção?

— 4.000 chapeus em quarenta e oito horas.

— Vendem tudo que fabricam?

— Conforme. As epocas variam muito. Algumas há que levam tudo, sendo preciso, até, reforçar o trabalho.

— Outras...

— ... não conseguem extinguir os nossos *stocks*.

— Podem aumentar a produção?

— Podemos, mas não queremos. Perfilhamos, inteiramente, a opinião dos srs. Verissimo de Almeida e Luís Palha: o país tem fábricas demais para as suas necessidades.

— Nesse caso...

— ... procuramos, apênas, aperfeiçoar o nosso fabrico. Dentro dêste campo é que tem de se travar tôda a luta, e bem intensa se está a desenhar.

— O chapeu fabricado em Braga é bom?

— E' incontestavelmente o melhor do país. Ninguém, absolutamente ninguém, fabrica com tamanha perfeição.

Os chapeleiros de Braga são os verdadeiros mestres, em Portugal, desta indústria e os que mais se aproximam dos estrangeiros. Pode até dizer, sem errar, que não lhes ficam a dever nada.

— Exemplo?...

— O sr. Verissimo Martins de Almeida que é, sem dúvida, o primeiro técnico português. Em Portugal só teve um homem que o igualou: Camilo de Almeida, meu pai.

— Os chapeus estrangeiros não têm, de facto, grande superioridade sôbre os nossos?

— Não, senhor. E a prova está nos que por ahi circulam como estrangeiros, inundando os mercados, a maioria dos quais saiu das nossas fabricas.

A diferença está apênas...

— ... na *etiqueta*...

— ... exacto. Na *etiqueta*. Posso garantir-lhe que tenho aí qualidades e modelos perfeitamente iguais aos das casas Borsalino e Gliny.

— Mas porque não são conhecidos?

— Porque levam a marca falsa.

— E porque levam essa marca?

— Porque o público não quere, por coisa nenhuma, o nacional. Prefere ser enganado a saber a verdade. E' uma tirania, é uma vergonha para as nossas fábricas, mas temos que nos sujeitar à vontade do mercado — isto para não fecharmos as portas.

E o sr. Manoel Camilo conta factos demonstrativos da sua afirmação.

— Seria possivel remediar este mal?

O sr. Bento Braga:

— Supônho que sim.

— Como?

— Lançando um impôsto, uma sobretaxa, sôbre o chapeu de fabrico estrangeiro e outra sôbre o nacional que não tenha a marca da sua fábrica. Ou, então, diminuindo ás pautas aduaneiras. Isto, sobretudo, é que é mais razoavel.

Procedendo, assim ter-se-há defendido a indústria portuguesa e praticado uma eficaz e proveitosa medida económica.

— E', portanto, contra as marcas falsas?

— Como todos os industriais portugueses. E' o proprio decoro nacional, o crédito das nossas fábricas que determinam este modo de pensar.

Defendê-lo é defender uma causa justa e patriótica.

— Tambem importam materias primas?

O sr. José Camilo:

— Tôdas.

— Mas não as tem em Portugal?

— Não, senhor. Apênas temos pêlo e fôrros. Mas o pêlo além de não chegar para o importante consumo, não satisfaz.

— Não satisfaz?!

— O melhor pêlo é dos coelhos que vivem nos países frios. E quanto mais frio fôr o país tanto melhor será o pêlo.

— Nessas circunstâncias...

— ...o único recurso é a importação.

—Pensa que tem inconvenientes?

O sr. Bento Braga:

— Tem, e muitos. Os principais consistem na contínua drenagem para o estrangeiro de grande quantidade de ouro.

Contudo nunca os poderemos evitar porque nunca conseguiremos ter em Portugal as materias primas.

— A importação fica cara?

— Muito cara. Como tive já ocasião de dizer, as pautas aduaneiras são elevadissimas, sobrecarregando depois o artigo manufacturado.

UM CASO FRISANTE: — Para que o meu amigo faça uma ideia, basta dizer-lhe que paga mais de direitos a materia prima do que o chapeu fabricado. Depois, ainda existe outro grave inconveniente...

— ...que vem a ser...

— ...o da aquisição de cambiais. As dificuldades para as obter são aos milhares. Verdadeiramente passamos um calvário para conseguir o que precisamos.

— Não seria possivel diminuir aos preços?

— De forma alguma. Os enormes encargos que pesam sôbre nós, não permitem sensiveis baixas.

— Mas como se explica a modicidade de preços dos chapeus estrangeiros?

— Explica-se muito fácilmente. Em primeiro lugar porque não teem de pagar enormes direitos pelas matérias primas; em segundo lugar as fábricas trabalham maior numero de horas; em terceiro lugar porque as suas contribuições são bem inferiores ás nossas.

— E a quanto sobem as da «Industrial»?

— A 50 contos, numeros redondos.

Como vê é uma contribuição asfixiante.

— Quais são, no momento presente, os mercados principais para os seus artigos?

— Continente, Ilhas e Colónias portuguesas.

— Vendem muito para a Africa?

— Menos de 5% da nossa produção.

— E' pouco.

— Mais poderia ser se não fôsse a dificuldade das transfe-

rências, a crise que o comércio africano atravessa e a infiltração da indústria alemã, como bem disse o sr. Luís Palha. Assim êste mercado está quasi perdido para nós.

— Parece-lhe que fará falta?

— Será, talvez, a morte de muitas fábricas. Julgo, por isso, que se deve tratar de resolver o grave problema. Ao govêrno cabe êsse dificil encargo. E' o supremo interêsse duma das mais antigas e importantes indústrias nacionais que o pede.

— Tambem exportam?

— Pouco. O Brasil e a India, no entanto, consomem-nos alguma coisa.

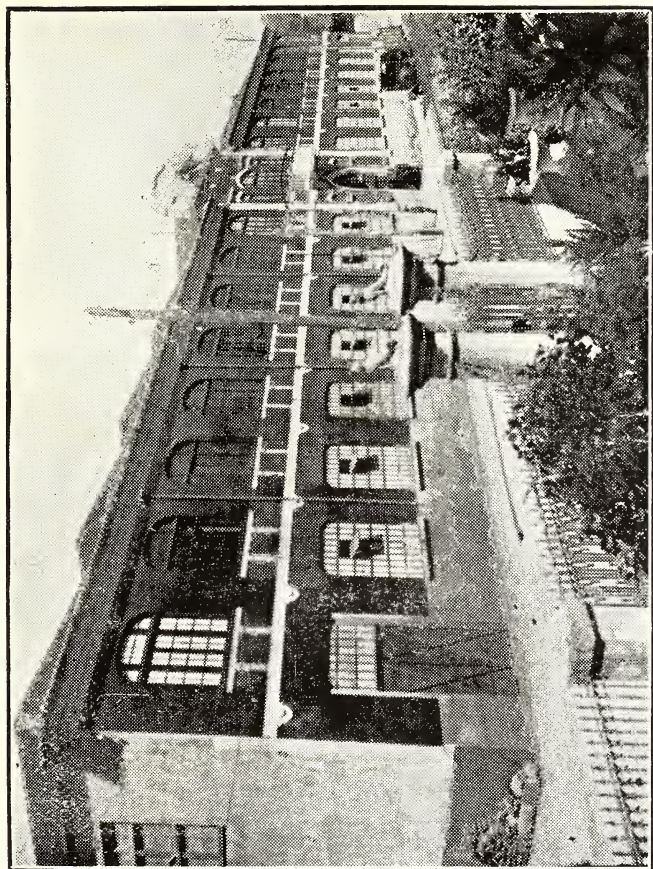
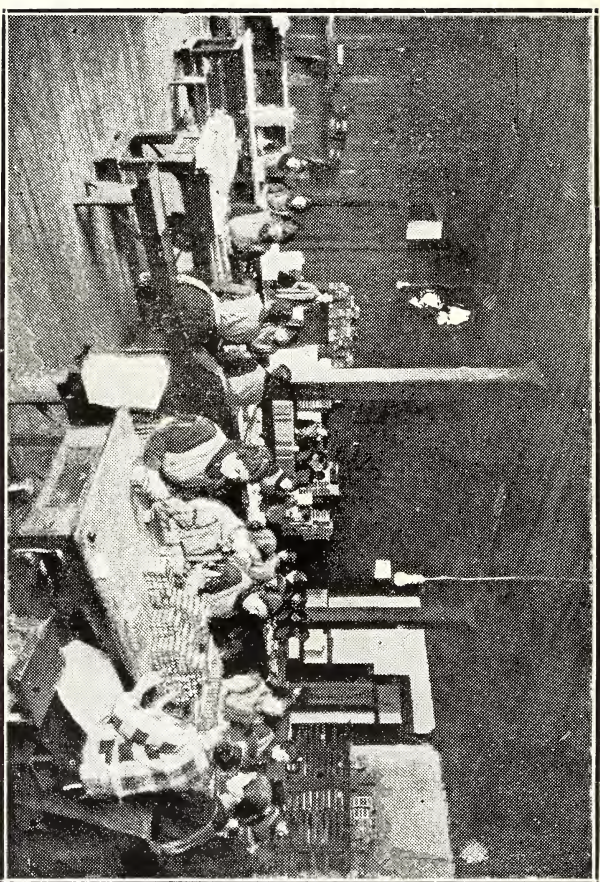
— Porque não procuram novos mercados?

— Pela dificuldade de concorrência. O chapeu português é dos mais caros por causa dos motivos que lhe expuz.

— Entende, pois, que se deve proteger a indústria nacional?

— Entendo, sim, para que ela possa alargar-se e converter-se num poderoso factor económico, ambicionado pela iniciativa particular e com o qual muito terá a lucrar o nosso país.

A SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA

ADIANTE TRATA-SE DAS INDÚSTRIAS DE SABOARIA E PERFUMARIA --- DA SUA IMPORTANCIA, DO SEU DESENVOLVIMENTO E DO SEU VALOR. UM NOBRE EXEMPLO DE : : NACIONALISMO : :

SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA — Fachada principal

SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA — Oficina de acabamentos

ENTRE o intenso labôr industrial que vai adentro dos velhos muros de Braga, que lhe está a dar elementos de riqueza, de vida, de renascimento, a indústria de saboaria e perfumaria destáca-se, realça, impõe-se.

Entrando na Provincia na segunda metade do seculo XIX, ganhou fundas raízes a ponto de se avantajar, em importância, a muitas das mais antigas indústrias bracarenses.

E' delicada, e demanda dum saber especializado. Sobretudo a de perfumarias é uma indústria de requintes, estilizada, que, sem se querer, lembra cabelos empoados e gólinhas de renda. E tem razão de ser assim, efectivamente, porque é uma indústria femenina, bela, tôda dirigida á sensibilidade.

Os perfumistas de Braga têm, já hoje, nome conquistado. No país não ha melhores. As dificuldades para eles quasi não existem.

O seu esforço tem vencido, tem triunfado. Dizemo-los em favôr.

E é um esforço inteligente que dá honra e proveito á cidade.

*

* *

A *Saboaria e Perfumaria Confiança,* da rua Nova de Santa Cruz, constitue o primeiro elemento dessa interessante e valiosa indústria.

Ao mesmo tempo representa um dos melhores exemplos da iniciativa particular. Não é velha, mas sempre conta 34 anos. E é curioso notar que se torna mais nova á medida que decorre o tempo — mais nova e mais robusta.

Remodelada pouco a pouco, tem mudado de aspecto — progredindo, transfigurando-se, aperfeiçoando-se, adquirindo sempre os mais recentes maquinismos, colocando-se a par das melhores creações da sua especialidade.

Por todos os motivos é o que pode chamar-se uma fábrica moderna.

Os seus produtos podem colocar-se ao lado dos melhores estrangeiros.

Afóra esta razão, a *Confiança* tem, para nós, uma virtude: não se tem desnacionalizado, estrangeirando, no nome, os seus artigos.

E' uma fábrica portuguêsa com produtos portugueses. A-pesar-de ter de servir um público que desdenha do fabrico nacional, repleto de falsos conceitos e de erros, a *Confiança* nem por isso deixa de pôr em todos os seus trabalhos o seu nome, a sua marca.

Os rótulos falsos não existem adentro daquela honrada casa de labor. E' êste um procedimento belo e nobre—bem digno duma fábrica portuguesa.

Mas ainda há mais. A *Confiança* tem montado um serviço de assistência ao operário como outro se não encontra por aqui.

Ora todo êste esfôrço, que afirma sem favor uma robusta compleição de actividade, deve-se a três homens que são três grandes industriais: os srs. Domingos José Afonso, Rosalvo da Silva Almeida e Manuel dos Santos Pereira, fundadores e actuais directores da fábrica.

E' ao seu tino administrativo, á sua energia, ao seu saber, ao seu patriotismo que a *Confiança* deve a sua existência, o seu progresso e o seu triunfo.

A visita efectua-se às 4 horas da tarde—precisamente no momento em que a laboração é mais intensa, em que a azáfama é maior. Nas diversas oficinas, nas diferentes secções uma multidão de operários trabalha incessantemente.

José Peixoto d'Almeida, um amigo dos mais queridos, uma vontade e uma actividade, de quem a *Confiança* tem muito a esperar, recebe-nos à porta e, passados momentos, coloca-nos frente a frente com os srs. Rosalvo d'Almeida e Santos Pereira.

OS PRINCIPIOS DA «CONFIANÇA» Trocam-se, primeiro, palavras de cumprimentos, fazem-se considerações gerais a propósito e a despropósito. E, depois, o interrogatório começa.

— Foi neste mesmo lugar que montaram, inicialmente, a fábrica?

— Foi neste lugar, mas em edificios que já destruimos para levantar o actual.

— E fundaram-na em...

— 1894. Ha 34 anos, portanto.

— Os dois?

O sr. Santos Pereira:

— Sim, nós dois: eu e meu cunhado, Rosalvo d'Almeida.

— Com o capital de...

— 10 contos de reis.

Num sorriso e num significativo comentário:

Bons tempos, êsses, em que se montava uma fábrica, embora modesta, com 10 contos, não lhe parece?

— Que produziam?

— O que produzimos hoje: sabão, sabonetes e perfumarias.

— Capacidade de fabrico?

— 1.000 caixas por mês, de sabão. Pequena, sem dúvida, mas considerável para a época.

— A firma sofreu, mais tarde, transformações?

O sr. Rosalvo d'Almeida:

— Passados anos associamos ao nosso empreendimento o querido amigo e grande capitalista sr. Domingos José Afonso que desde aí nos tem acompanhado sempre.

— Depois...

— Em 1920 resolvemos constituir uma sociedade anónima, tendo-se passado o papel com a maior facilidade, por tal modo a *Confiança* estava acreditada.

Portanto, o seu capital actual é de...

— ... 1.200 contos realisados, que poderemos elevar até 2.000 se julgarmos necessario.

A «CONFIANÇA» TEM CONDIÇÕES PARA SATISFAZER, EM PORTUGAL, TODO O CONSUMO DE SABONETES

— Pensam aumentar a fábrica?

— Conforme as exigências do consumo. Para já, pensamos, apênas, aperfeiçoar o fabrico, pois a capacidade de produção é muito mais que suficiente.

— Oscila por...

— De sabão, 8.000 caixas mensais. De sabonetes por metade, talvez, do consumo do país.

— Podem eleva-la?

— Em caso de necessidade temos condições para a elevar ao dobro.

O sr. Santos Pereira intervem de novo:

— Hoje todo o nosso interêsse é aperfeiçoar o produto fabricado, de forma a que nada fique a dever ao estrangeiro.

— Para tanto...

— ... temos adquirido as mais modernas máquinas, podendo assegurar-lhe que temos o que há de melhor no género.

— O que lhes permite...

— ... não recear confrontos.

ESSENCIAS... AS ACTUAIS INSTALAÇÕES. O SEGREDO DE MUITA ARTE

E o sr. Santos Pereira, levanta-se, abre uma porta e diz-nos atenciosamente:

— Mas dê-nos o prazer de visitar a fábrica. Venha avaliar, *de visu*, o nosso esfôrço.

Adiantamo-nos. A' saida da sala damos com um recinto enorme, de muitos metros de comprido, disposto em anfiteatro. Na altura do 1.º andar um corredor em tôda a volta. Em baixo, ao fundo, dezenas de fôrmas onde o sabão cai, formando pasta. Dum lado caldeiras de grandes dimensões, onde as materias primas se juntam, misturam para fazer a massa do sabão.

Do outro mais de 10 pequenos quartos para gabinetes de perfumarias, pó de arroz, e depósitos de frascos. Em muitos deles essências, muitas essências... O encanto, a loucura de muita gente... e o segrêdo de muita arte...

Voltamos, depois, à direita. Muitas salas, umas após outras,

aparecem na nossa frente. São armazens de sabonetes, que se vêem aos milhares, oficinas de acabamento e expedição.

Dentro dum quadro de nogueira, o diploma do Premio de Honra (o maior) obtido o ano passado na Exposição das Caldas da Rainha.

A seguir a sala do mostruário. Duas lindas vitrines com o mais lindo recheio. As qualidades, as marcas de sabonetes, de perfumes, de cremes, de pó de arroz, de pastas dentifricas multiplicam-se. Dispostas com gosto, impressionam o visitante.

— Repare na apresentação e na qualidade. Veja agora a apresentação e a qualidade destes artigos francezes.

— Quais são as melhores marcas?

— Em sabonetes a *Floral, Miosotis, Colonia, Rosa Créme, Excelsior,* etc. A ultima abrange toda a nossa série de produção — perfumes, pó de arroz, creme, *stique* para a barba, etc.

— Quantas marcas tem?

— Cerca de 150.

— A mais barata...

—... custa 1$60 a duzia...

— A mais cara...

—... 384 escudos.

— Procuram imitar o producto estrangeiro?

— Embora conheçamos tudo o que se faz nas grandes fábricas, como na Cotty, na Houbigant, na Colgate, Floralia, etc. e façamos artigos semelhantes, preferimos, contudo, impôr o producto exclusivamente nosso.

Descemos ao rés do chão. A sala de máquinas é ampla e higiénica. E' nesta sala que se realizam as diversas operações de aperfeiçoamento da massa destinada aos sabonetes, determinando-lhe a qualidade, distribuindo-lhe o perfume, imprimindo-lhe o formato. Cada operação destas tem a sua máquina, a sua especialidade.

Vamos inquirindo:

— Quais são, para os senhores, os mercados mais importantes?

— Os do Minho, do Douro e de Traz-os-Montes, para sabão. Para sabonetes e perfumes os de todo o país.

— Não vendem para as ilhas?

— Vendemos e bastante.

— E para a Africa?

— Pouco. Já lá tivemos esplêndidos mercados e poderemos, ainda, vir a ter, desde que se efectue o ressurgimento financeiro das nossas colonias.

— Actualmente...

—... as dificuldades de transferências e a enorme crise porque passa o comércio de ali não nos permite pensar nelas.

E' um facto profundamente lastimável e para o qual os nossos governantes precisam de olhar. São valores consideráveis que todos estamos a perder.

— Porque motivo colocam sabão só no Norte?

— Porque os portes, para o sul, ficam imensamente caros, elevando os artigos a preços fóra do mercado.

Chegavamos à retaguarda do primeiro edifício. Junto dêle outro se levantava, de proporções mais modestas. Destina-se ás oficinas de carpintaria, embalagem grossa, armazem de óleos, garage, etc.

UMA GRANDE OBRA DE ASSISTENCIA AOS QUE TRABALHAM

— Quantos operários tem a fábrica?

— 80, de ambos os sexos.

— Que vencem, anualmente...

— Cerca de 200 contos.

O sr. Rosalvo d'Almeida esclarece:

— A nossa casa é das poucas que dispensa ao operario um carinho especial, procurando rodeá-lo da melhor e mais eficaz assistencia — moral e material.

— Assim...

— Oferecemos-lhe, a titulo de prémio, várias regalias, e damos-lhe médico, tanto para êle como para a familia. Além disto pagamos, em caso de doença, e por tempo indeterminado, o ordenado por inteiro. Como compreende, é alguma coisa. Por aqui não há outra fábrica que faça o mesmo.

Por último, retrocedemos ao ponto de partida. Passamos agora pelos escritorios, instalados na parte central da frontaria. Muitos empregados, muitas mesas, muito trabalho. O asseio que se nota em toda a fábrica é mais que natural — é exemplar.

Já no gabinete do sr. Santos Pereira, continuamos:

— A mão de obra é cara?

— Nem por isso. O que determina o encarecimento dos nossos productos é o custo das materias primas. A mão de obra, à beira deste, é insignificante.

Há, tambem, um outro motivo que pesa egualmente sôbre o público e sôbre nós, arrasando um e outro.

O SORVEDOIRO DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

— ... e é...

— ... o dos encargos. As contribuições e impostos que pagamos asfixiam-nos, fazendo-nos perder a vontade de trabalhar. Porque o dilema é êste: se encarecemos os productos o público não compra. Se os não encarecemos perdemos no fabrico.

— A quanto sobem as contribuições?

— A cem contos, aproximadamente, entre o que pagamos á Camara e ao Estado, como podemos provar com estes documentos.

O sr. Santos levanta-se, abre uma estante, e tira de lá vários *dossiérs* que coloca na nossa frente.

— Peço-lhe o favor de ler êstes recibos.

E depois duma pausa:

— Como vê é muito, é arrasador. No entanto ainda não é tudo porque o Estado ainda vem partilhar dos lucros apresentados no relatorio do fim de ano.

Num desabafo sincero:

— Posso garantir-lhe que estamos contribuidos em excesso. A nossa produção não pode com tamanhos encargos.

— Importam matérias primas?

— A maior parte delas.

— Porquê?

— Porque não as ha no país ou se as ha o seu custo é egual ou superior ao das estrangeiras.

— Egual ou superior?

— Infelizmente. Os productos das colonias estão pesadamente contribuidos, não oferecendo vantagens ás nossas industrias.

Se não fosse isto a nossa Africa poderia ser a única fornecedora dos oleos vegetais, por exemplo.

— Os direitos importados sobre as matérias primas são grandes?

— Simplesmente fabulosos. São eles que determinam o encarecimento das referidas matérias e, por conseqüência, dos nossos productos. Porque, devo dizer-lhe, a proteção á nossa indústria é pequena, é quasi insignificante.

— Para terminar: Tem, tambem, marcas estrangeiras? Concordam que é preciso nacionalizar a industria portuguesa?

— Absolutamente. E é por isso que lhe dizemos, com agrado, que já há muito acabamos com os rótulos importados, com os chamados rótulos falsos. Todos os nossos productos levam a marca da casa. Sofremos, com isto, ás vezes, prejuizos? Paciência. Temos, porém fé, de que havemos de vencer.

— Não fabricam exclusivos?

— Fabricamos. A esses, se quizer, podemos chamar produções anónimas.

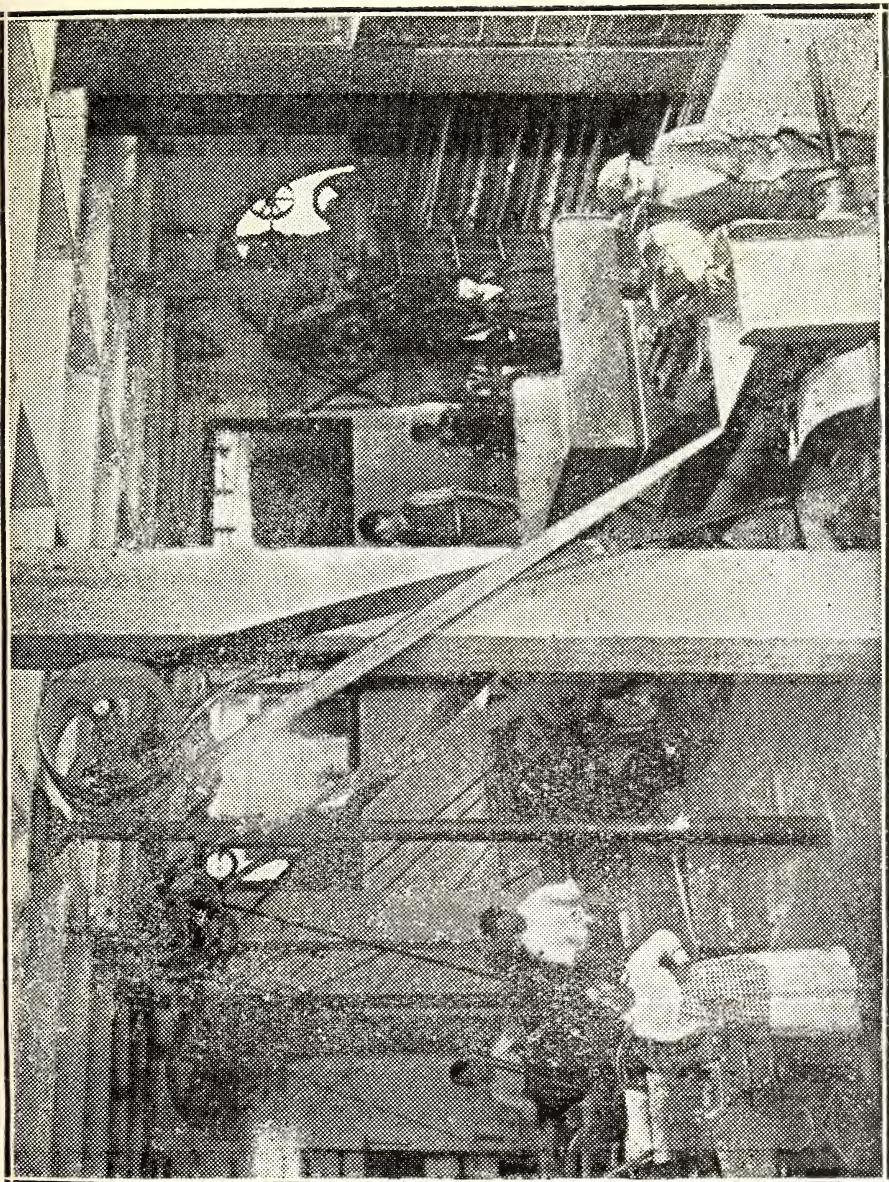
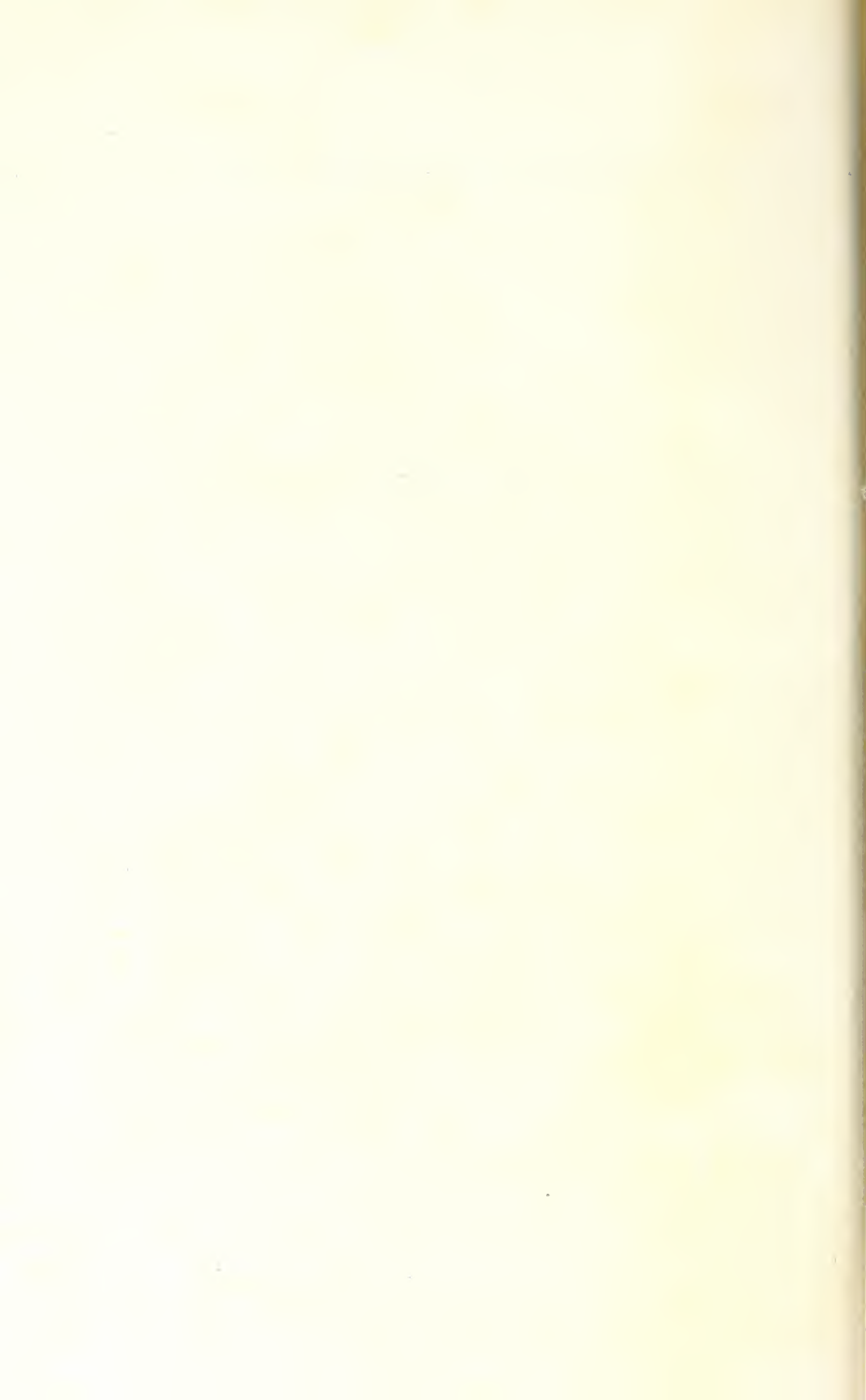
Concretisando:

— E' por assim procedermos que a nossa Fábrica tem nome e tem crédito — o que, em boa verdade, nos compensa de todas as outras contrariedades.

— São partidários do imposto sobre todos os artigos fabricados em Portugal que se apresentem com rótulo estrangeiro?

— Somos, sim senhor. Mas isso só não basta para resolver o problema. E' preciso, tambem, baixar as pautas aduaneiras das matérias primas, a fim de que a industria portuguesa fique em condições de concorrer abertamente com a estrangeira.

Procedendo desta forma ter-se-ha — creio-o firmemente — praticado uma grande medida a bem da riqueza pública e, sobretudo de Portugal.

Com estas palavras, que encerram uma verdade clara, eloquente, estava terminado o nosso inquérito á «Saboaria e Perfumaria Confiança» — exemplo grandioso e impressionante do esfôrço particular ao serviço duma causa nobre.

SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA — Casa das maquinas

SABOARIA A VAPOR

NESTA ENTREVISTA FALA-SE DO APARECIMENTO, NO MINHO, DA INDUSTRIA DE SABOARIA, DA GRANDE CRISE PORQUE ESTA PASSA E DOS MOTIVOS QUE LHE DERAM CAUSA.

É nossa convicção que Braga atingirá num futuro breve, uma enorme, uma poderosa expansão industrial. A grande maioria das nossas fábricas — e muitas já são elas — encontra-se profundamente acreditada e fortalecida, prometendo um largo desenvolvimento.

E' uma fôrça a crescer por forma de que nos podemos orgulhar.

Embora as suas tradições industriais não sejam das mais importantes, o certo é que desde ha muito a iniciativa particular se abalançára a uma obra fecunda, trabalhando incessantemente para aumentar a riqueza pública, num belo e dignificante procedimento. As indústrias de Braga não cristalizaram, não emperraram. Bem ao contrário, e não obstante a hora dolorosa que se atravessou, elas foram progredindo, conquistando simpatias para a sua terra, gritando bem alto a sua múltipla grandeza.

Hoje já se não pode dizer que Braga é uma terra sem indústrias como se não pode dizer que fabrica, apenas, calçado e chapeus.

*

*   *

A *Saboaria a Vapôr* dos srs. J. M. Martins & Filho, que fica na Rua 5 de Outubro, é uma das mais antigas fábricas de Braga, e a mais antiga saboaria.

Apezar de por ela já terem passado 51 janeiros — e isto para uma fábrica é muito, — não se encontra ainda cansada, nem gasta.

Não é, no entanto, uma fábrica moderna, uma fábrica com amplos edifícios. Faltam-lhe maquinismos que já hoje são vulgares noutras casas, mas tem tôdo o preciso para bem corresponder à sua

indústria. E' uma fábrica como se quer, de crédito sólido, que criou e impôz uma vez um tipo de produtos e nunca mais teve necessidade de os modificar.

*

*   *

O nosso inquérito é rápido. O sr. Joaquim Maria Martins e seu filho, sr. José Rubens Martins, encontram-se nos seus escritórios, onde nos recebem.

Dissemos-lhes dos nossos fins, dos fins da nossa missão.

E começou, depois, o interrogatorio:

— O sr. Martins foi o fundador da fábrica?

— Não fui. Eu vim para ela 3 anos depois.

— Quem a fundou, então?

— O sr. Manuel José Gomes da Rocha.

— E fundou-a em...

—... 1867.

Explicando:

— Constituiu um arrôjo, um autêntico cometimento. Nessa altura as fábricas, no norte, eram poucas e deficientissimas. Por isso foi preciso muita fé e muito boa vontade para meter ombros à empresa.

— Esta fábrica é, pois, a mais antiga de Braga?

— E' a mais antiga do Minho.

— Montaram-na, aqui, de entrada?

— Não, senhor. Primitivamente esteve nas Carvalheiras. Em 1872 passou para a rua de S. Sebastião. Só depois, em 1876, passou para esta rua e casa.

— Quanto produzia nessa época?

— Andava por 10.000 caixas por ano, aproximadamente, ou sejam convertidas em moeda, 100 contos.

— Que capital tinha?

— Um capital pequeno, porque pequenas eram as exigências da época.

— Seria de...

— 8 ou 10 contos.

— Quando tomou conta da propriedade da Saboaria?

— Em 1879, após o falecimento do sr. Gomes da Rocha.

— Ficou só?

— Alguns, bastantes anos. Mais tarde associei, então, o meu irmão, Candido Maria Martins, que me acompanhou até 1908. Neste ano saiu, aproveitando eu a oportunidade para associar meu filho.

— Que pessoal empregava?

— 14 operarios.

— Fabricavam...

— Sabão de todas as qualidades, como: rosa, azul e branco, e amarelo Amendoa.

— Os processos de fabrico são os mesmos?

— Não, senhor. Antigamente usavamos o processo marselhês. Pozemo-lo de parte porque era, sobretudo, muito moroso. Basta dizer-lhe que levava tres dias a fazer uma caldeirada que hoje se faz em pouco mais de meia duzia de horas.

A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DA FABRICA.—HORAS DE CRISE.—A ENORME CONCORRENCIA INDUSTRIAL

— Qual é, sr. Martins, a capacidade produtiva da fábrica?

— A capacidade, propriamente dita, é de 8.000 quilos. Mas agora não precisamos de produzir tanto. A nossa produção não deve exceder 400 caixas por mês.

— Tenciona desenvolve-la?

— De forma alguma. Penso em sustenta-la — e já não faço pouco.

— Porquê?

— Porque o fabrico quasi não compensa. Estamos a sofrer fortes prejuizos. Só nestes 3 anos últimos, foram-se-nos mais de 100 contos.

— Como pode ser isso?

— Muito fácilmente. Como sabe, a União Fabril, de Lisboa, é quem lança os preços, visto ser a maior fábrica e a que pode considerar-se um perfeito potentado. Ora a União Fabril, de vez em quando, dá-se ao capricho de fazer grandes e injustificadas baixas, com a intenção manifesta de chegar à pequena industria.

— Daí...

— Resultam para nós os maiores inconvenientes. Para concorrermos com os seus produtos, afim de conservarmos os clientes, temos de nos sujeitar a prejuizos certos e avultados.

— Quais são, para os senhores, os melhores mercados?

— Os do Norte, como é facil de compreender, em virtude da economia que resulta dos transportes.

— Qual é o capital social?

— 200 contos.

— E chega?

— Perfeitamente. A nossa produção é obtida com grandes irregularidades. Passam-se dias, ás vezes semanas e meses em que o trabalho falta por completo. Este facto compreende-se sem custo se tivermos em vista a enorme concorrencia do momento que atravessamos.

— Que marcas usam nos seus produtos?

— Apenas uma: *Globular,* que está registada.

— Não tem, nesse caso, marcas estrangeiras?

— Não, senhor.

— E não fabricam exclusivos?

— Tambem não.

— As materias primas usadas nesta fábrica são nacionais?

— Algumas são, como o cebo. A maioria delas, a grande maioria, porém, vem lá de fóra.

— E os oleos?

— Muitos deles, são importados, ainda, do estrangeiro. Mas a sua maior parte é fabricada em Portugal com sementes vindas das colonias e de varias nacionalidades. E' preciso notar, no entanto, que os seus preços são tão elevados como se o producto fosse, realmente, estrangeiro.

— Esse facto não lhes traz grandes encargos?

— Inegavelmente. E' ele que provoca a alta dos preços.

A GARRA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. — AS ALCAVALAS FABULOSAS SOBRE OS DIREITOS DE IMPORTAÇÃO

— Quantos contos pagam ao Estado e à Camara, de contribuições e impostos?

— 21 contos. Para o capital que temos e para o movimento da fábrica é muito, é quási insuportavel. Tenho tido verdadeiros desânimos. O peor, ainda assim, são os direitos sobre os artigos importados.

— Ficam caros?

— Carissimos. Ninguem imagina. Quando encomendamos um artigo julgamos uma coisa e quando ele chega verificamos a realidade dum facto bem mais triste: verificamos a existência de adicionais enormes, autênticas alcavalas, mil vezes superiores aos direitos. Quere ver?

O sr. Joaquim Martins mostra-nos, então, um *dossier* com um exemplo frisante: Uma determinada quantidade de soda caustica pagou 63$98 de direitos e 2.534$62 de alcavalas. Ao todo a linda soma de 2.599$60.

— Como vê, é impossivel trabalhar assim.

— Parece-lhe que seria necessário dispender uma proteção maior á indústria nacional?

— Penso que sim. O Estado cobra de nós muito dinheiro e quanto mais desenvolvidas estiverem as nossas fábricas, mais ele cobra.

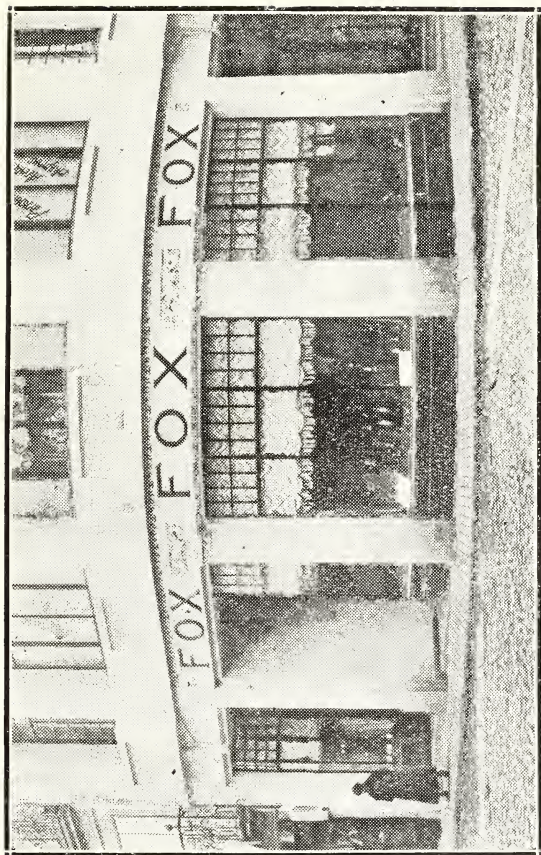
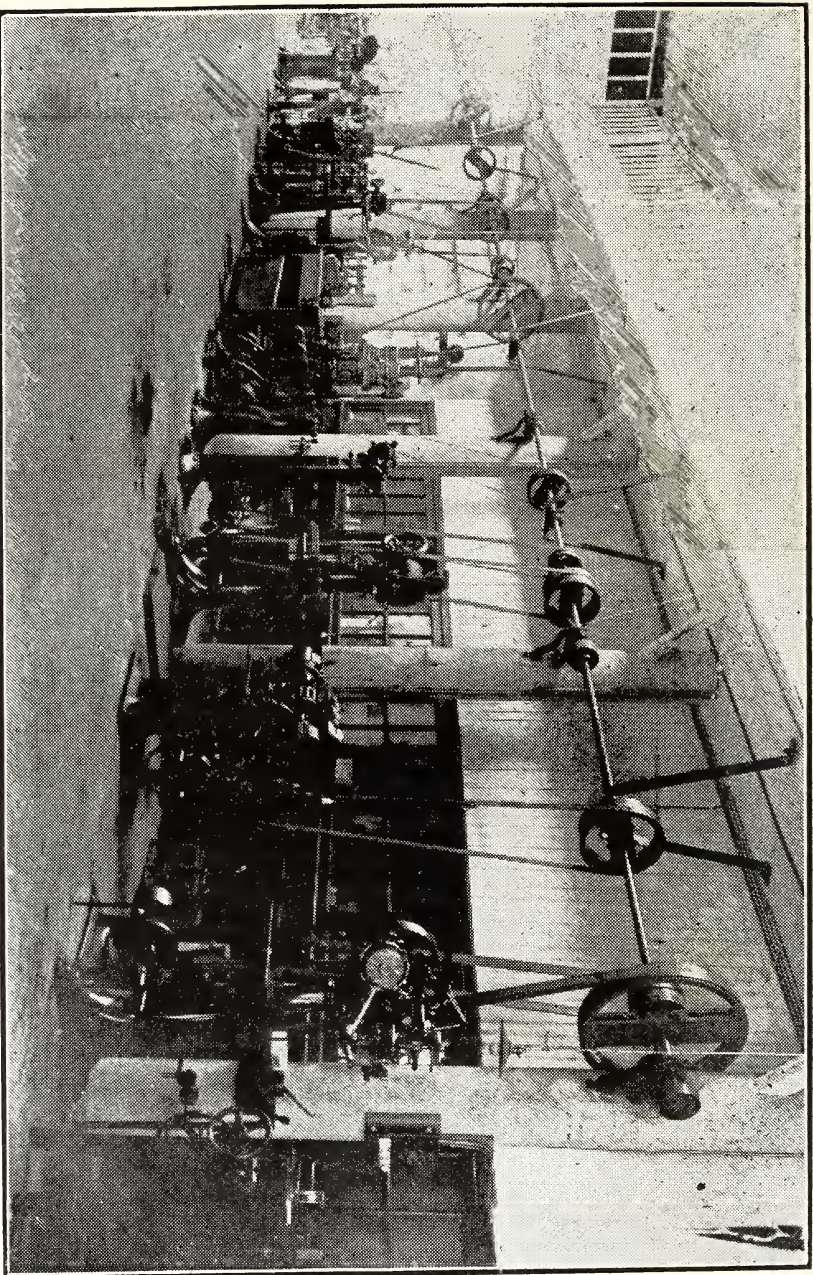
Por isso julgo que tôdo o seu interesse está em auxiliar-nos.

— Esse auxilio deverá efectuar-se...

— Na baixa dos direitos das matérias primas. Com esta medida ter-se-ha facilitado o nosso trabalho e permitido o aumento da riqueza industrial. Caso contrario será a ruina, a morte. Isto, pelo menos, é o que se dará por nosso lado.

Estas palavras queriam dizer, e com razão, que tudo estava dito. Apresentamos, por isso, as nossas despedidas, tanto mais que, céleres, as horas já iam adiantadas, perdidas no começo da noite...

EMPRESA DE CALÇADO "FOX,,

COMO, DUM RUDE MISTER, SE FEZ UMA INDUSTRIA DELICADA, DE ELEGANCIA, E DE RECONHECIDO MERE-
: : : CIMENTO : : :

EMPREZA DO CALÇADO «FOX» — Deposito de vendas de Braga

FABRICA DE CALÇADO «FOX» — Um aspecto da Sala de maquinas

A velha indústria de sapataria, que desde remotos tempos se encontrava disseminada por essa cidade além, em mil e uma pequenas oficinas, possue hoje na *Fox* uma fábrica poderosa e um elemento de alta valia para o seu desenvolvimento.

Com marcada vantagem, a *Fox* veio actualizar o esfôrço hercúleo do braço humano que se consumia, esfacelava num trabalho violento e ingrato. O progresso da sciência, foi criando dia a dia novos instrumentos de fabricação, conseguindo máquinas aperfeiçoadíssimas que lentamente foram substituindo o trabalho manual pelo mecânico.

Nos diferentes ramos de actividade, esta substituição pode considerar-se realizada, com resultados seguros e vantajosos para a economia de tempo e aumento de produção.

A *Fox* é um exemplo — um exemplo honroso e nobilitante para Braga, que por tal forma vê dotada de novas energias, de novos valores uma indústria que fôra importantíssima e ameaçava quási desaparecer.

Acompanhando o movimento de renovação contínua que é toda a síntese da vida, esta cidade mostra-se forte para a segura conquista do Futuro, introduzindo sucessivamente na sua complicada nomenclatura económica, consideráveis elementos vitais que lhe asseguram um progresso certo.

*

*   *

A Fabrica *Fox* ocupa, actualmente, os edifícios que ainda há 4 anos pertenciam à Companhia Fomento do Minho, Limitada, na rua dos Biscainhos, ao entrar a cidade.

E' um predio baixo, mas relativamente comprido, estendendo-se também para a rua do Côrvo.

A' frente da *Fox,* como delegado do Conselho d'Administração, encontra-se um bracarense pelo sangue e pelo sentimento, trabalhador exemplar, comerciante de seguro critério admínistrativo: o sr. Carlos Ramos de Barros Pereira. Da sua actividade, dos seus conhecimentos em matéria industrial, tem a *Fox* muito a esperar, pois já hoje lhe deve relevantes serviços.

O jornalista vai encontrá-lo no seu posto de gerente da fábrica, num pequeno gabinete, assoberbado por uma infinidade de assuntos que simultaneamente pedem a sua atenção.

A *Fox* está a trabalhar em cheio, num movimento assombroso, despejando por hora dezenas de pares de calçado.

Nas diversas oficinas não há uma única máquina em descanso. Alinhadas em duas filas, cada uma com o seu operário, oferecem um aspecto curioso de intenso labôr. Interrogamos:

— Muito trabalho?

— Imenso. Estamos verdadeiramente sufocados. Imagine que já aumentamos ao nosso horário 2 horas extraordinárias e nem assim conseguimos satisfazer as encomendas que temos.

— Para onde vai tanto calçado?

— Para as diversas terras do continente, Madeira e Africa.

COMO DUMA PEQUENA TENTATIVA NASCEU UM GRANDE EMPREENDIMENTO

— Diga-me, Sr. Carlos Ramos, como nasceu a ideia da *Fox?*

— Nasceu duma pequena tentativa. Como sabe, eu e quatro amigos resolvemos instalar, em 1925, uma pequena fabrica de calçado de criança, que durante algum tempo funcionou na casa do sr. Matos, na Estação. A breve trecho, porém, verificamos que havia imperiosa necessidade duma fábrica maior, que assegurasse uma certa produção. Ao mesmo tempo...

—... reconheceram...

—... que esta indústria principiava a cair em Braga em virtude de não acompanhar os aperfeiçoamentos que no extrangeiro e até em Portugal já eram vulgares.

— Daí...

—... nasceu esta Empresa. Possuidos dum grande sonho atiramo-nos a um largo empreendimento. Principiamos por contratar um técnico distinto, sem dúvida alguma um dos melhores do país, a quem, desde logo, oferecemos sociedade.

— Depois...

— Demos-lhe plenos poderes para comprar os precisos maquinismos. Percorrendo a Belgica e a França o nosso sócio não encontrou coisa que o satisfizesse. Dirigiu-se, então, à Alemanha, encontrando na Casa *Atlas Werke*, de Leipzig a ultima palavra em maquinas de calçado.

— Comprou algumas?

— Nada menos de 72. Alem destas adquiriu, tambem, 36 máquinas de costura.

— Regressando a Portugal...

— Fizeram-se sem demora as instalações. Em 1926 tinhamos a *Fox* pronta a funcionar, pelos processos mais completos e mais recentes.

NO CALÇADO NÃO HA MARCAS FALSAS

— Qual foi o capital primitivo?

— 600 contos. Ultimamente, porém, foi aumentado para 1.200, com a entrada de mais alguns sócios.

— Quem foram os sócios fundadores?

— Os srs. Carlos Dias, Amadeu Oliveira, Domingos Pereira de Souza, José de Albuquerque Matos Violante, como técnico, e eu.

— Qual a capacidade de produção da *Fox?*

— 200 pares por dia normal de 8 horas. Contudo, poderemos elevá-la ao dôbro, bastando-nos, para isso, comprar mais 3 máquinas.

— Que pessoal emprega?

— 90 homens e 49 mulheres.

— Ao todo...

—... 139 operários.

— Que vencem o ordenado de...

—... 43 contos por mês. Excluo, note, o pessoal de escritório.

— Ainda tem outros encargos?

— Algum pessoal assalariado, mas de pouca importância.

O interrogatorio vai incidir, agora, sôbre outro aspecto.

— A *Empreza de Calçado Fox* destina-se, simplesmente, ao fabrico ou tem em vista, tambem, a venda?

— As duas coisas. Tanto em Braga como noutras terras do país possuimos depósitos para vender, exclusivamente, as nossas marcas.

— E teem sido bem acolhidos?

— Por forma que nunca esperamos. O nosso calçado está já plenamente acreditado.

— Quantos depósitos possuem?

— 17.

— No Minho?

— De norte a sul do país. Olhe; temos 2 em Braga, 3 no Porto, 1 em Aveiro, 1 em Coimbra, 1 em Vizeu, 1 em Portalegre, 1 em Santarem, 1 na Guarda, 1 em Faro, 1 em Viana do Castelo, 1 em Barcelos, 1 em Ponte do Lima, 1 em Amarante e 1 em Cabeceiras de Basto.

— Fabricam calçado com marcas extranjeiras?

— Não, senhor. Em caso algum abdicamos do nosso nome.

— Os modelos usados pela *Fox* são originais?

— Absolutamente. E sem vaidade posso afiançar-lhe que são os mais bonitos. Tenho, neste particular, depoimentos insuspeitos. Ainda há dias fomos visitados por um grande industrial alemão, o sr. *Aloys Burkard,* que tinha percorrido tôda a Europa. Ao vêr o nosso calçado ficou surpreso. Dirigiu-nos as palavras mais consoladoras e levou-nos diferentes modelos para expôr lá fóra. Este facto desvanece-nos. Contudo, temos outro que não menos nos penhora...

— E vem a ser...

— ... a preferência dada aos nossos produtos. A-pesar da enorme concorrencia que existe, e da nossa fábrica ter pouco mais de um ano os nossos depósitos vendem incessantemente.

— Isso prova que...

— ... o nosso calçado não só é bonito e bem feito, mas que também é resistente como nenhum outro.

— Não me disse ha pedaço que vendem para a África e para as Ilhas?

— Disse e confirmo. A nossa venda para a Madeira, especial-

mente, é já muito considerável. Estou certo que num futuro breve teremos conquistado os melhores mercados do ultramar.

O inquérito ia longo. O sr. Carlos Ramos solicitado a cada momento, não podia perder muito tempo. Por isso, preguntamos, a terminar:

— Pensam desenvolver a *Fox?*

— Sem dúvida alguma. Por enquanto consideramo-la em embrião.

— Projectos?

— Para já dotá-la com mais algumas máquinas e instalá-la em edificio próprio?

— Em edificio próprio?

— Sim, senhor. O que temos, actualmente, não satisfaz, porque é muito pequeno. Estamos muito apertados. Alem disso temos serviços divididos que deveriam estar juntos.

— Estão, portanto, satisfeitos com a marcha da *Fox?*

— Inteiramente. Primeiro, porque vimos que não foi baldado o nosso esfôrço. Segundo porque supômos ter dado a Braga um estabelecimento industrial de que se póde orgulhar, levantando, ao mesmo tempo, uma das suas indústrias mais antigas e mais rendosas.

A laboração continuava. Mulheres e homens cruzavam-se, todos entregues a um trabalho metódico e intenso, embora despido da violencia d'outróra.

A tarde declinava, pondo manchas violáceas no casario da cidade...

COMPANHIA FABRIL DO MINHO

ONDE SE RECONHECE QUE BRAGA NÃO PERDE O FIO DAS SUAS INDÚSTRIAS TRADICIONAIS E QUE DEVE SER OBRIGATÓRIA, NOS TECIDOS PORTUGUÊSES, A MARCA DE :::: ORIGEM ::::

A «Companhia Fabril do Minho» é, num aspecto, a corporisação do grande movimento renovador que atesta o progresso e que irá caminhando de idade em idade até á consumação dos séculos.

Situada fora da área da cidade, ao Sul da Estação do Caminho de Ferro, a importante fábrica de tecidos oferece as melhores esperanças dum futuro próspero, grandioso, já hoje é uma bela afirmação do valor industrial da nossa cidade e das qualidades de persistência do povo minhoto.

Não é o producto dum empreendimento impensado, ou dum capricho. Nasceu, antes, duma imperiosa necessidade.

Porque a industria de tecelagem, tão delicada na sua urdidura, como variada nos seus tipos, existe em Braga desde remotos tempos.

A «Companhia Fabril do Minho» não pensa, portanto, do seu lógico e natural prolongamento — exigido pelas especiais condições de perfeição do século XX.

Dirigida com a clarividencia que importa à sua vida, esta fábrica encontrou no Conselho de Administração, composto pelos srs. Adolfo d'Azevedo, Manuel dos Santos Pereira e Francisco Matos Chaves, mas especialmente no primeiro, a direcção activa, competente e conhecedora de que necessitava.

Antigo comerciante, mas novo industrial o sr. Adolfo d'Azevedo foi para ela com o raciocínio e energia de quem conhece as exigências e os problemas desta época ciclónica e não com os pequenos rasgos de há 20 anos.

Nisto está, em grande parte, o triunfo da «Fabril do Minho».

*

* *

Ia a tarde em meio quando o jornalista transpôs os pesados

gradões da Companhia. Ao começo da escada, e depois de convenientemente avisado, o sr. Adolfo de Azevedo, usando da gentileza que é um dos seus conhecidos atributos, aguarda-o com expressões amáveis.

AS ORIGENS DA «FABRIL DO MINHO» E AS SUAS MODELARES INSTALAÇÕES. — RESULTADO NOBILITANTE

— Quere ver a fábrica?

A resposta é afirmativa. Entramos, pois. A primeira sala que se nos depara, — sala amplamente higiénica — é a chamada de *batedores*. Três máquinas de medianas dimensões, potentes, fazem a limpeza do algodão que se encontra ainda em rama. Uma delas, aperfeiçoadíssima, é a melhor que existe no país.

Dali passamos ao Salão de Fiação. Aspecto encantador — pelo trabalho, pela disciplina, pela limpeza. Máquinas a rôdos: *Cardas, laminadores, torces finos, médios e grossos, continuos, torcedores*, etc. — tudo o que é preciso para a fiação.

Entretanto interrogamos:

— Quando se inaugurou a fábrica?

— Em 27 de Abril de 1925. Ha três anos, pois.

— Com o capital de...

— 2.000 contos, subscritos, e 4.000 autorisados.

— E' uma sociedade anónima por acções?

— Sim, senhor.

— Que artigos fabrica?

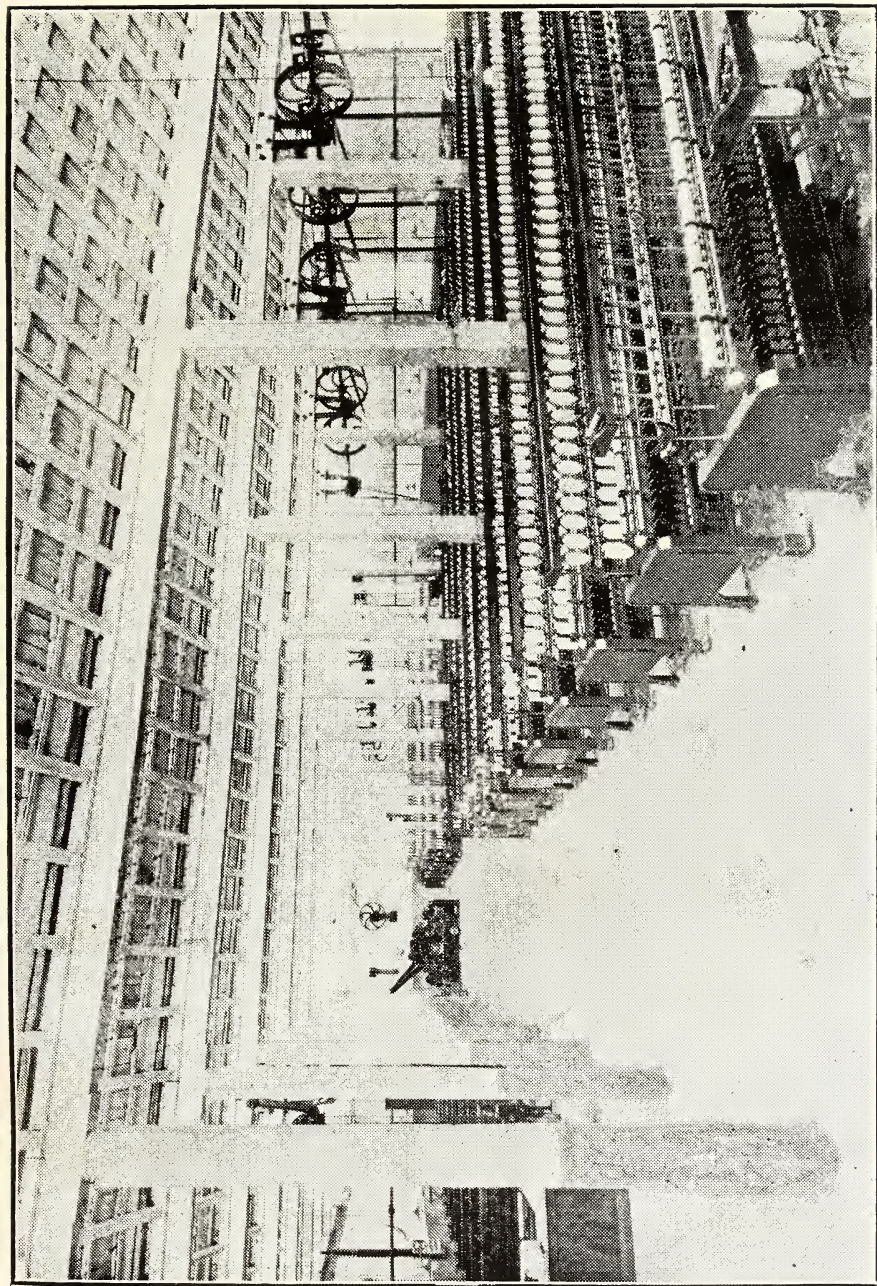
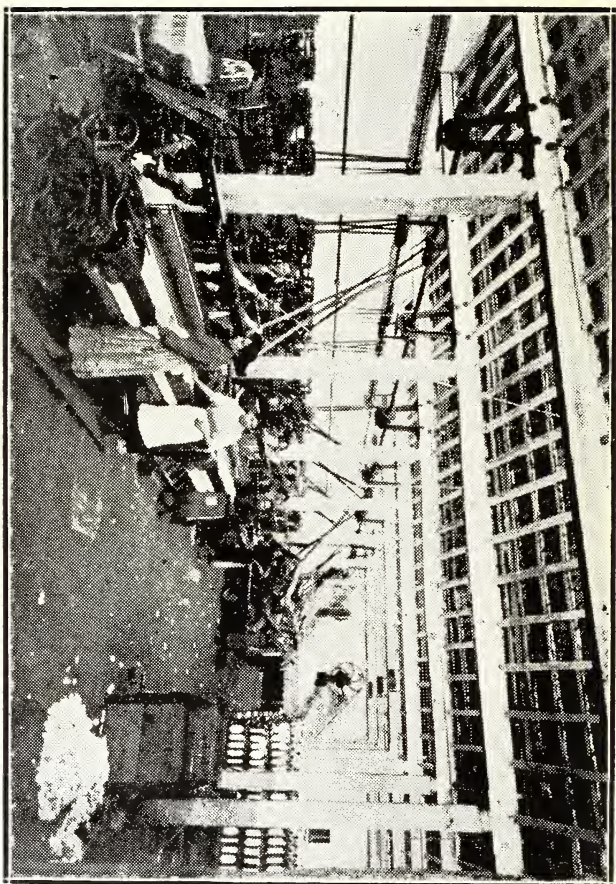
— Fantasias de algodão e de algodão e seda, cotins, toalhas de felpo, etc. Fabricamos ainda todos os artigos de algodão que nos sejam pedidos visto possuirmos maquinismos que nos habilitam a tudo.

— Diga-nos, sr. Adolfo d'Azevedo, tiveram de entrada tantas máquinas?

— Não, senhor. A grande maioria foi adquirida por efeitos do nosso desenvolvimento.

— Quantos fusos têm aqui?

— 3.600.

Estavamos chegados ao depósito de fio — vendo-se montes e montes dele. As salas de tinturaria e branqueação vêm a seguir com *tinas* enormes, *balseiros* que comportam muitas pipas de água,

COMPANHIA FABRIL DO MINHO — Salão de fiação (Cliché da Foto-Chic.)

COMPANHIA FABRIL DO MINHO — Salão de tecelagem

estufa, etc. Passamos, depois, ao «Armazem de distribuição de matérias primas» e dali ao Salão de Tecelagem. Outro aspecto de enorme actividade nos esperava. Confessamos a nossa surpreza — embora o que vimos não se assemelhe, apênas em extensão, aos colôssos Norte-Americanos.

Dezenas, muitas e muitas dezenas de máquinas trabalham conjuntamente: *encarretadeiras, caneleiras, urdideiras, engomadeiras,* — tôda a numerosa família da tecelagem.

O sr. Adolfo d'Azevedo esclarece:

— Temos a ultima palavra em teares. Posso garantir-lhe que lá fóra não há melhor, sobretudo na Europa.

— E quantos tem?

— 200, de 2, 4 e 6 lançadeiras.

— Da marca...

—... Jacquards. Note que nos iniciamos com 40. A breve trecho tornaram-se insuficientes e aumentamo-los para 90. Mais tarde para 170 e este ano para os referidos 200. Por aqui estacionaremos porque o actual edificio não comporta nem mais um unico tear.

Novo salão. E' o de *acabamentos.* Mais máquinas: *calandra, vaporisadeira, medideira, enfestadeira, dobradeira, prensa hidraulica,* etc., etc. Todos os maquinismos, enfim, para a preparação e acabamento de tecidos, passam, pouco a pouco, ante os nossos olhos. A fábrica é movida por potentes motores elétricos, marca Asêa.

A cabine, é, na opinião dos técnicos, alguma coisa digna de se ver, estando considerada a melhor do Minho. Recebe a energia a 15 mil volts e transforma-a para 220. Há, ainda, outras secções complementares, que não deixamos de percorrer, como as de carpintaria e serralharia, ambas montadas exemplarmente.

Por ultimo o armazem de tecidos e secção de expedição, á frente, lado direito quem entra. E no primeiro andar, tambem do lado direito, os escritórios e o gabinete da Direcção — gabinete simples de quem faz dele sala de trabalho.

O VÍCIO DAS FAZENDAS ESTRANGEIRAS. COSTUMES VELHOS QUE ESTORVAM ACÇÕES NOVAS

Continuamos:

— Que pessoal emprega a fábrica?

— 400 operários de ambos os sexos.

— São importantes os seus salários?

— 70 contos mensais.

— Produção?

— 180 peças por dia.

— Que representam um movimento anual de...

— 4.000 contos.

— Os artigos da Fabril do Minho são originais, isto é, teem desenhos e combinações próprias e exclusivas?

— A grande maioria têm, sim senhor. No entanto, alguns se fabricam imitando os estrangeiros.

— E têm sido bem aceites?

— O melhor possivel. Não podemos, mesmo, satisfazer todas as encomendas que recebemos, apezar de prolongarmos o nosso trabalho até à meia noite.

— Fazem, então, serões?

Com agrado:

— Todos os dias. Isto prova, não só a boa qualidade do nosso fabríco, mas tambem a seriedade e perfeição dos nossos contratos.

E concretisando a sua afirmativa, adeanta:

— Olhe: já estamos em Abril e ainda não entregamos as encomendas marcadas para Março.

— Todos os produtos da Fabril do Minho levam a sua marca?

O sr. Adolfo d'Azevedo responde, contrariado:

— Infelizmente, não. Costumes antigos, vícios velhos, estabeleceram a regra dos artigos serem postos á venda apenas com a marca do armazenista.

— Do armazenista?

— Admira-se? Pois é mesmo assim.

— Mas não há forma de evitar esse êrro?

— Há. Seria preciso, para tanto, um decreto tornando obrigatória a marca da fábrica. Doutra forma nada se consegue porque os clientes não nos compram se não lhes pozermos, sòmente, as marcas deles.

— E se os senhores abrissem depósitos de sua conta?

— Era um remédio muito problemático, mas sobretudo muito dificultoso. Implicaria com grandes estôrvos.

— Tambem não apõem marcas estrangeiras?

— Não apomos, mas fazemos coisa equivalente.

— Como?

— Preparando a embalagem tal qual a estrangeira: modo de dobrar, fitas empregadas, etiquetas em branco, etc.

O sr. Adolfo d'Azevedo conta-nos, depois, vários casos que se deram com fazendas fabricadas em Braga, que os clientes compraram como vindas lá de fóra.

— Pode ter a certeza que o nosso produto é do melhor que se fabrica, quer para cá quer para lá de fronteiras. Mas para que não duvide, vou-lhe dar um exemplo.

Levanta-se e mostra-nos uma peça dum tecido que vai ser vendido como inglês legitimo. Até já tem empacotamento especial para assim ser considerado.

— E' um exclusivo. Se o regeitássemos perderiamos não só a encomenda como o cliente — que nos compra boas centenas de contos de fazenda.

— Não concorda que este facto é altamente prejudicial ao crédito da fábrica e do país?

— Concordo. Creio até que o Govêrno precisa encarar a sério este problema, nacionalizando a indústria, impondo a obrigação da marca de origem. Com esta medida ganhamos nós e prestigiar-se-ha a indústria portuguesa e a própria Nação.

— A que praças estende as suas vendas?

— A's do continente. Em especial ás de Lisboa e Porto onde temos agentes nossos que têm sido preciosos auxiliares da fábrica.

OS ENCARGOS, A CONCORRENCIA E OS PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO

— E quanto a encargos?

— Já sabe que são verdadeiramente pesados para tôdas as indústrias. Para nós, então, que estamos em comêço, esses encargos tornam-se excessivos.

— A quanto montam?

— A cêrca de 70 contos, entre impostos e contribuições ao Es-

tado. Deve notar, no entanto, que não temos pago imposto sôbre aplicação de capitais pelo motivo de não termos distribuido, ainda, dividendo aos accionistas. Como é natural não podemos pagar contribuição dum lucro que não existe.

— Haverá possibilidade de baixarem aos preços dos artigos do seu fabrico?

— Bem vê: isso depende dum conjunto de circunstâncias. Entre elas avulta a do mercado, das matérias primas e dos salários. Enquanto os preços daquelas e dêstes não diminuirem, não poderemos baixar aos dos tecidos. A nossa margem de lucro é pequeníssima, como lhe posso provar, em virtude da grande concorrência estabelecida no nosso ramo industrial.

— Essa concorrência vem, especialmente...

—... dos pequenos fabricantes, que dispondo de pequenos capitais queimam a fazenda por todo o preço — como soe dizer-se em linguagem tecnica.

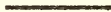
Eram horas de nos retirarmos. Tentamos, por isso, as últimas informações:

— Projectam desenvolver a fábrica, com a construção de novos edifícios?

— De momento, procuramos solver as despezas de instalação e fixarmo-nos com segurança.

— Mais adiante...

— Talvez mais cedo do que supomos, poremos em prática um plano que já temos concertado, e que nos permite fazer da «Companhia Fabril do Minho» a melhor e mais importante fábrica de fiação e tecidos da nossa maravilhosa Província.

A nossa visita estava concluida e uma nova certeza conquistada: Braga continuará, indefinidamente, a linha ascencional do seu progresso e da sua importância, firmando dia a dia o inegável direito de terceira cidade do país.

COMPANHIA FABRIL DO CÁVADO

COMO SE DESENVOLVEU E VALORISOU, EM BRAGA, A INDÚSTRIA DE PAPEL. AS FÁBRICAS DE TECELAGEM DE PORTUGAL TÊM, NA AFRICA, O SEU : MELHOR FUTURO :

A uns 7 quilómetros desta cidade, levemente escondida no seio duma aldeia que é uma maravílha de côr, de exuberância, de claridade, ouvindo a seus pés o murmúrio do rio que lhe dá o nome, — têm, os bracarenses, a «Companhia Fabril do Cávado».

Fortíssima organização industrial, a Fábrica de Ruães, como vulgarmente é conhecida, explora duas indústrias perfeitamente distintas, qual delas a mais importante e a mais conhecida: Fabricação de papel, fiação e tecidos.

Incontestàvelmente é o primeiro estabelecimento fabril do concelho e um dos mais grandiosos do Minho. Apezar de antigo, tem-se modificado consideravelmente de forma a não perder terreno, procurando, antes, alargar dia a dia, o seu já enorme desenvolvimento.

O leitôr sabe que tanto a fiação como os tecidos constituiram um dos melhores encantos dos nossos avós, que à lareira carinhosa ou ao ardor da estiagem inclemente, a eles se entregavam no mais doce labutar. A «Fabril do Cávado» veio aproveitar a tendência marcada do nosso povo para esta indústria, que vive recatadamente na sua alma, e que faz parte do seu próprio modo de ser.

A indústria de papel é, relativamente, moderna. Não se lhe pode negar, no entanto, importância e, sobretudo, a excelência do fabrico. Foi por ela que principiou a que é hoje «Companhia Fabril do Cávado». Quando? Faltam-nos pormenores porque o tempo os apagou. A sua laboração, porem, foi-se fortalecendo, ampliando.

Actualmente está entregue á direcção habil e competente de dois homens que têm dado as melhores provas dos seus conhecimentos e da sua rasgada visão: os srs. Manuel Alves de Freitas e João Maria de Souza Paiva.

*

* *

Chegamos a Ruães ao começo duma tarde que fazia refletir as

aguas prateadas do Cávado. O Conselho de Administração acabara de reunir-se. Avisado da nossa chegada, o sr. Manuel Alves de Freitas não se fez demorar.

E o nosso inquérito principiou logo, enquanto íamos a caminho das oficinas.

COMO SE FORMOU A MAIOR FÁBRICA DE TECELAGEM DO CONCELHO. GRANDIOSAS INSTALAÇÕES

— Donde nasceu esta fábrica?

— Duma empresa particular, que suponho da iniciativa do proprietário desta quinta, Visconde de Ruães.

— Foi êle o fundador da Companhia?

— Não, senhor. O segundo proprietário foi o Conde de Silva Monteiro. Mais tarde, bastante mais tarde, formou-se uma parceria, transformada depois na actual empresa.

— De sociedade por acções?

— Exato.

— Primitivamente, explorou a indústria de...

—... papel. Com ela conseguiu nome, representando a sua instalação no Norte um empreendimento de larguíssimo alcance.

— Depois...

—... já nas mãos da actual Companhia, é que foi criada a secção de fiação e tecidos.

— Pode dizer-me qual foi o capital primitivo?

— Desconheço-o inteiramente.

— E o da Companhia?

— Foi de 100 contos — importância que demos pela compra da fábrica.

Tinhamos chegado à primeira secção; a de tecelagem. E', sem favor, alguma coisa de importante. Um dos salões mede 45 metros de largo por 103 de comprido. O movimento é formidavel: 250 teares de variadas marcas, de tipos diferentes, alguns acabados de chegar, estendem-se de lado a lado. No tecto, aparelhos especiais ventilam e humedecem, conforme convem, o ambiente. Num outro salão não há uma unica correia — porque as ligações fazem-se por electricidade.

E' o dos teares mais modernos, alguns dos quais aguardam, ainda, a montagem.

Inquirimos:

— Que fabricam nesta secção?

— Toda a espécie de tecidos em crú. Uma variedade enorme que satisfaz todas as exigências. Assim, temos cotins, riscados, fantasias, morins, panos crús, etc., etc.

— Com quantos teares montaram a fábrica?

— Com 210.

— E hoje têm...

— ... 480. Em breve teremos 500. Todos eles são dos melhores tipos e dos ultimos modelos. Veja, por exemplo, este Haltersley movido a electricidade. E', simplesmente, admirável, perfeito.

— Os desenhos e tipos dos tecidos são originais?

— Absolutamente. Afóra os tipos comuns, invariáveis, todos os outros são exclusivamente criados por nós.

Entramos, agora, na secção onde se preparam as teias para a tecelagem. Novo salão de espaçosas dimensões. Todos os requisitos para facilitar e aperfeiçoar, higiènicamente, o trabalho em comum, vêem-se aqui observados. Centenas de máquinas dispõem-se para tôdos os lados: *caneleiras, encarretadeiras, urdideiras, rematadeiras* e *caneleiras* de grande produção. O sr. Freitas convida-nos a observar estes maquinismos que reputa a ultima palavra no género.

A seguir a secção de *engomar*. Tem, como tôdas as outras, a sua particularidade interessante. Uma das máquinas é chamada *nova engomadeira* e distingue-se das antigas pela sua extraordinaria produção e, tambem, porque seca as teias rapidamente, com ar quente.

Num edifício anexo a *tinturaria, branqueação* e seus acessórios — *máquinas de tingir, mercerisar, tinas, tanques, estufas,* etc.

Terceira secção visitada: Fiação. Ocupa a sala paralela à da tecelagem. Muita luz e muita limpeza. Esta faz-se com um espanador de sucção de ar, que tem a especialidade de limpar as cardas, de apanhar todo o bocadinho de algodão perdido nas máquinas e de o depositar, já limpo de todo o lixo, num receptáculo próprio.

— Quantos fusos têm aqui?

— 12.000, de variadas medidas.

—Permitindo-lhes fabricar...

—... fio d'algodão, simples ou torcido, do n.º 1 ao n.º 60.

— Como se chamam as máquinas que entram em todas estas operações?

— *Cardas, laminadores, intermediários, torces finos, médios* e *grossos, continuos, torcedores,* etc., etc.

— O fio que fabricam é tôdo consumido na tecelagem?

— Não senhor. Uma pequena parte dele é destinado à venda. Como vê, a sua qualidade é magnifica. E' dificil, muito dificil conseguir melhor. Com eles já se conseguem tecidos finos, esplendidos.

Continuamos. A' direita está o salão de *batedores.* Seis grandes máquinas fazem a chamada *manta* do algodão em rama, fazendo com êle pequenos rôlos para entrarem nas cardas.

Junto deste a *sala de mistura* onde se realizam as primeiras operações para a fiação.

Visitamos ainda a secção de *dobadoiras,* que ocupa uma sala larga, ampla, e possue dezenas de pequenas máquinas; a secção de *acabamentos,* com uma grande calandra, vaporisadeiras, e uma interessante e linda máquina de *vaporizar e alargar* que tem a curiosa particularidade de ser dotada com mudança de velocidades, tal como os automoveis; a secção de fabrico de flanelas de algodão, e, por último, o *Armazem de recepção de fazenda, medição, expedição e aviamentos.*

Uma das máquinas existentes neste armazem, acabada de chegar, mede, enfesta e dobra ao mesmo tempo a fazenda.

Tais são, a largos traços, as grandiosas instalações da Fábrica de Fiação e Tecelagem da «Companhia Fabril do Cávado». E dizemos a largos traços porque nos é impossível descrever as suas minúcias, — tôda a sua modelar organização, disposição e recheio.

Cá fóra, estendendo-se para o norte e nascente, umas grandes fachas de terreno devidamente muradas em volta. Abrindo um parêntesis, preguntamos:

— Pertencem à Companhia?

— Pertencem, sim. Constituem a chamada Quinta de Ruães. Este ano rendeu, só em vinho, 100 pipas.

Fechado o parêntesis, a nossa visita continúa.

O sr. Manuel de Freitas não se esquece de nos prestar todos os esclarecimentos, usando duma amabilidade penhorante.

— Esta parte, a da tecelagem, é, como lhe disse, a mais moderna. Agora vamos vêr a mais antiga, a que deu origem à Companhia.

Demos, então, a volta ao edifício que descrevemos e penetramos no da Fábrica de Papel, distanciado do outro.

Esta parte da Fabril é consideràvelmente mais simples e menos agradável do que a de tecidos.

Um complicado sistema de correias põe em movimento os diversos maquinismos.

Na primeira sala que se nos depara vemos duas enormes conchas em metal, com duas mós dispostas verticalmente. Chamam-se *galgas* e servem para triturar as matérias primas.

Vemos, depois, a sala dos cilindros refinadores de massas que descarregam estas em tubos de cobre sôbre as cubas da máquina contínua, — linda peça mecânica, que dá gôsto ver, medindo alguns metros de comprimento.

Por um lado entra a massa, em estado pastoso, atravessa um sistema interessante de rôlos revestidos de feltro e sai pelo lado oposto convertida em papel.

A máquina tem o nome de *contínua* pelo motivo atraz apontado e, ainda, do facto de não parar enquanto tiver massa, trabalhando, porisso, continuamente, de dia e de noite.

A um canto, deitando sôbre o formoso panorama do Cávado, o gabinete do Director Tecnico, sr. José Domingues Lino — um homem moderno, para quem não há dificuldades, e que traz no seu cérebro um pensamento de expansão e de progresso.

Temos, a seguir, a secção de calandras e cortadeiras. Por último, completando a fábrica, ha o depósito de escolha, contagem e enfardamentos — onde o producto aguarda o seu despacho.

Interrogamos:

— Que papeis fabricam?

— Todos os géneros deles: desde o simples e vulgar papel de embrulho até ao papel de jornal e de carta.

E para que não duvidássemos, o sr. Alves de Freitas foi buscar diversas qualidades dêste producto — qualidades admiráveis, optimas,

como o leitôr pode verificar, por exemplo, no papel do presente livro.

— Tem grande extracção?

— Mesmo muito grande. Dificilmente conseguimos satisfazer as necessidades dos nossos mercados.

Olhe: ainda há dias recebemos a encomenda de alguns milhares de quilos de papelão.

— As duas secções da Fabril movem-se com força hidráulica?

— Não senhor, porque essa só dá para a do papel. A secção de Fiação e Tecidos é movida com força térmica, como vai ver.

O sr. Manuel de Freitas abre-nos, nesta altura, a sala do motor. E' alguma coisa a marcar — pelo tamanho e pelo aceio.

Tem, julgamos, 30 anos de serviço e parece que foi ontem montado, tal a sua limpeza.

— Tem a força de...

— ... 500 cavalos vapor.

Ao lado desta sala fica a casa das caldeiras, egualmente de tamanho impressionante.

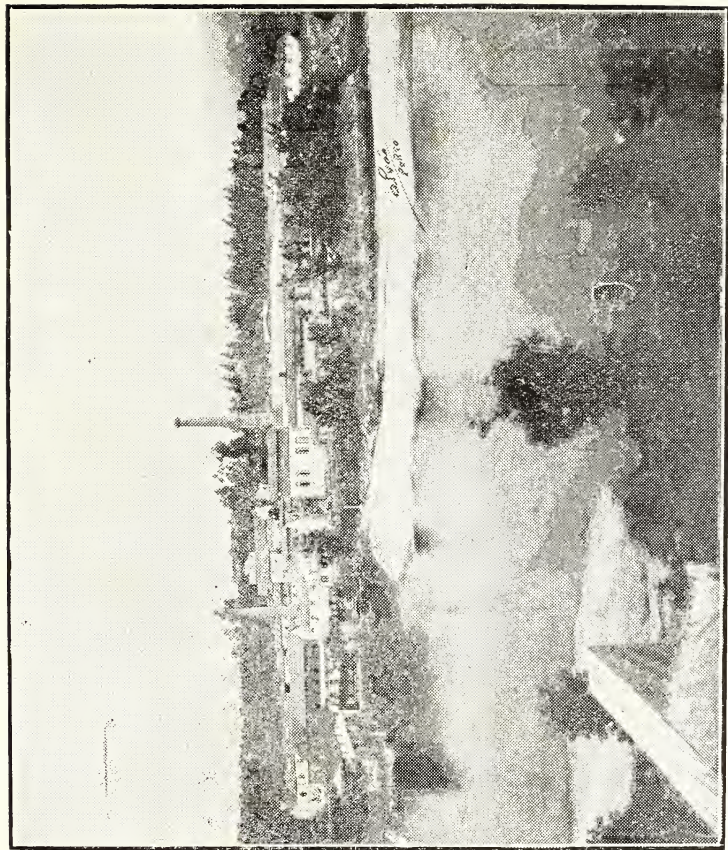
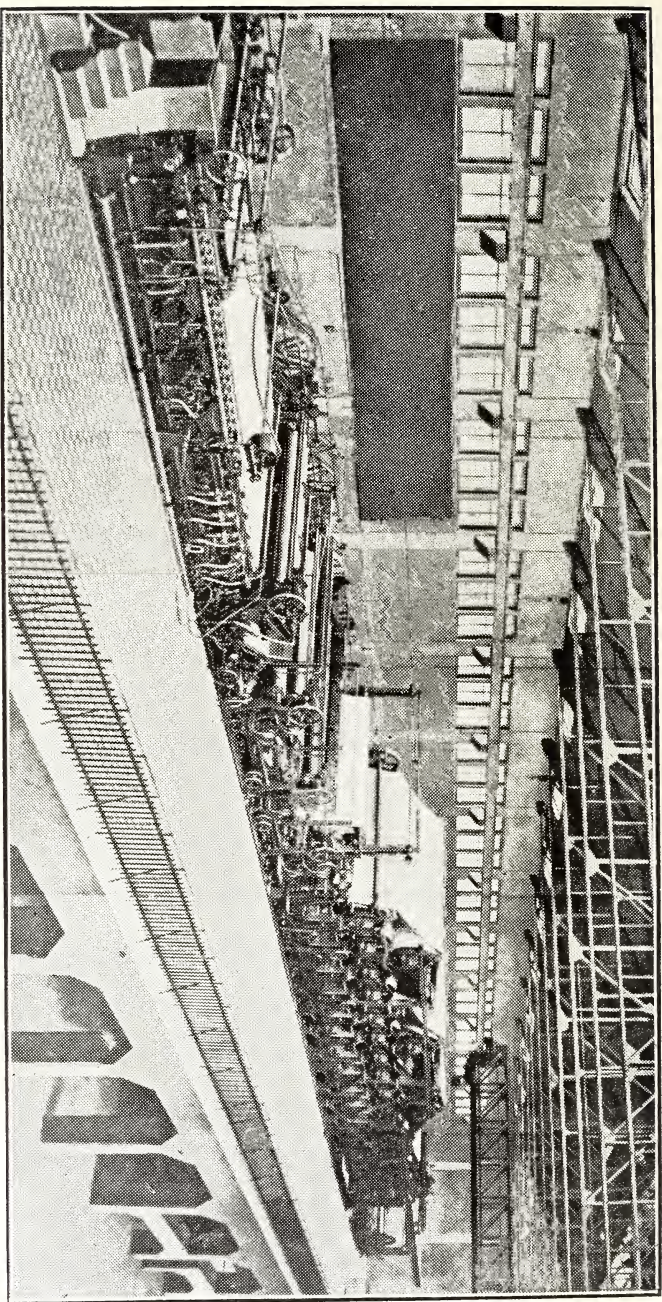
Entrando pelo rio, quasi até meio, vemos as instalações das turbinas. São 4 ao todo. 1 movimenta a fábrica de papel e 3 movimentam a fábrica de tecelagem — quando a água sobeja de aquela.

No extremo destas instalações uma varanda, — donde se avista o deslumbrante panorama do Cávado, soluçando, correndo mansamente, pondo uma nota de claridade no verde dos campos.

Como a água não chega, no verão, para o consumo da fábrica, a «Companhia» instalou outro motor, êste a oleos pesados, que dispõe da força de 300 cavalos vapor.

Numa divisão, em baixo, a serralharia, modelarmente montada. Numa outra, além, a carpintaria.

Do lado de cima, na parte fronteira, ficam os edifícios dos depósitos — de tecidos, de fio, de papel, de matérias primas, etc., últimas peças dêsse grande e poderoso maquinismo que se chama a Fábrica de Ruães.

Depois dum curto intervalo para se fumar um cigarro, o interrogatório recomeçou:

COPANHIA FABRIL DO CAVADO — Um aspecto da Fabrica

COMPANHIA FABRIL DO CAVADO — Maquina continua para a fabricação de papel (Cliché da Foto-Chic.)

O CAPITAL, A PRODUÇÃO E O MOVIMENTO DA «FABRIL DO CÁVADO». E' PRECISO ABRIR Á INDUSTRIA NACIONAL OS MERCADOS AFRICANOS. DESIGUALDADE INJUSTIFICAVEL

— Qual é o capital da fábrica?

— O capital accionista é de 540 contos.

— Qual é a produção em tecelagem?

— Três milhões e meio de metros, que gastam 528.000 quilos de algodão em rama.

— E qual é a produção em papel?

— Um milhão de quilos.

— Podem desenvolver as duas secções?

— Podemos e temo-las desenvolvido, como viu. Só este ano dotámo-las com grande número de máquinas novas, quer para acompanharmos os progressos da sciência, quer para aumentarmos a produção diminuindo a despêsa, que é o grande problema da hora presente.

— Que pessoal emprega a fábrica?

— 1.000 pessoas de ambos os sexos.

— Oferecem-lhe garantias especiais?

— Fundamos para os seus filhos uma Créche, que hoje tem 70 crianças. Concedemos ás mães 50 minutos por dia, dentro das horas de trabalho, para as amamentarem. Fornecemos, ainda, médico a todos os operários e pagamos-lhes parte do ordenado em caso de doença natural. Quando se trate de acidentes, entregamo-los à companhia seguradora.

— Os productos da fábrica têm boa colocação?

— A melhor. Não ha ninguem que os recuse.

Num sorriso expressívo;

— E' que eles são de magnífico fabrico como lhe vou mostrar.

O sr. Freitas traz-nos, então, diversos tecidos verdadeiramente admiráveis.

— Estes cotins até parecem casemiras. Não falta, mesmo, quem os confunda.

— Levam a marca de origem?

— Invariavelmente.

— Todos?

— Todos, sim, senhor.

— Mas os armazenistas não a recusam?

— Pelo contrário: exigem-na.

Significativamente:

— E' que a nossa marca, *marca*.

— Fabricam exclusivos para vender como estrangeiros?

— De forma alguma. Repito que desta casa não sai um metro de fazenda sem levar o nosso rótulo. E não sai porque os clientes assim o querem e porque o decôro do nosso fabrico não permite outro procedimento.

— Quais são as praças que mais fazenda lhes consomem?

— Pôrto e Lisboa.

Vendem para o ultramar?

— 10 % do nosso fabrico. A situação criada ás colónias é péssima, mas peor ainda é a nossa perante elas.

— Parece-lhe que a referida venda deveria aumentar?

— Sem dúvida. Imagine que só em 1925 as fábricas portuguesas venderam para a Africa, em tecidos em cru e branco, 266 contos. E as estrangeiras 31.183 contos. Em tecidos tintos e estampados as fábricas portuguesas venderam 4.655 contos e as estrangeiras 83.344 contos. Isto é, por si só, eloqüente. Dispensa comentários.

— Mas porque se dá essa desigualdade?

— Porque os nossos productos pagam mais à entrada nas colónias que os productos estrangeiros.

— Não há possibilidade de modificar essa situação vexatória e prejudicial?

— Tentamos conseguí-la com uma representação, assinada por cento e tantas fábricas, que vamos dirigir ao Govêrno.

Com firmeza:

— A indústria nacional merece ser colocada em condições mais favoráveis que a inglesa ou alemã. Queremos que se abram para nós, amplamente, como convem à economia do país, os mercados africanos e que os nossos sejam abertos, tambem, ao ultramar.

— Quere dizer...

— Que Portugal pode ir buscar ás suas colónias muitas e muitas matérias primas, como algodão e oleos, e colocar nelas os productos fabricados no continente.

— Com essa medida parece-lhe...

—... que se obteriam grandes vantagens, pois se evitava a saida, para o estrangeiro, de ouro, obter-se-iam preços favoráveis nas matérias primas, visto que não se dependeria do cambio, e

abrir-se-ia um largo campo de acção à nossa indústria, que luta, a cada passo, com grandes dificuldades.

Porque, devo dizer-lhe, a Africa pode consumir dois terços da produção total do país.

A abertura dos mercados do ultramar corresponde, pois, ao resgate da indústria nacional.

— A propósito: quanto paga a Companhia de contribuições e impostos?

— 400 contos, pouco mais ou menos.

— E' muito?

— Sem duvida. E' preciso trabalhar imenso para obtermos a compensação indispensável.

E finalizando as suas considerações, o sr. Manuel Alves de Freitas conclue:

— Enfim, procuramos honrar Portugal, montando-lhe um estabelecimento fabril exemplar, como os melhores estrangeiros — não pelo tamanho, mas pelas suas instalações e pela qualidade da sua produção.

Ruães era batida, agora, de raios de sol, avermelhados, que punham notas de alegria nos campos, nas vinhas e nos pinheirais.

Ao fundo, entre prados coloridos, corriam e murmuravam as águas brandas do Cávado...

COLÉGIO DE REGENERAÇÃO

UMA OBRA DE RESGATE QUE TAMBEM É DE TRABALHO, COMO SE VÊ PÈLO QUE ADIANTE SE EXPÕE. OS PRODUCTOS DO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO TÊM FAMA : EM TODO O PAÍS :

O Colegio de Regeneração não é, sómente — como tôda a gente supõe — uma notavel instituição de resgate, onde se restabelece a dignidade humana e se realiza a alquímia bendita da purificação das almas. E', tambem, uma grande casa industrial. No entanto, a indústria não é o seu fim, ou mesmo um fim, mas um meio — o meio seguro, duplamente util, de efectivar o seu objectivo altruista.

Sendo as internadas elementos válidos, dispondo duma certa capacidade de trabalho, mas elementos abandonados, quasi perdidos, deficientes na sua preparação — esta casa, exercendo dupla beneficencia, ensina-os a contarem consigo, a viverem por si, mostrando-lhes, ao mesmo tempo, o conceito superior da vida. Numa palavra: educa-os — na moral e no trabalho.

Mgr. João Pedro Ferreira Airosa, não é, egualmente, como pode supôr-se, um místico, vivendo num fanatismo religioso incompreensível. E' antes a incarnação pura e superior do Apóstolo, dentro duma robusta mentalidade de sociólogo.

A sua obra é uma obra exemplar, de quem possue uma edeia exata das leis humanas, naturais, e das suas indestructiveis necessidades.

Assim o disse o insuspeito e brilhantíssimo espírito que foi o P.e Antonio d'Oliveira: «O que eu encontrei foi a Instituição mais religiosa, mais bela e mais prática que tenho visitado e admirado em toda a minha vida».

O Colégio de Regeneração é, pois, uma casa de trabalho. Mgr. Airosa dotou-a com oficinas importantes, introduzindo-lhe secções industriais de merecido valôr, que se tornaram assaz conhecidas pela soberba qualidade dos seus productos. Quando se pretendia significar que determinado artigo era bom, perfeito, dizia-se: «até parece da Regeneração».

Destacaremos a oficina de tecidos, exemplarmente montada ao tempo, a ponto de merecer as melhores referências a quem a visitava. A um belga, director da Escola de Tecelagem, em Berne, inspirou as seguintes palavras: «O P.e Airosa é o homem que no seu país mais sabe e compreende do ensino de tecelagem». E o já referido P.e Antonio d'Oliveira, numa outra parte do seu interessante livro «Criminalidade. Educação» — afirma que o santo velhinho é o maior e mais legítimo sucessor das notaveis figuras de Frei Bartolomeu dos Mártires e D. Frei Caetano Brandão.

Saiba-se, pois, que esta casa beneficente, embora carinhosamente amparada pela estima de quasi toda gente de Portugal e, sobretudo, pela dedicação, sem limites, dum grupo de nobres e ilustres senhoras de Braga, vive, especialmente, das receitas do que produz. Doutra forma não era possivel sustentar uma casa que leva, por ano, algumas centenas de contos de reis. Pena é, simplesmente, que as suas dificuldades financeiras não lhe permitam introduzir os modernos maquinismos que constituem as últimas conquistas da sciência no ramo industrial.

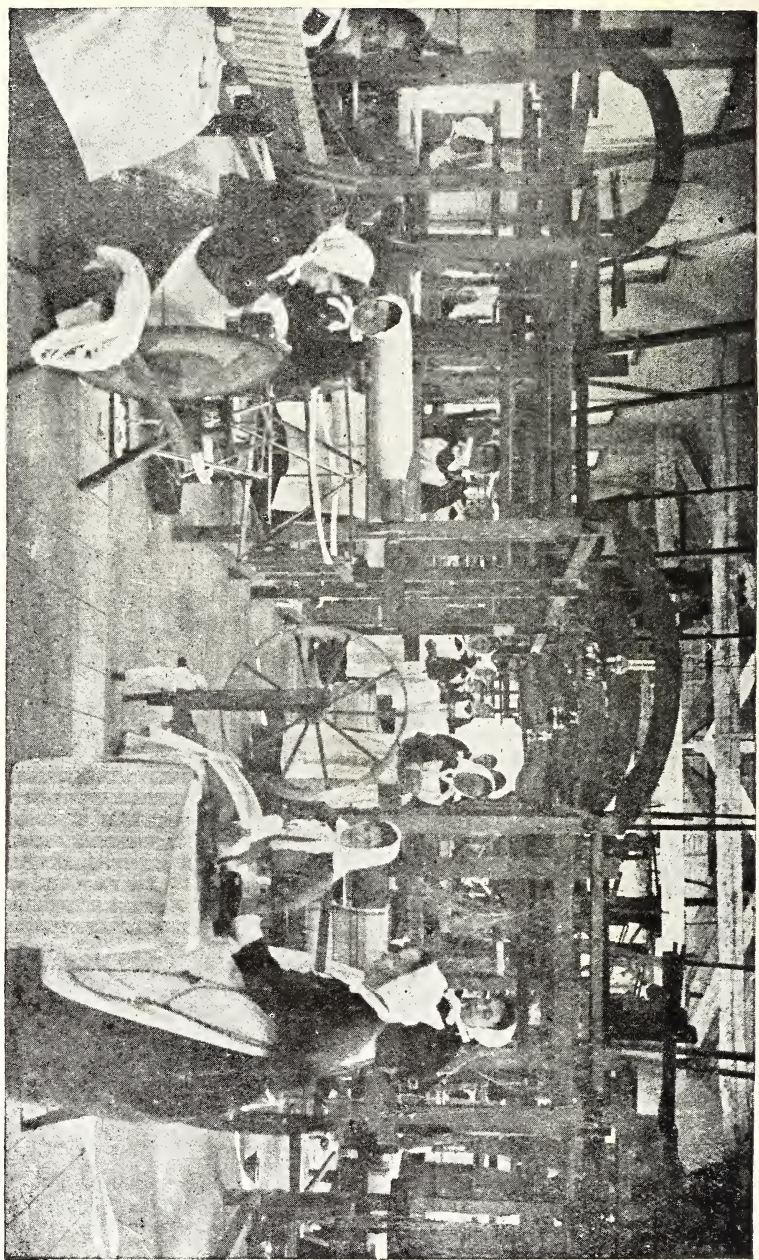
*

* *

Vamos encontrar Mgr. Airosa no seu escritório, a voltas com as contas da casa — que são todo o seu infindavel cuidado. Porque Mgr. Airosa, apezar dos seus 92 anos, não descansa. A's 6 horas da manhã já está no altar a dizer missa. Depois almoça e até à noite nunca mais pára.

A ajuda-lo, com dedicadíssima solicitude, tem uma internada — uma mocidade em flôr, bela, que se sacrificára pelos sentimentos mais puros do seu coração de mulher.

O jornalista informa-o, então, dos seus desejos, dos seus fins. Mgr. Airosa não esconde o seu contentamento e manda abrir gavetas, manda buscar livros para nos fornecer tôdas as informações.

MGR. JOÃO PEDRO FERREIRA AIROSA,
venerando Director do Colegio de Regeneração.

COLEGIO DE REGENERAÇÃO — Oficina de tecelagem

A OBRA DUM APÓSTOLO. LARGA CLARIVIDÊNCIA QUE SERVE DE EXEMPLO ÁS MAIS RASGADAS INICIATIVAS

— Quando principiou com a tecelagem?

— Poucos anos depois da fundação do Colégio, que foi em 1869, como sabe.

— Com muitos teares?

— Com dois. As dificuldades eram grandes, e o numero de internadas reduzido, obrigando-me a ser cauteloso.

— Depois...

— Fui-os aumentando, criando novas secções e desenvolvendo outras.

— Ao todo tinha...

— 9, para tecelagem, tinturaria, desenho, engomagem, roupa branca (para homem e senhora), lavandaria, pintura, flôres artificiais e bordados.

— E fabricavam, portanto...

—... riscados, cotins, jutas, sarjas, etamine, pano familia, aparelhos de cama, toalhas de meza e de mão, guardanapos simples e adamascados, pano de linho, pano Kneipp, lenços, côlchas de algodão, linho e sêda. Faziamos, ainda, enxovais completos tanto para homem como para senhora e criança, e a variada alfaia religiosa — alvas, toalhas d'altar, cotas, sobrepelizes, casulas, etc.

— O trabalho era manual?

— Absolutamente. As internadas recebiam uma especialização perfeita ministrada por mestres competentíssimos.

— Contratados?

— Sem dúvida. Tive aqui o melhor técnico português. Quando o govêrno do sr. Conselheiro João Franco foi buscar ao estrangeiro varios professores, consegui que me dispensasse um, alemão, que me prestou os melhores serviços, porque era muito sabedor. Mas não me contentei, apenas, com a sabedoria destes técnicos...

—... quiz mais...

—... a dos livros e a da experiencia. Meti-me no comboio e visitei tudo o que lá por fóra havia de melhor. Comprei tratados especializados rebuscando o que me podesse ser útil.

— Com tôdo esse trabalho...

—... consegui que neste Colégio se chegasse a uma perfeição

verdadeiramente consoladora, vendo os seus productos preferidos por toda a gente.

— Concorreu a exposições industriais?

— Concorri a varias de Braga, Porto, Lisboa e Paris e com prazer lhe digo que os nossos artigos foram sempre premiados.

Mgr. Airosa tinha nos labios e nos olhos uma suave expresão — tanto de alegria como de saüdade. E' que o venerando apóstolo evocava, naquele momento, o período agitado duma vida em que a sua alma viveu os instantes mais belos dum grande, dum sublime idealismo.

Continuamos:

— Quantos teares tem hoje?

— 42, sendo um de pano vergal, 32 de riscado e 9 *Jaquards.*

— E tem, ainda, as restantes secções que me apontou?

— Tenho essas e mais a de sapataria.

— Tambem fazem calçado?

— Fazemos sapatos de pano com fundos de borracha.

— Que pessoal emprega nas diferentes secções?

— 168 pessoas.

— Quem são hoje os directores técnicos?

— Algumas internadas, que se conservam aqui ha muitos anos, e as dedicadas religiosas que me acompanham no govêrno desta casa com o maior desinteresse e sacrifício.

AS MATERIAS PRIMAS E A JUSTA PROTECÇÃO DAS ENTIDADES OFICIAIS

— Importam as matérias primas de que precisam?

— Apenas uma ou outra. Os nossos fornecimentos são feitos das fábricas do Porto e Lisboa, principalmente.

— Fabricam o mesmo que fabricavam de inicio?

— Fabricamos o mesmo e mais algumas novidades. No número destas contam-se as fantasias de sêda e algodão que hoje têm enorme procura.

— Vendem só para Braga?

— Não, senhor. Tambem vendemos para quasi tôdos os mercados do continente, para as ilhas e para a Africa.

— E' grande, essa venda?

— Já foi maior. A nossa indústria passa, actualmente, uma grande crise. Basta dizer-lhe que não obstante possuirmos poucos teares, nem sempre trabalham, acontecendo o mesmo nas restantes oficinas.

— Pagam contribuições?

— O Governo isentou-nos delas, prestando-nos um alto auxílio.

— E impostos à Camara?

— Tambem não pagamos, porque a actual Comissão Administrativa, por despacho de 20 de Dezembro de 1926, livrou-nos deles.

E Mgr. Airosa, todo bondade, comenta:

— São muito generosos estes senhores. Devo-lhes já bastantes benefícios. São grandes amigos desta casa.

Eram quasi oito horas. O tempo voava. Terminamos:

— Gostaria de aperfeiçoar as suas oficinas, sobretudo a de tecelagem, introduzindo-lhe teares mecânicos?

— Sim, gostava, mas falta o dinheiro. Isso custaria muitos contos. Muitos... E antes...

UMA ASPIRAÇÃO DE MGR. AIROSA

— E antes...

— ... era preciso acabar este edificio porque já não chega para abrigar todas as infelizes que procuram o caminho perdido da dignidade.

— Mas este edificio não está concluido?

— Tem uma ala velha que se encontra em ruinas. E' urgente levanta-la. Olhe, venha vê-la:

Agil como uma criança, o Santinho da Regeneração, como o povo lhe chama, levanta-se e lá vai na frente:

— Vamos, pequena, abre aquela porta. Mas depressa, mexe-te.

A seguir mostra-nos a parte a reconstruir — uma extensão, talvez, de 20 metros.

Depois leva-nos ás oficinas, instaladas em salões enormes, repletos de janelas, limpos como se fossem lavados e caiados naquele momento. Num pequeno quarto, duma limpeza absoluta, a máquina de fazer hóstias com os respectivos acessórios.

Retrocedemos até á secretaria.

— Aquela obra, sabe, é muito precisa. Se a fizesse metia cá dentro mais 30 raparigas. E' o meu pensamento constante. Contudo a da mudança dos teares tambem é necessária.

— Entretanto...

— Penso valer-me do que tenho para levar a bom fim esta casa que, espero, tenha prestado alguns serviços á Patria e a Deus.

Mgr. Airosa fechára as suas palavras com a elevação da sua alma imaculada, da sua alma de santo — que, em Portugal, fez a mais grandiosa obra de resgate e de trabalho. No seu rosto, devidamente sereno, desenhava-se uma saüdade — a saüdade de quem vivia o período mais belo da sua existência de apostolisação e de sublime idealismo.

Nos corredores ouviam-se murmúrios de preces... Nas tôrres badalavam trindades...

A BRACARENSE

ADIANTE SE DIZ QUE FOI RECONSTITUIDA, EM TODA A SUA BELEZA, NOS ULTIMOS DOIS ANOS, A MARAVILHOSA INDUSTRIA DE TECELAGEM DE SE-: DAS E DE VELUDOS :

ANDA à volta dos fins do século XVI e dos princípios do século XVII o aparecimento, nesta cidade, da famosa indústria de tecelagem de seda, que por mão dos artistas bracarenses conseguiu notabilizar-se como uma das mais belas realizações da arte aplicada.

Foi uma auxiliar de marcado valôr da arte religiosa, emprestando-lhe sumptuosidade e desusado fausto. Trabalhada com finíssimo esmero, delicadíssima na sua manufactura, estilisada nos seus admiráveis desenhos, consagrou dinastias de tecelões de que ainda hoje conservamos descendentes.

Teve, no entanto, alternativas de desenvolvimento e de declínio, como a de há 100 anos, em que se deixaram de fazer, precisamente, os mais notáveis exemplares de tecidos lavrados.

Reconstituiu-os, em 1927, numa missão artística verdadeiramente nobre, que levou anos, o belo espírito, a sensibilidade requintada de Francisco Lage, auxiliada pela compêtencia técnica de Manuel Pereira de Vasconcelos.

Não se trata, pois, duma indústria vulgar, sem carácter proprio, sem qualidades superiores, mas duma formosíssima revelação artística que, tendo conquistado tradições assás honrosas, anda ligada à própria história de Braga.

*

*   *

A indústria de tecelagem de sedas e veludos tem, em nossos dias, como sua única representante, não só nesta cidade como em tôdo o país, a fábrica «A Bracarense» que foi pertença exclusiva, em tempos, do sr. Manuel da Silva Pereira de Vasconcelos. Agitações de vária natureza determinaram-lhe vida irregular, vindo a cair, mais tarde, na posse do sr. Francisco Lage.

A' sua frente, porém, como técnico, continuou aquele tecelão, que se revelou de maior competência — não havendo em Portugal outro para se lhe contrapôr.

Possuídos dum mesmo ideal, ambos lhe têm dado uma existência fulgurante pela reconstituição dos velhos desenhos do século XVI. Pêna é, simplesmente, que a sua laboração não seja hoje tão intensa como merecia e importava, mais que ao interêsse pessoal, ao interêsse da cidade.

*

*   *

Francisco Lage recebe o jornalista no seu gabinete de trabalho — um gabinete com talhas da Renascença, com faianças e quadros portuguêses. Dramaturgo por tendência natural do seu espírito tem, na sua frente, três azes do palco: Augusto Rosa, Eduardo Brazão, Ferreira da Silva — três mascaras, três sombras...

Os primeiros minutos passaram-se numa conversa amiga, numa conversa que, pelo menos neste momento, não interessa o leitôr. Depois caímos em cheio no assunto que nos levara ali.

A TECELAGEM DE SEDAS E VELUDOS FOI, E AINDA É, A MAIS BELA INDÚSTRIA DE BRAGA. — ONDE SE FALA DAS ORIGENS E DA EVOLUÇÃO DE «A BRACARENSE»

— A sua fábrica de sedas?

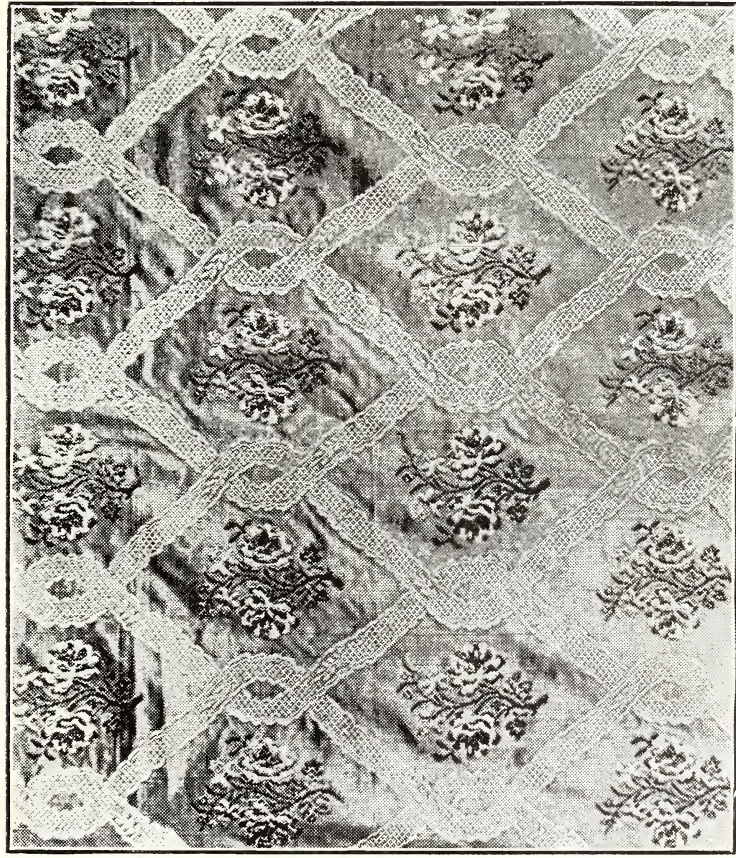
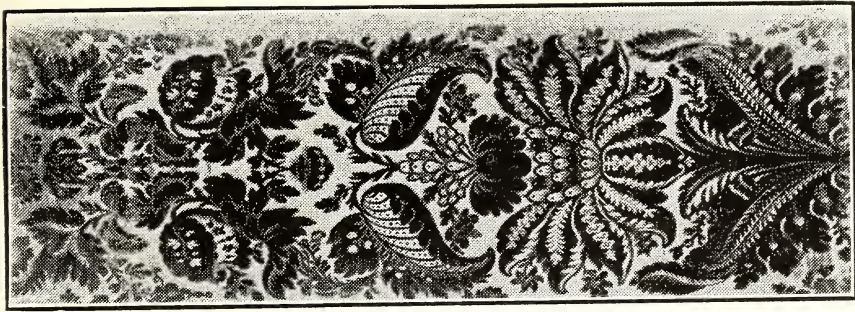
— Tem trabalhado pouco.

— Pouco?

— Sim. Não por falta de trabalho, devo confessá-lo, mas porque me sinto cansado. Decididamente, a minha vida tem de seguir sentido diferente. Já não me sinto possuído da *carolice* para tôdo me consagrar a ela.

— Morrerá?

Francisco Lage fica suspenso dum cigarro e, só depois, responde:

— Creio que não. Pelo menos assim o espero. As tradições desta indústria, tradições belas entre as mais belas, exigem a sua conservação. Braga necessita dela — porque é uma indústria que está presa ao seu passado e se confunde com a sua antiga grandeza.

«A BRACARENSE» — Setim lavrado e matisado, estilo Luiz XVI

Veludo lavrado, sec. XVII

«A BRACARENSE» — Brocado a oiro e prata sobre matiz, sec. XVIII

— Data de longe?

— De muito longe. Quando principiei a dedicar-me a ela, estudei-a com especialíssimo interêsse.

— E concluiu, então...

— Que já por volta de 1600 aqui se faziam trabalhos em seda, damasco e veludo verdadeiramente notáveis. No século imediato devia ter atingido o seu apogeu, a avaliar pelos elementos que me vieram parar ás mãos. Em 1811, porém, só restavam seis fábricas, segundo depoimento de José Accursio das Neves, e destas só três estavam em laboração: as de José Boaventura da Silva Porto, Pedro Luiz do Vale e de Antonio José Fernandes. A crise da sericultura, porém, veio causar-lhes embaraços, iniciando-se, então, um período de decadencia.

— Manifestado...

—... pelo abandono do fabrico dos melhores desenhos e dos melhores tecidos.

— Depois...

— Nasceram as fábricas de José Joaquim de Oliveira Junior, que esteve na rua do Souto, ainda no nosso tempo; de Manuel José Francisco da Silva, no lugar de Covêlo, Celeirós e de Manuel Pereira de Vasconcelos, chamada «A Bracarense», e da qual hoje faço parte.

— De quando data ela, portanto?

— De 1900.

— Era manual, não é assim?

— Como todas as desse tempo.

— Quantos teares tinha?

— 6, aumentados, com mais dous.

Possuia ainda: 2 «rodas caneleiras»; 1 «urdideira»; 1 «esquinhadeira»; 1 «engenho de dobar», de 12 parabolas e «requifeiro».

— Como lhe veio parar ás mãos?

— Eu lhe explico. A mudança do regimen determinou uma grande crise nestas fábricas, porque tôda a seda por elas fabricada destinava-se, simplesmente, aos artigos religiosos.

— «A Bracarense»...

— Fechou. Em 1920 constituiu-se a sociedade comercial e industrial «Indústrias Regionais», de que fui director, adquirindo entre várias oficinas, de ramos diferentes, esta fábrica.

COMO SE ADOPTARAM Á DECORAÇÃO CIVIL OS TECIDOS DESTINADOS Á PARAMENTARIA E Á ALFAIA RELIGIOSA

— Pósta de novo a trabalhar...

— ... facil me foi reconhecer que por motivo de ordem politica o comércio da referida tecelagem, orientado no sentido, apenas, do consumo de arte sacra — a paramentaria, a alfaia religiosa, nos seus variados aspectos — não permitia uma base de exploração certa.

— Resolveu, por isso...

— ... imprimir-lhe nova directriz, sem perda das suas características anteriores, que eram base essencial.

— Derivou-a então...

— ... para a decoração da arte civil, fazendo variar as côres impostas pelas leis litúrgicas, para uma melhor aplicação a épocas e estilos.

— O arquivo de desenhos que a fábrica possuia permitiu-lhes essa derivante?

— Apezar desse arquivo ser riquíssimo, nem todos os desenhos eram, evidentemente, viáveis para os fins em vista.

— Portanto...

— ... pouco a pouco novos desenhos foram criados, alguns deles reconstituidos sobre velhos pedaços de seda impostos pelo bom gosto. Motivos já existentes foram aligeirados e utilisados, por fim, no mesmo sentido.

— Nessa orientação...

— ... fizeram-se contemporaneamente, pela primeira vez, entre nós, as *nobrezas* listadas a tarja de setim, o que, sôbre a base fôsca desse genero de tafetá, deu lugar a lindíssimas telas, delicadas de côr, que partindo do estilo Luiz XVI passaram a ter aplicação nos decorados do Império, do nosso D. Maria I, até Carlota Joaquina — Queluz.

— Não fizeram tambem alterações nos setins matizados e lavrados?

— Aproveitamos a sua boa técnica de ramagens vistosas, policrómicas, com uso exclusivo na paramentaria rica, e fez-se pela primeira vez, tambem, a tecelagem decorativa, com motivos caracterizadamente do 1.º Imperio.

Nuançaram-se, numa escala variadíssima de combinações, os

damascos rasos, desde o tipo comum até esse esplêndido tipo de damasco renascença, vulgarmente chamado *italiano.*

— Mas fizeram muito. Crearam uma derivante valiosíssima.

— No praso de um ano, pouco mais, foi o que se pôde fazer. Constituiu uma tarefa exclusivamente de ordem artística, delicada, que a material visão capitalista nem sempre compreende.

— Depois...

—... dissolveu-se a sociedade referida. E eu, que podia ter ido tratar dos meus livros, levando no bolso a minha cóta, mais uma vez, para «animar as artes», me abalancei à exploração da fábrica, acompanhado sempre, do sr. Pereira de Vasconcelos.

UMA VALIOSA RECONSTITUIÇÃO DOS ADMIRÁVEIS TECIDOS ESTILISADOS DOS SÉCULOS XVI AO XVIII. NOTÁVEL TRABALHO SÓ REALISADO EM BRAGA

— Nessa terceira fase...

—... foi que se fizeram as mais belas provas de reconstituição de tecidos estilisados.

— Assim...

—... fizemos ressurgir os damascos espolinados, os setins lavrados e matisados, os brocados a oiro e prata e, pela primeira vez em Portugal, o brocatel de origem espanhola, do século XVII.

— Em que difére este último tecido dos restantes?

— Nos componentes, pois, no seu fabríco, além da seda, figura tambem o linho da terra.

— Explique-me: o veludo não é um tecido superior ao brocatel?

— Muito superior, mesmo, quer na sua categoria quer na sua realização técnica.

— E' dificil de fazer?

— E'. Basta dizer-lhe que, no nosso tempo, as tentativas feitas em Portugal, tôdas fracassaram. A prova definitiva, para honra e orgulho de Braga, só Pereira de Vasconcelos a conseguiu com pleno exito.

E' uma verdadeira ressurreição que só por si justificaria a existencia moral desta fábrica.

Francisco Lage levanta-se. Pegando num pano deste veludo, adianta:

— Foi uma das obras mais admiráveis que se fez do século XVI ao XVIII.

— Os teares mecânicos não podem fabricar tôda a série dêsses magníficos tecidos?

— Setins lavrados, matisados, espolinados, brocateis, brocados e veludos lavrados, com as características impostas pela tradição e pelas respectivas épocas — não podem.

— E damascos?

— Esses, podem. Ha, até, uma importante fábrica no Porto que os faz.

— Perfeitamente eguais?

— Não. Muito inferiores. Não é necessário, mesmo, dizer-lhe técnicamente porquê. Basta pôr-lhe diante dos olhos o mecânico e o manual.

— Diga-me: esses productos têm tido boa colocação?

— Têm. A' parte a venda para diversos mercados, chegamos a receber encomendas para decorar interiores completos, como o do Palacio Condeixa, ao pé de Coimbra, do sr. dr. Cândido Sotto Maior.

— Qúantos teares possue hoje a fábrica?

— Nove.

— E qual é a capacidade productiva?

— A base de exploração é sempre o damasco. Deste tecido um bom tecelão póde fabricar, em 8 horas, dois metros.

— Esse tecelão vence o ordenado de...

—... 8$00 escudos por metro.

— Tambem exportam?

— Não, senhor. Tôdo o que temos fabricado tem sido preciso para as necessidades dos mercados portuguêses.

— A exploração tem lhes dado compensações?

— De ordem moral, muitas, tôdas...

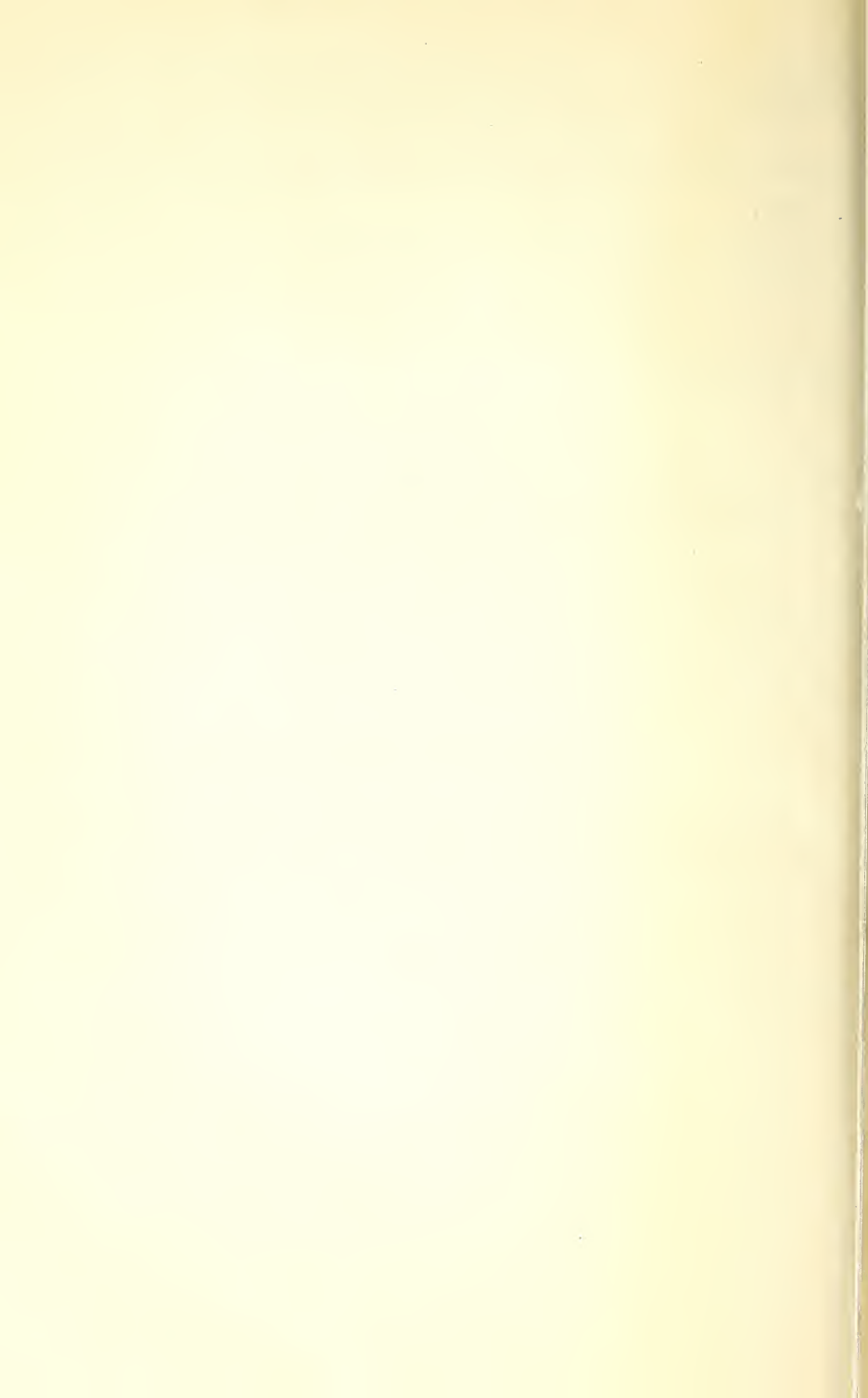
— De ordem material...

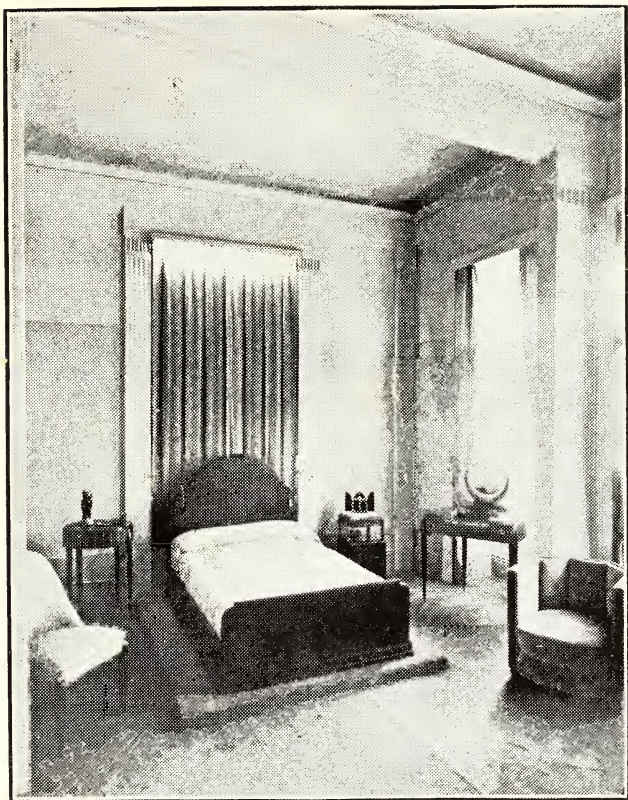
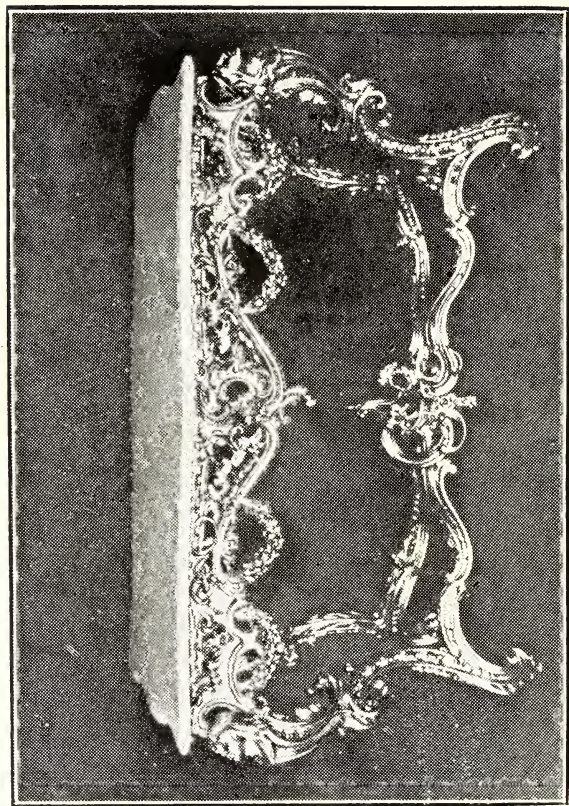
—... não temos razão de queixa. Com prazer verificamos que, por tôda a parte, havia preferência e distinção pelos nossos artigos.

E fixando melhor o seu monóculo, Francisco Lage termina:

— Mas quero salientar-lhe que só a tarefa do ressurgimento, constituindo tôdo o meu objectivo, me apaixonou. Uma vez alcançada,

estavam satisfeitas as minhas aspirações. Braga tinha reconstituida, plenamente, a sua mais bela e tradicional indústria.

O inquerito acabàra. Voltamos, por isso, à nossa conversa amiga — à conversa que, pelo menos neste momento, não interessa o leitor.

MARCENARIA ARTISTICA

TRATA-SE DUMA NOTAVEL ARTE SECULAR EM QUE SEMPRE SE DESTACARAM OS ARTISTAS BRACARENSES. O MOBILIARIO ANTIGO, A DECORAÇÃO E A ARTE MODERNA. AS OFICINAS "SOARES : BARBOSA & IRMÃO,, :

SOARES BARBOSA & IRMÃO — Mobiliario «Decoração Moderna». — (Quarto de cama da Ex.ma Snr.a D. Tereza de Araujo Afonso.)

SOARES BARBOSA & IRMÃO — Meza Luiz XV

A obra de talha, como a de marcenaria artística, não é uma indústria banal, uma indústria vulgar, sem acentuações. Bem ao contrário, é uma indústria que requer inteligência, saber, sensibilidade — arte.

Um móvel estilizado não exige sómente solidez, caracter, máscara. Exige também linhas elegantes, equilíbrio, proporção. Exige delicadeza, vida, sentimento artístico. Porque um móvel bem feito, um móvel trabalhado por um artista é um móvel que vive. Algumas vezes chega a dar a impressão que tem sangue, que tem alma.

Portanto, não é entalhador quem quere: é quem sabe sentir, quem faz da goiva uma paleta, um cinzel.

Um estilo é uma época.

Para a traduzir é preciso compreende-la. Para compreende-la é preciso estudá-la. E para a estudar é preciso tendência e inteligência.

Não. Não é entalhador quem quere — é quem o pode ser pela tendência natural do seu espírito. Os outros são... blague, são, quando muito, uma hipótese.

Os marceneiros da nossa cidade têm, desde tempos imemoriais, os seus créditos assegurados. Daqui saiu o maior e mais notável entalhador-decorador que Portugal teve: Leandro Braga. As idades passadas consagraram-nos e eles consagraram-nas em obras imorredoiras.

Estão cheias delas os nossos palácios, as nossas igrejas, os nossos museus.

Não é uma indústria de hoje, audaciosa, inconsciente — é uma indústria secular, robusta, bela.

*

*   *

Os srs. José Antonio Soares Barbosa e Luiz Soares Barbosa, proprietários daquela oficina de móveis que está na Avenida Central, são dois verdadeiros, dois incontestáveis temperamentos de entalhadores-decoradores — no que estas palavras têm de superior, de artístico.

Não são, como acontece a tantos, dois audaciosos inconscientes — e ignorantes. São, pelo contrário, dois audaciosos conscientes — e inteligentes. Fazem Arte, mas sabem o que ela é, e porque a fazem. Fazem modernismo, mas sabem o que é modernismo. Para êles a novidade não reside, simplesmente, na côr, no aspecto, no exterior. Reside na própria técnica, significa processos novos, implica a própria psicologia da época e das pessoas.

Soares Barbosa & Irmão são herdeiros natos dessas outras dinastias de entalhadores e decoradores que fizeram verdadeiras maravilhas e despertaram a admiração do mundo. O mais velho atravessou a nossa Escola Industrial com brilho desacostumado — conquistando multiplas distinções. O mais novo, o sr. Luiz Soares Barbosa foi, mesmo, mais longe. Dominado por um grande sonho, a que entregára toda a sua alma de artista, êle foi procurar novos horisontes nesse Paris irrequieto, que deslumbrava os seus olhos com raras scintilações de beleza e tentação. Por lá seus desejos insatisfeitos o tiveram alguns anos. As grandes oficinas abriram-lhe de par em par as suas portas. A «Escola de Artes Decorativas» contou-o como seu discípulo distinto.

Iólin, o grande triunfador de decoração e da escultura em madeira, não se limitou a ser seu mestre — foi tambem seu amigo. Soares Barbosa regressou depois a Portugal — precisamente no momento em que, lá fóra, um largo futuro irrompia para a sua perfeita sensibilidade de artista.

Como se houve a dentro de fronteiras e o que fez, juntamente com seu irmão, vão êles, agora, dize-lo, numa conversa simples, nesta sala de desenhos onde se estudam e preparam as obras:

QUANDO E COMO PRINCIPIOU A «OFICINA SOARES BARBOSA & IRMÃO»

— E' antiga, esta casa?

— Tem 38 anos. Fundou-se em 1890 — responde o sr. Luiz Soares Barbosa.

— E quem a fundou?

— Meu irmão.

— Aonde?

— Na rua Direita, em Maximinos — acrescenta o sr. José Soares Barbosa.

— Com muitas oficinas?

— Não, senhor. Com uma e, por sinal, muito pequena.

— Que fabricava?

— Altares e toda a obra de talha, para ornamentação e decoração de igrejas.

— Como mudou, então para o mobiliário?

— Em 1910 deu-se, como sabe, a mudança de regimen, que trouxe grandes perturbações à vida religiosa. Conseqüentemente a minha oficina viu-se atingida, rareando as encomendas.

— Deante desse facto assustador...

— ... derivei a minha indústria, um ano depois, para o ramo da arte civil. Havia, porém, uma dificuldade...

— ... era a da...

— ... realização técnica. O mobiliário antigo tinha um processo de construção e o moderno outro.

— Resolveu essa dificuldade...

— ... o Luiz, que tendo ido para França, ali se ilustrou com os mestres de mais competência.

PARIS PERANTE AS AUDACIAS CONSCIENTES DOS MODERNOS. OS MESTRES DA DECORAÇÃO. A SUA INTRODUÇÃO EM PORTUGAL E O SEU AJUSTE AO CARACTER PORTUGUÊS

O sr. Luiz Soares Barbosa, intervem:

— Paris era sacudida, nessa época, pelas primeiras audácias dos modernos decoradores que tinham á sua frente uma pleiade brilhante de artistas, como Majorel, Maurice Dufréne, Frichet, Leleu, Chavau, etc. A luta trava-se intensa. Tomados de idealismo, esses rapazes não desanimavam perante a resistencia da grande massa de Paris.

Ruhlmenn, assombrando pelas suas mara-

vilhosas creações, apezar dos seus poucos anos, lutou, sim, mas venceu, pois é hoje, incontestávelmente, o primeiro decorador da França.

— O sr. Soares Barbosa...

—... apaixonei-me, como eles, pela arte moderna. Estudei-a com cuidado em todas as suas linhas. Aprendi a sua técnica, os seus processos de trabalho...

— E quando estava senhor deles...

— Mas não satisfeito, note, tive de regressar a Portugal.

— Pô-los logo em prática?

— Tive de começar lentamente. Principiei por me associar com o José. Uma vez juntos dedicamo-nos a todo o genero de obra antiga, por ser a de mais facil colocação. Das nossas oficinas principiaram a sair as mobílias estilizadas — Luís XV, XVI, Império, Renascença, D. João V, etc., — que tiveram larguíssima procura. Lisboa comprava quantas produzíamos. O proprio estrangeiro procurou a nossa obra.

— Alcançada, pois, a primeira vitória...

—... tentamos o mobiliário moderno. Pouco a pouco, para não irritar, fômos apresentando, não o que Paris produzia de novo, mas adaptações nossas, dentro do ambiente português.

E o sr. Soares Barbosa esclarece:

— Porque devo dizer-lhe que tambem o mobiliário precisa de caracter, de personalidade. E' indispensavel dar-lhe existência, pô-lo a viver comnosco, pô-lo de acôrdo com o nosso modo de ser, e com tudo que se encontra à sua volta.

— Ligando-o à decoração?

— Sem dúvida alguma. Tem de estar, mesmo, em íntimas relações.

— Foram bem sucedidos com este género de mobiliário?

— Absolutamente. Hoje já temos um grande, um enormíssimo numero de pessoas que lhe dá preferência. Mas no futuro — num futuro breve — *os completos* serão o ideal de toda a gente, pode crêr.

— Qual dos dois processos de fabrico é mais sólido? Não é o antigo?

— Não, senhor. O moderno oferece muito mais consistência,

embora pareça o contrário. E' claro que me refiro ao mobiliário bom, não é assim?

O ESTRANGEIRO CONHECE E APRECIA OS ENTALHADORES BRACARENSES. DADOS ESTATÍSTICOS E AS OFICINAS

— Vendem para todo o país?

O sr. José Barbosa:

—... E tambem para as ilhas e para o estrangeiro. Olhe: para o museu de Zurich vendemos nós um móvel em estilo flamengo — uma linda peça. Paris igualmente nos tem comprado diversa obra. Em Portugal fizemos, entre tantas outras, a decoração de todo o palacio Pindela.

— Qual é a percentagem das vendas para o estrangeiro?

— 50 °/₀ da produção total, em média.

— A quanto monta o capital social?

— A 60 contos. Mas devo dizer-lhe que está desactualisado e, portanto, valorizado.

— Quantos operários tinham em 1911?

— 14 ou 15.

— E hoje tem?

— 51, mais ou menos especializados.

O sr. Soares Barbosa faz, nesta altura, uma pausa para nos levar ás oficinas. Primeiro visitamos o armazem de mobiliário — extensa sala onde projectam montar, em breve, diversos e rigorosos *completos* para exposição.

Depois os armazens de fôlhas de madeiras preciosas, de cristais, de mobílias para acabamento, etc. A seguir uma enorme oficina com secções de entalhadores, marceneiros, pulidores, etc., que está em plena laboração. E ao fundo desta a oficina das máquinas com a respectiva *guarlopa, plaina, furador, tupia, serra de fita,* etc. Aos lados os armazens das diferentes madeiras.

Por ultimo vemos a sala de exposição, lindamente ornamentada, e retrocedemos à sala de desenhos, passando, antes, pelos escritórios.

— Como pôem todo este maquinismo a funcionar?

— Fàcilmente. Usamos aproximadamente o sistema Taylor. Todas as obras estão numeradas, tendo cada uma duas fichas: a primeira é da matéria prima e a segunda é do trabalho. O operário

possue um talão, que lhe é fornecido diáriamente, onde assenta as horas que dispendeu nas peças que lhe foram distribuidas.

— Por essa forma...

—... nós sabemos com rigôr quanto gastamos em cada obra.

— E isso permite-lhes...

—... estabelecer um plano de acção absolutamente seguro. Note que temos, ainda, fichas para requisições aos armazens, de entradas, de saidas, etc.

— Quanto pagam de contribuições e impostos?

— 60 contos, incluindo nesta verba, toda a variada espécie dêsses encargos.

— Tencionam desenvolver a sua oficina?

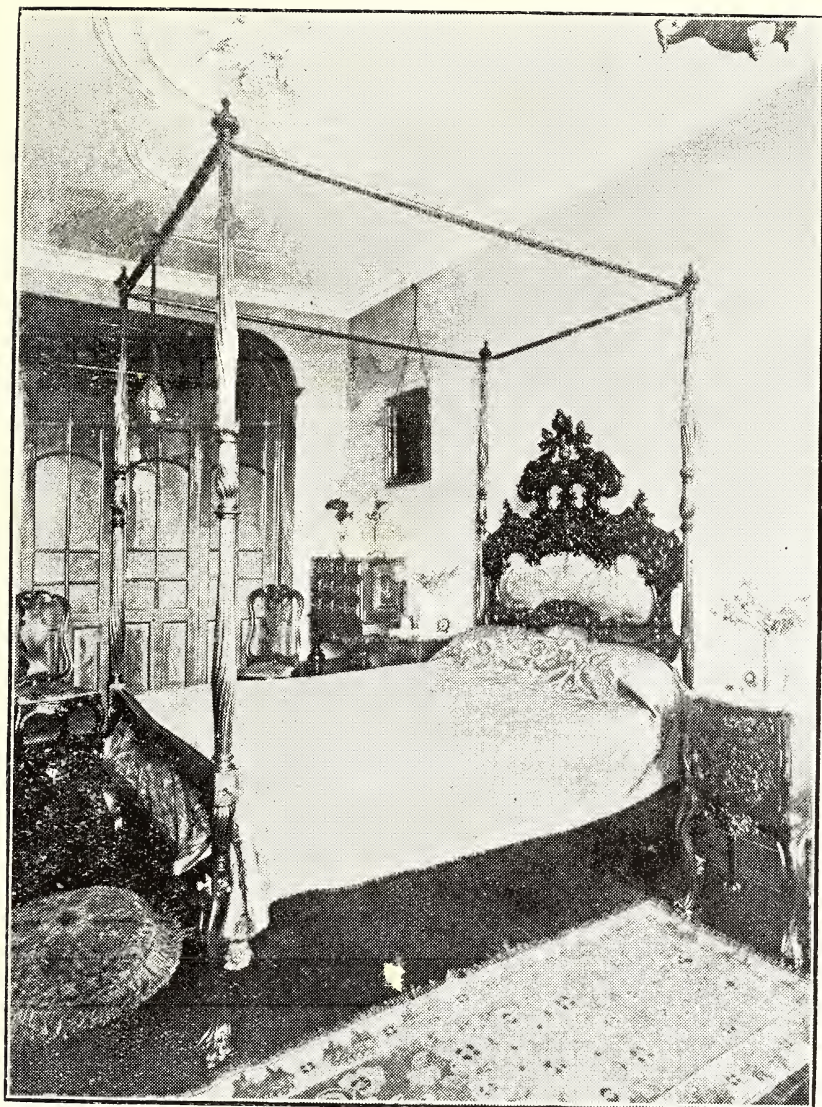
O sr. Luiz Soares Barbosa, atalhando:

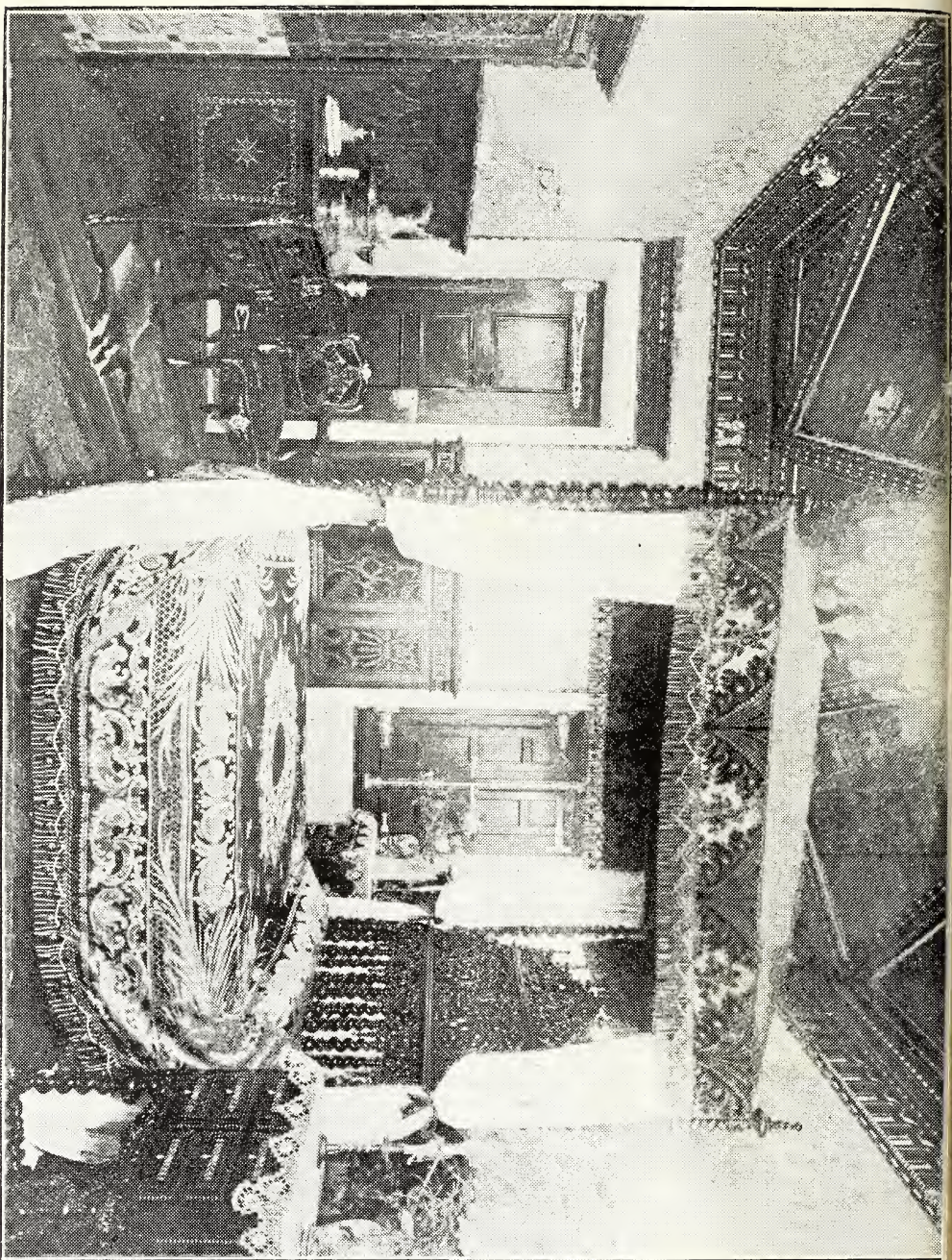
— E' todo o nosso desejo, a nossa maior ambição. Dentro do nosso espírito vive um sonho dilatado, enorme, talvez audacioso, sempre fundamentado no aperfeiçoamento artístico. Chegaremos a realiza-lo? Esperamo-lo com fé. No entanto... só o futuro o dirá.

Nas palavras que ficam — ditas sem pretenções, num á-vontade perfeito — não está simplesmente, um programa — mas um depoimento completo.

Atravez dele descobrirão os olhos menos atentos a importância marcante da marcenaria artística de Braga — notável arte secular que, por seu bem, encontrou nos irmãos Soares Barbosa os seus legítimos e valiosos cultores.

A INDÚSTRIA DE TALHA

NO INQUÉRITO QUE
VAI LÊR-SE CONSTA
O GRANDE MERECI-
MENTO DA ARTE DE
TALHA, E DOS SEUS
CULTORES BRACA-
RENSES. AS OFICI-
NAS "SOUSA BRAGA,
: : : : : FILHO,, : : : : :

SOUZA BRAGA, FILHO — Mobiliario D. João V

(Cliché da Foto-Chic.)

SOUZA BRAGA, FILHO — Quarto de cama Luiz XIII

(Cliché da Foto-Chic.)

A arte de entalhador é uma arte distinta, uma arte nobre. E é nobre porque requer qualidades excepcionais, qualidades que não são de toda a gente e para toda a gente. Não se trabalha, também, como qualquer indústria, com regras certas, com moldes inalteráveis, com linhas determinadas. A arte de entalhador vive, em grande parte, da sensibilidade, do capricho e da alma dos que a exercem, a vivem.

O facto de três móveis pertencerem a um determinado estilo, a uma época caracterizada, não quer dizer que sejam absolutamente iguais. Variam consoante o poder de criação de quem os fez. Isto não é novo, mas é, com certeza, um facto iniludível.

Manuel de Sousa Braga é, como seu irmão Angelo, um entalhador de verdade — um entalhador que sabe penetrar no segredo artístico do mobiliário. Trabalha a talha com a dedicação que predomina no escultor ao modelar a sua obra; com o mesmo afecto, com o mesmo entusiasmo que se observa no poeta ao cinzelar os seus versos.

Descende, em linha recta, de gerações de entalhadores, modestos na ambição, mas de grande merecimento pela sua arte instintiva. Sousa Braga é, pois, um continuador dêsses que morreram ignorados, incompreendidos, mas que nos deixaram obras de incontestável beleza.

A sua oficina está hoje instalada num prédio da Praça Alexandre Herculano. Dela sáem trabalhos que dão fama, sem dúvida alguma, aos entalhadores bracarenses.

Sousa Braga não sabia que também teria de depôr no nosso inquérito, nêste inquérito de resgate e de justiça.

Dominada a sua surpreza, principiamos:

A OBRA DUM TRABALHADOR. COMO DO POUCO SE CHEGA AO MUITO. EXEMPLO QUE FRUTIFICA

— Data de longe, a sua casa?

— Foi fundada em 1887.

— Por quem?

— Por meu querido pai e saudoso mestre, Domingos de Sousa Braga.

— Constituiu alguma emprêsa?

— Não, senhor. Inicialmente foi uma simples oficina. Principiou, até, com reduzido numero de pessoal.

— Quantos operarios?

— Talvez 4 ou 5...

— Tinha capital estipulado?

— Não tinha. Meu pai fez-se por si, á custa do seu unico esfôrço. Os seus recursos eram pequenos, economisados com sacrificio do seu edificante trabalho.

— A que se dedicou, de princípio?

— A trabalhos de ornamentação para igreja, como altares, tribunas, etc., e a restauros de móveis antigos.

— Recebeu muitas encomendas?

— Imensas. A oficina teve, em curtos anos, um grande incremento. De toda a parte lhe chegavam pedidos de obras.

Com satisfação:

— Meu pai era um bom artista — e muito consciencioso. Obra que não saísse a seu gôsto, não era entregue sem ser aperfeiçoada.

— Foi devido a essa salutar orientação...

—... que os seus trabalhos lograram largo crédito.

— Chegou a ter muitos operários?

— Mais de 50.

— Emquanto foi vivo dedicou-se, exclusivamente, à obra de talha?

— Não, senhor. Depois da crise originada com a mudança do regimen, em 1910, derivou para a marcenaria artística, desenvolvendo-a com resultados plenamente satisfatórios.

— Não fez parte, tambem, da sociedade das «Indústrias Regionais e Decorativas»?

— Fez, sim, senhor, e deixe-me dizer-lhe que esse foi, por certo, o passo mais infeliz da sua vida.

— Porquê?

— Porque foi ele que determinou o quasi aniquilamento da nossa oficina, e fez perder a meu pai a melhor ocasião de ganhar dinheiro.

— Por não aproveitar o período da guerra?

— Exato. Como sabe, essa foi a melhor época para a indústria nacional que teve a facilidade de se valorizar, ao mesmo tempo que se depreciava a moeda.

— A sua oficina...

—... sofreu, precisamente, o reverso da medalha.

— Quando tomou conta dela?

— Em 1922, já depois da morte de meu pai, e após a dissolução da «Sociedade das Indústrias Regionais».

E Manuel Sousa Braga explica:

— Tive de reorganizar tudo. Por um lado a oficina não era nada do que tinha sido, e por outro faltavam-me os capitais para a montar convenientemente.

— Em virtude dessas dificuldades...

—... comecei a nova vida com muito pouca gente.

— Uma vez a trabalhar, explorou...

TRABALHOS DE MERECIMENTO. A TALHA E A MARCENARIA ARTÍSTICA. AS OFICINAS DE SOUSA BRAGA. A FAMA DOS ENTALHADORES BRACARENSES CONHECIDA LÁ FÓRA

—... a obra de talha, especialmente, e a marcenaria artística.

— Faz mobiliário estilizado?

— De todas as épocas e dentro do maior rigôr. E' o género de que mais gosto.

— Abandonou as ornamentações religiosas?

— Continuo com elas, sendo freqüentes as encomendas de altares.

Indicando-nos uma peça em construção, Sousa Braga diz-nos:

— Neste momento, por exemplo, estou a fazer um para o Funchal.

— Também se dedica ao mobiliário moderno?

— Tenho fornecido bastante, sobretudo nestes últimos tempos.

— No entanto...

— ... repito, o mobiliário antigo é a minha paixão. Talvez por ter trabalhado nêle desde muito novo, custa-me a deixá-lo.

— Na sua oficina apênas se fazem cópias?

— Fazem-se, igualmente, composições. As exigências de confôrto e comodidade, dos nossos dias, não dispensam certos móveis que não existiam nos velhos tempos.

— Para suprir a sua falta...

— ... adaptamos o estilo à peça que fôr indispensável. Mas até nos móveis consagrados introduzimos ornamentação nossa, sem se alterarem, evidentemente, as bases essenciais, que lhe dão o caracter.

— Quantas mobílias faz por ano?

— Não lhe sei dizer. Como pode calcular é um caso muito relativo e contingente. Depende, sempre da natureza da obra. A talha dá muito trabalho. E' preciso estudá-la, tratá-la com especial carinho. Depois varia muito. Há talha simples de fazer, mas, em compensação, há outra que nunca é acabada.

— Têm tido muitas encomendas?

— Bastantes. Por minha felicidade o trabalho não tem faltado.

— Para onde vende mais?

— Para o continente, especializando Porto e Lisboa.

— E depois do continente?

— Para as ilhas. No Funchal e na Madeira tenho uma boa parte de minha clientela.

— Qual será a média do movimento, em escudos, na sua casa?

— Cerca de 902 contos.

— Tem muitos operários?

— 32. Mais teria, sem duvida, se não houvesse, como lhe disse, o grande atraso ocasionado pelas «Industrias Regionais». Se não fossem elas a minha casa, hoje, seria outra.

Sousa Braga convida-nos, agora, a visitar as suas oficinas. A primeira secção que nos aparece, ao rés-do-chão, é a de talha. Depois segue-se a de marcenaria, polimento, etc. Ao fundo, a secção mecânica, contendo *a serra de fita, garlopa, furador* com os respectivos adicionais para *tupia, ferros de rasgar,* etc. No primeiro andar ficam o escritório e os depósitos de mobiliário.

— As máquinas prestam-lhe bons serviços?

— Sem dúvida, mas só para a obra de marcenaria.

— Não pode adaptá-las à talha?

— Não, senhor. De resto, neste aspecto, sou, como meu pai, contrário ao trabalho mecânico.

— Pelo motivo...

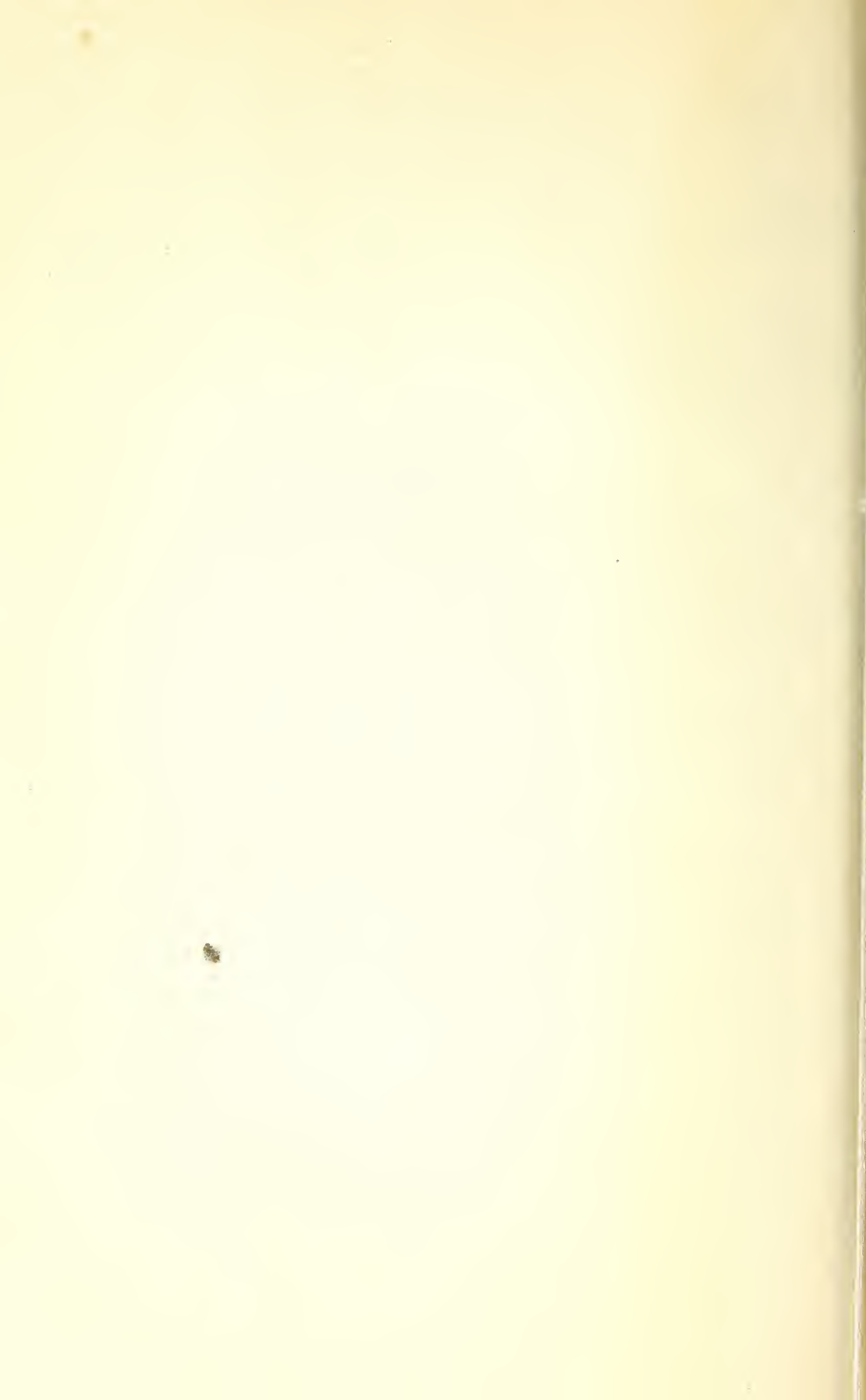
— ... de ser muito imperfeito confrontado com o manual. Ora eu procuro, justamente, aperfeiçoar cada vez mais, e tanto quanto possivel, a produção das minhas oficinas. O trabalho artístico não se pode mecanicizar, sob pena de se perder.

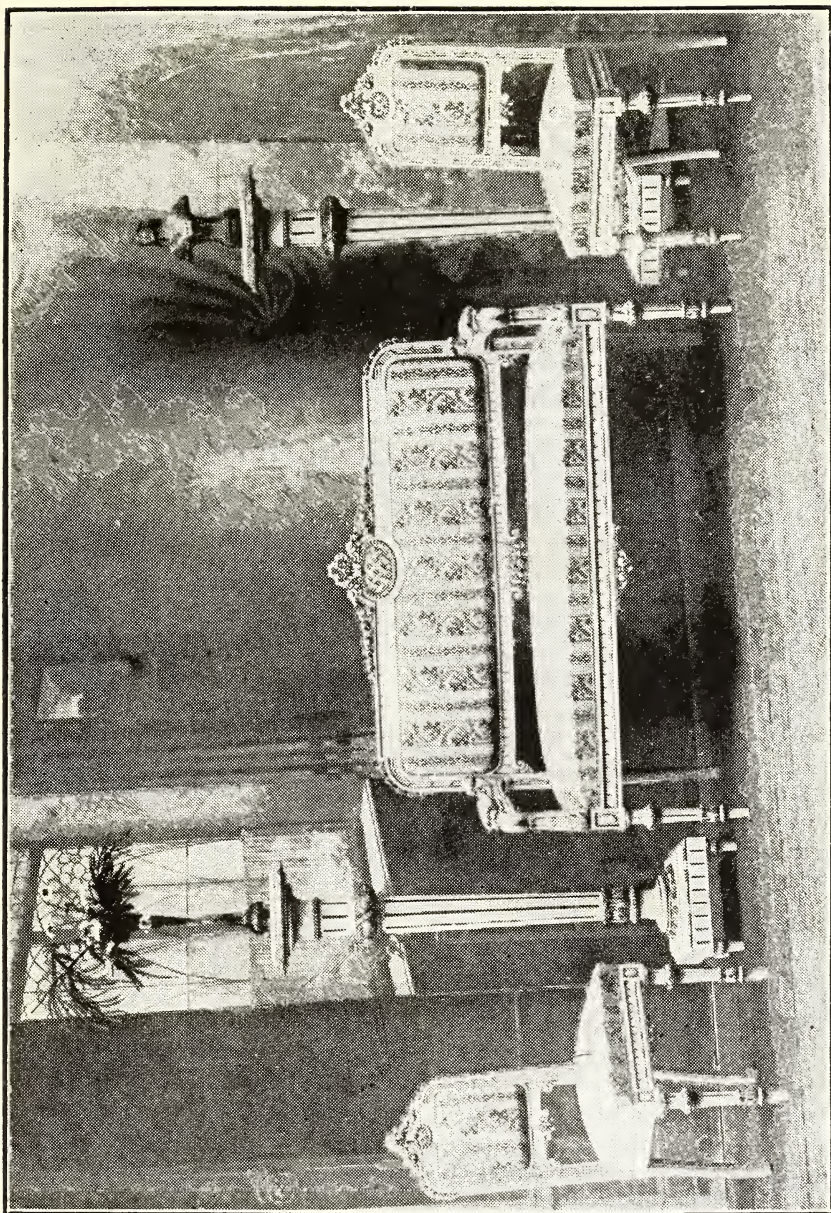
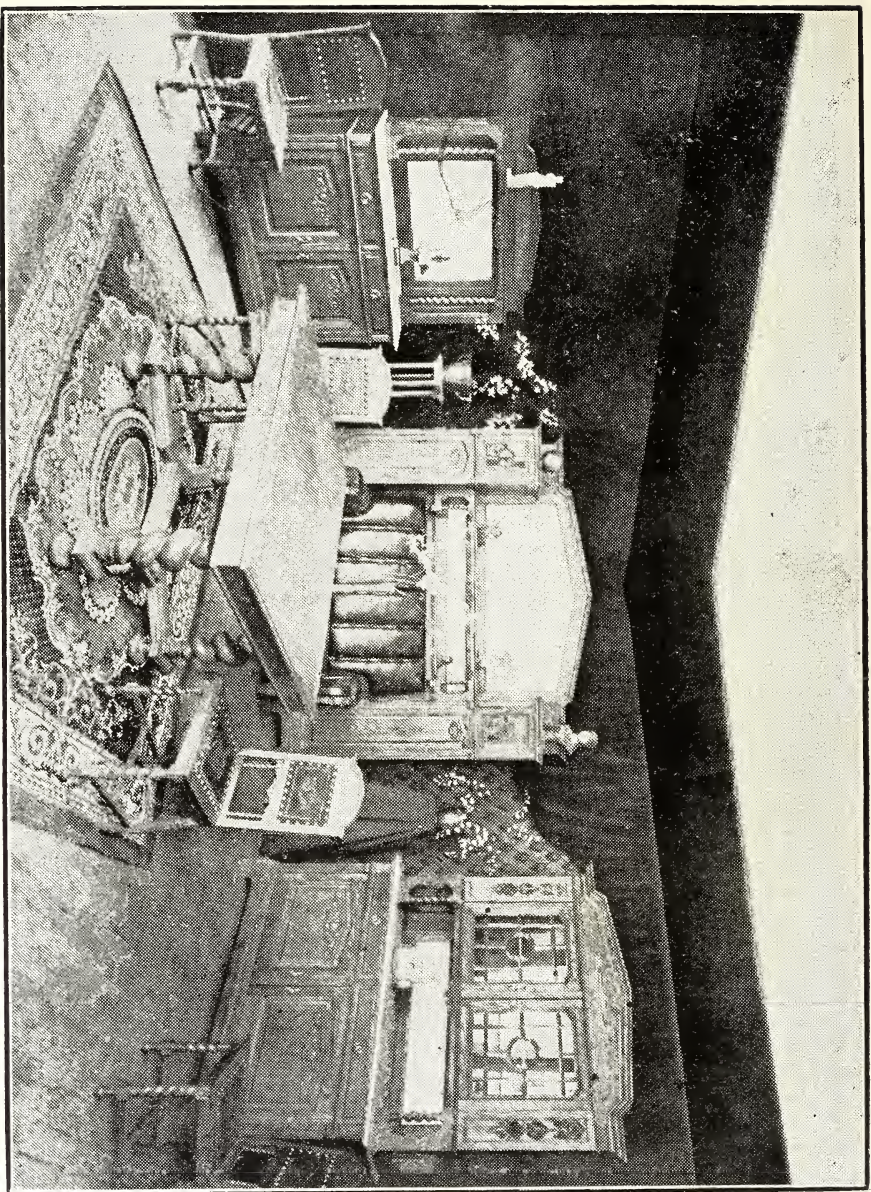
— Pensa desenvolver a sua casa?

— Penso desenvolvê-la e aperfeiçoa-la, como disse, para seguir o caminho traçado por meu pai. Espero, simplesmente, que desapareçam as dificuldade da hora presente e as circunstâncias o permitam.

— Entretanto...

— ... procurarei firmar-lhes as tradições artísticas, que felizmente possue, e lhe tem valido elogiosas referências de nacionais e, até, de estrangeiros.

Estas palavras de Sousa Braga fecharam o inquérito. Tambem já era tempo, porque obrigações imperiosas solicitavam a atenção do que é proprietário duma das melhores oficinas de entalhador que Portugal possue.

A INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO

RECORDA-SE OS PRIMEIROS TEMPOS DA INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, O SEU PROGRESSO, A SUA IMPORTANCIA. OBRA ARTÍSTICA E "OBRA DE COMBATE". A CASA FAUSTINO & BARROS

FAUSTINO & BARROS — Mobilia Luiz XVI

FAUSTINO & BARROS — Mobiliario moderno

A indústria de mobiliário constitui hoje, inegávelmente, o principal ramo de exploração da marcenaria. As necessidades modernas de asseio e conforto deram-lhe um desenvolvimento para notar. Tanto adentro como fora da cidade existe um larguíssimo número de pequenas oficinas donde saem mobílias de todos os géneros e para todos os gostos — os mais variados e opostos. No entanto, deve dizer-se, a maioria delas não executa a chamada marcenaria artística que se encontra limitada a um grupo especializado, por exigir, ao lado da prática, uma rasoável preparação teórica. O grande forte dessas oficinas é, pois, a obra que geralmente denominam de «combate».

E' constituida pelo mobiliário simples, modesto e económico, destinado à grande massa — a todos aqueles que não têm preocupações artísticas nem largas fortunas.

Contudo, até neste género, os marceneiros de Braga mostram a sua tendência nata para esta indústria, fazendo móveis duma simplicidade agradável, de linhas sóbrias, de grande resistência e de marcado bom gôsto.

A casa Faustino & Barros, da velha rua do Souto, dedicou-se, desde a sua fundação, exclusivamente, à indústria de mobiliário. E', neste particular, das mais antigas de Braga.

Das suas oficinas tem saído tôda a múltipla variante do mobiliário — desde o banal e incaracterístico *francês*, até ao mais rico de estilo e mais impressionante na beleza. Ainda assim, o principal objectivo da casa Faustino & Barros é, precisamente, a obra de combate — como se vê pelas suas exposições e pelos grandes depósitos de mobiliário do citado género. E', sem dúvida, uma casa acreditada. Os seus proprietários pensam agora fazer a derivante para a decoração, tanto para acompanhar os progressos da sua indústria, como para satisfazer ás exigências dos nossos dias.

O nosso inquérito vai realizar-se com o sr. Vicente da Silva Barros, que tem dedicado o seu melhor esfôrço ao desenvolvimento desta casa, onde lhe nasceram, como nos disse, os dentes e os primeiros cabelos brancos. E' um marceneiro activo e amigo de saber. Freqüentou a nossa Escola Industrial, com aproveitamento, pois foi um dos alunos mais classificados do seu curso — segundo nos afirmou.

Primeiramente trocamos impressões breves, rápidas. Falamos da indústria de marcenaria, da sua importância, das suas particularidades. E falamos também do nosso inquérito — e do objectivo que se propõe atingir. O sr. Barros tem um conceito que podemos classificar de original, mas que é dêle. Vê as coisas a seu modo. Isso basta. Depois... começamos.

— A sua casa data de...

—... 1886. Foi das primeiras que se dedicaram a esta indústria.

— Já na rua do Souto?

— Não, senhor. De entrada, esteve na rua Nova de Souza.

— Quem a fundou?

— Os srs. António da Costa Lopes e Faustino de Souza Braga, meu sogro e sócio.

— Teve logo grande desenvolvimento?

— O compatível com a época. Como sabe, as exigências de então eram mais modestas.

— Quantos operários teria?

— Ao certo não sei. Mas deveria ter poucos, pelos motivos que lhe referi.

— Tem conhecimento do capital inicial?

— Não, senhor. Calculo, no entanto, que deveria ser reduzido.

O QUE MAIS SE FAZ E O QUE MAIS SE VENDE. A NECESSIDADE DA DECORAÇÃO. FACTOS E PROJECTOS

— Que fabricava?

— Todo o género de mobiliário. Faziam-se, também, restauros, embora em pequena escala.

— Qual era o forte da casa?

— O mobiliário de combate. O outro, o estilizado, exigia prudência porque demandava de grandes empates de dinheiro e tinha difícil colocação.

— O trabalho era todo manual?

— Absolutamente todo. As máquinas só apareceram mais tarde, muito mais tarde, mesmo.

— A firma teve variantes?

— Teve. Apoz alguns anos da fundação saiu o sr. Costa Lopes, ficando apênas meu sôgro com a propriedade da casa.

— Por muito tempo?

— Por alguns anos. Depois, associou os sr. Manuel e João Carneiro que se mantiveram com êle...

— até...

—... 1922. Nesta data, organizou-se a presente firma que tem procurado não só manter as tradições herdadas, de seriedade e competência de fabrico, mas criar-lhe novas vantagens à custa duma maior expansão e dum aturado aperfeiçoamento.

— Tem muitos operários?

— Bastantes. O seu número, porém, varia, conforme as conveniências de trabalho.

— Também possui máquinas?

— As principais: *garlopa, plaina, furador, serra de fita, tupia e torno.*

— Fabricam, ainda, todo o género de mobiliário?

— Fabricamos. Presentemente, por exemplo, estamos a trabalhar numa riquíssima mobília Império para o sr. Júlio António Amorim Lima.

E o sr. Barros sublinha:

— Só os bronzes vieram de Paris. São formosos, admiráveis.

— A sua produção é colocada em Braga?

— Em Braga e no districto, principalmente. Mas também vendemos para os restantes mercados nacionais.

— Muito?

— Alguma coisa, conforme as ocasiões.

— Os senhores fazem só obra por encomenda?

— Também fazemos para depósito, como lhe vou mostrar.

O sr. Barros pede-nos, então, para o acompanharmos aos seus armazens, no primeiro andar. Compõem-se de duas salas de grandes dimensões. Dispersas por elas, mobílias de casa de jantar, de quarto de cama, de escritório, sala de recepção, cadeiras, mesas, tapetes, tudo, enfim, que se fabrica ali, juntamente com artigos de decoração.

Descemos depois, ao rés-do-chão e percorremos as oficinas, nas trazeiras do prédio. A primeira é a de marcenaria, polimentos, etc. A segunda é das máquinas.

Retomando o nosso interrogatorio perguntamos;

— Quantas mobílias fazem por ano?

— Impossível dizer-lhe porque é tudo quanto há de mais variável. Depende, como calculará, da natureza das obras, do seu trabalho, da sua época, etc.

— Projecta ampliar a sua casa?

— Pelo menos esforço-me por isso. Com o maior interêsse procuro manter um estabelecimento que, sem hesitações, sem declínios, acompanhe o crescente progresso da cidade.

O inquérito terminara. O sr. Barros tinha-se resolvido, afinal, a modificar o seu conceito, e os seus propósitos... como fica demonstrado.

"ARTE MODERNA MARCENARIA,,

FALA-SE DO DESEN-
VOLVIMENTO DA IN-
DÚSTRIA DE MOBILIÁ-
RIO, DA SUA BELEZA,
DA SUA IMPORTANCIA
E DO IMPORTANTE PA-
PEL QUE ESTÁ RESER-
VADO Á DECORAÇÃO

A «Arte Moderna», que pelo seu nome parece ter sido fundada ha meia duzia de anos, quando muito, é, no entanto, a mais antiga marcenaria de Braga. Atravessou já 55 estios, dispondo hoje, como sempre, de fecundas condições de vida. Explora como se depreende, a indústria de mobiliário, e bem assim as correlativas, de estofos e decoração.

Uma grande parte das casas da nossa província têm mobílias da «Arte Moderna», pois há 40 anos, cremos, só ela e uma outra marcenaria se consagravam a este género de indústria.

Principiou por uma oficina modesta, mas o lindo aspecto dos seus artigos, a sua solidez, e a sua novidade determinaram-lhe, em breve, uma grande expansão.

«Arte Moderna» executa todo o género de marcenaria. Mas tem a sua especialidade, uma especialidade a que se dedicou com alma, com o maior entusiasmo: a do mobiliário moderno, ao sabôr das artes decorativas de Paris. Neste particular a citada marcenaria consegue obras curiosas, convindo notar que os seus trabalhos nunca são repetidos. Como outras casas, explóra, tambem, a obra de combate, mas a que já possue aspirações de estilo. Na secção de estofos tem coleções de grande interesse, tão variadas como formosas. Numa palavra: é uma casa que deseja ser de hoje e para hoje.

A «Arte Moderna, Marcenaria», está na rua do Souto e tem, como seu principal cartaz, — um cartaz vistoso, garrido, — um dos seus proprietarios: Constantino Costa. Atirado à labareda intensa da vida comercial portuense, ainda novo, de lá veio com o cerebro cheio de aspirações. Não é um teórico, nem mesmo possue, que saibamos, qualquer curso. Mas tem qualidades especiais, que lhe permitem exercer com facilidade, gosto e competência a sua arte. Fez-se por si, com os únicos recursos do seu temperamento e da sua vontade.

O jornalista já era esperado para o infalivel inquérito. Não houve, mesmo, que perder tempo. Os srs. Francisco e Constantino Costa estavam dispostos a fornecer todos os esclarecimentos. Abrimos o nosso interrogatorio, por isso, com as sacramentais preguntas:

OS PRIMEIROS TEMPOS DA «ARTE MODERNA». A INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO

— Quando se fundou a sua casa?

— Em 1883. Verdadeiramente foi a primeira que, no Minho, se dedicou, apenas, à indústria de mobiliário.

— Não havia, então, qualquer outra?

— Havia a do *Antonio Caneca,* mas essa era muito deficiente. A minha casa, embora principiasse com certa modéstia, marcou desde logo — atalha o sr. Francisco Costa.

— Foi o seu fundador?

— Sómente eu.

— E fundou-a nesta rua?

— A principio estive na rua de Jano. Depois vim para esta e desta fui para a Nova de Sousa. Mais tarde adquiri o edificio que hoje ocupo, onde então me fixei definitivamente.

— Dispunha de grande capital?

— De 10 contos, pouco mais ou menos.

— E tinha muitos operários?

— 7 ou 8.

— Que genero de mobiliário fabricava?

— O chamado *francês.* Era um mobiliário em mogno, muito trabalhado, forte, que esteve em uso durante largos anos.

— Foi bem recebido?

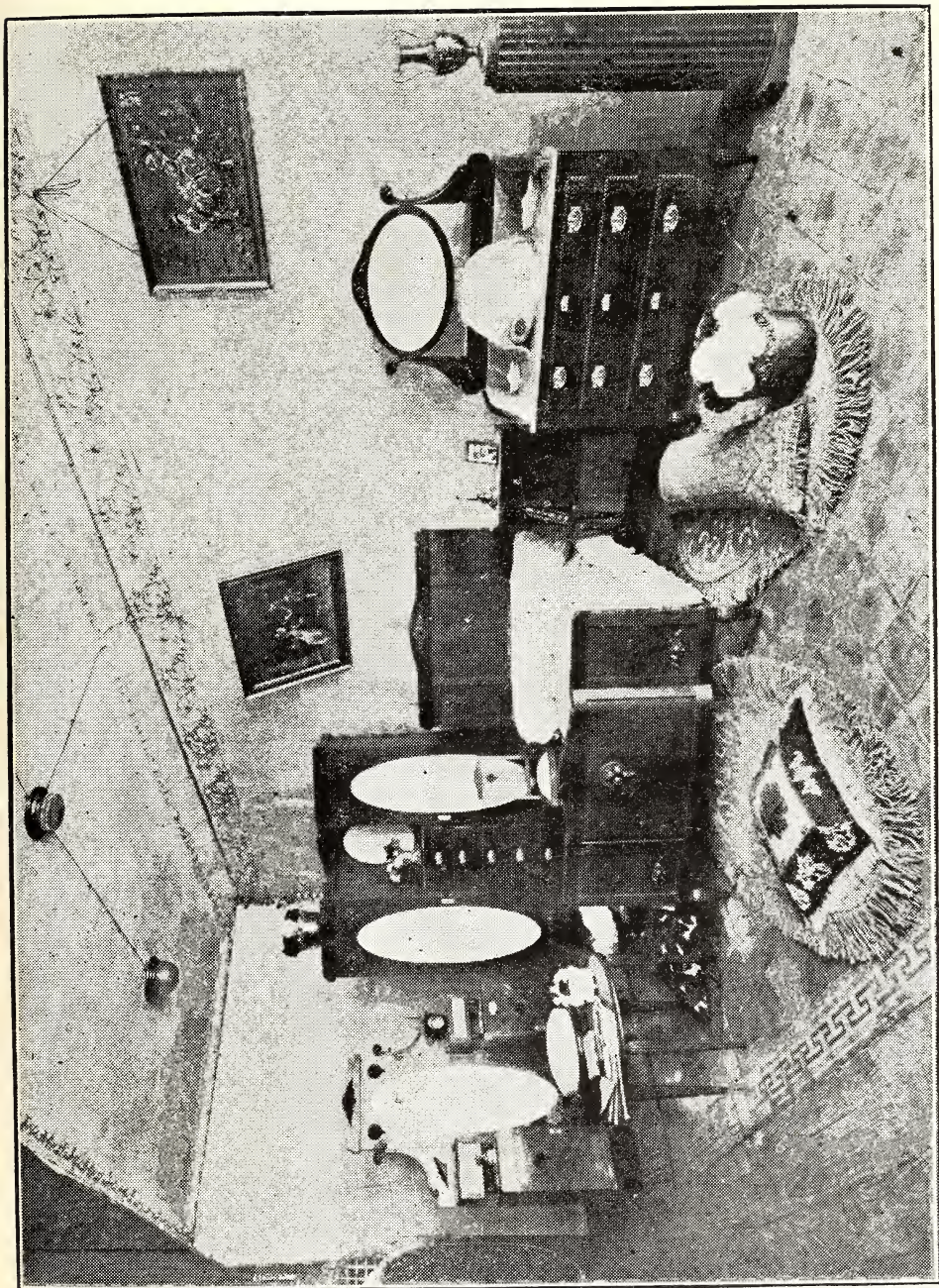
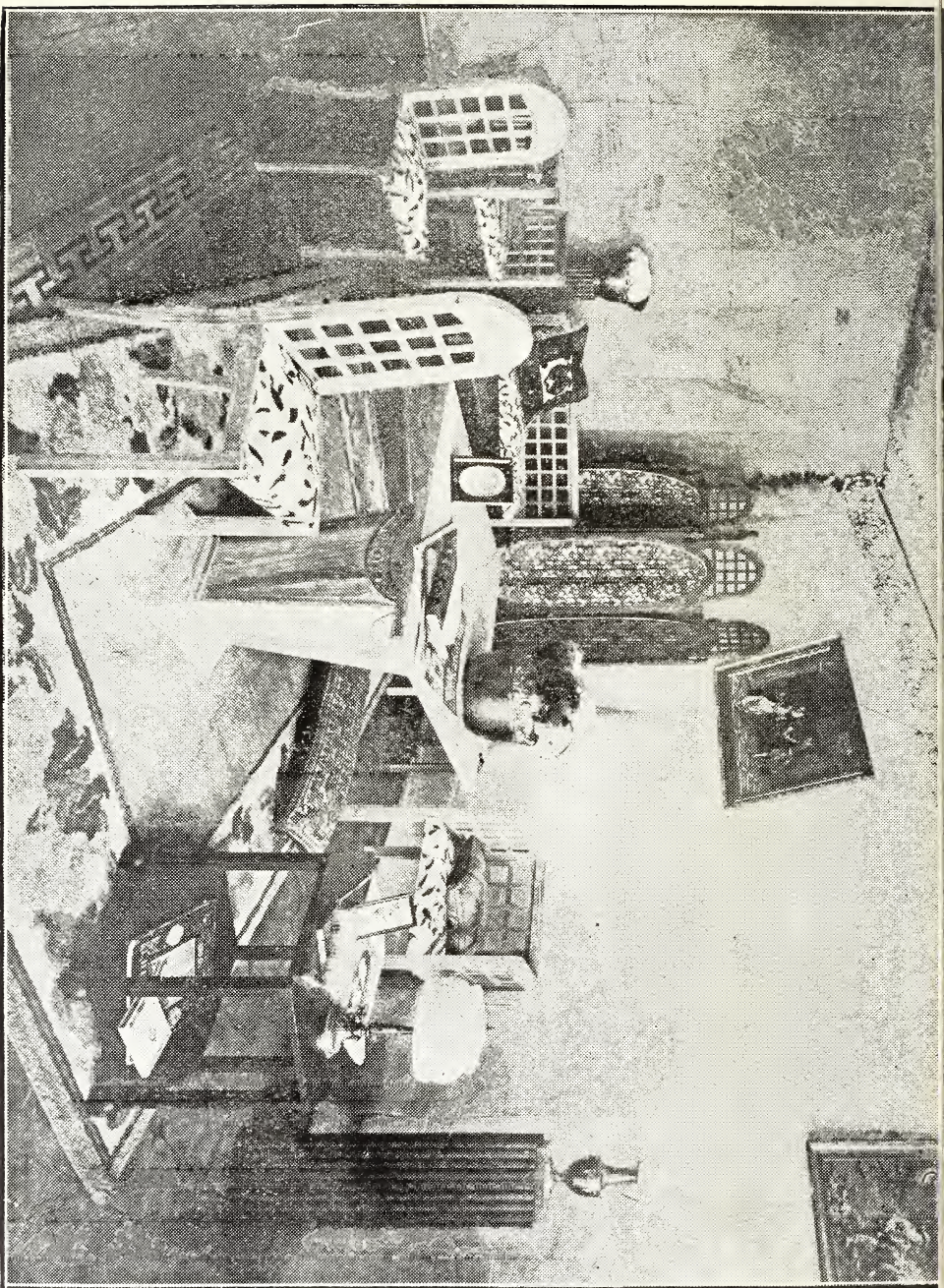
— A nossa existência é a melhor resposta. Desde início o meu mobiliário teve uma aceitação magnífica. Era, talvez, mais caro, mas era bom, garantido.

— Quando associou seu filho?

— Em 1913. Com a entrada dele iniciei uma nova época.

O sr. Constantino Costa:

— Eu tinha estado 6 anos no Porto. Regressei de lá com enorme vontade de trabalhar, de fazer coisas novas.

— Principiou...

ARTE MODERNA «MARCENARIA» — Quarto de cama. «Completo moderno» (Cliché da Foto-Chic.)

ARTE MODERNA «MARCENARIA» — Sala de estar. «Completo moderno»

(Clihcé da Foto-Chic.)

—... por abrir ou, mais rigorosamente, ampliar as secções de estofador e decoração. Neste genero fiz coisas interessantes que mereceram as melhores referências a pessoas conhecedoras, como o conselheiro José Antonio Vieira Marques, dr. Antonio Casimiro da Cruz Teixeira, José Valdez e Antonio Ribeiro.

— Fabricavam muito?

— Imenso. Posso dizer-lhe, sem receio, que nessa época eramos os principais fornecedores, no Minho, de mobiliário — em todos os géneros e estilos. Da nossa oficina saiam, quasi todos os dias, mobílias de quarto de cama, de casa de jantar, de escritório, de salas de visitas, etc.

— Têm mobilado e decorado *completos?*

— Muitissimos, mesmo, tanto de casas particulares como de casas públicas.

— Assim...

—... mobilamos e decoramos hoteis, salas de restaurantes, pastelarias, casinos, clubs, stands de automoveis, consultórios medicos, escritórios comerciais, colégios, repartições públicas, etc., etc. Fômos tambem os fornecedores do Govêrno Civil, da Câmara e do Colégio do Espirito Santo.

A DECORAÇÃO NO MOBILIÁRIO MODERNO. AS INFLUENCIAS DA ARTE FRANCÊSA. PROJECTOS DE ACÇÃO LARGA

— Gosta da decoração?

— A decoração apaixona-me. O meu ideal é fazer *completos*. São as circunstancias do nosso tempo que os requerem. A parede necessita de condizer com o móvel, assim como as cortinas, as tapeçarias, as janelas e as portas. Não se compreende uma sala com velhas pinturas, e mobiliário de linhas retas, sóbrias, quasi sem ornamentação, como é o mobiliário moderno. Do mesmo modo não se admite uma mobilia Luiz xv ou Renascença, num ambiente actualizado.

— Vendem só para o Minho?

— Temos vendido alguma coisa, tambem, para o resto do continente, para a Africa e Brasil. No entanto, quero frisar que se

passam temporadas grandes sem vendermos para estes mercados uma unica peça.

— Concorreram a exposições?

— A varias, desde o princípio.

O sr. Francisco Costa:

— Pouco tempo apoz a fundação desta casa concorri a uma que se realizou nas Carvalheiras. Em 1913 concorri a outra que se efectuou no Asilo Conde de Agrolongo e em 1923 concorri à do Rio de Janeiro.

— Foram premiados?

— Na do Rio e na de 1913. Mas note que mais valiosas do que os prémios foram as referências que os jornais nos fizeram.

E Constantino Costa vai buscar um maço de jornais onde, na verdade, se fazem lisongeiras citações à «Arte Moderna» e aos seus proprietarios.

— Quantos operários têm?

— Na nossa oficina, poucos — 10. A falta de espaço não nos tem permitido a montagem de maquinismos indispensáveis. Por isso tivemos necessidade de conseguir fornecedores extranhos ao nosso estabelecimento, que trabalham pelos desenhos e modelos dados por nós. Mas devo dizer-lhe que, hoje como ontem, nos encarregamos de executar todos os trabalhos por maior que seja o seu luxo e mais requintada a sua elegância.

— Fazem, apenas, cópias?

— Fazemos, egualmente, desenhos novos sempre que se tornam necessários. A propósito dir-lhe-hei que nunca, nas nossas oficinas, se repetiu um modelo.

— Pagam grandes contribuições?

— Cerca de 3 contos. E' uma contribuição pesada que se não justifica.

Constantino Costa, convida-nos, depois, a visitar as suas instalações. Ao rés-do-chão, ficam as salas de exposição, grandes, bem decoradas, tendo mobiliário, tapeçarias, estofos, papeis pintados, etc. Ao fundo destas as oficinas. No primeiro andar os depósitos de obra feita onde encontramos grande quantidade de mobílias, quasi todas em estilos modernos. Numa casa ao lado os depósitos de cristais, de estofos, de papeis pintados e de tapeçarias.

— Quantas mobilias faz, em média, por ano?
— Vinte e quatro, aproximadamente.
— Qual é o capital actual?
— 200 contos.
— Tencionam desenvolver a sua casa?
— Projectamos grandes melhoramentos. No predio onde estão instalados os armazens vamos montar, ainda este ano, uma secção especial de estofador. Atraz da sala de exposições vamos fazer *completos,* decorados e iluminados rigorosamente, dando a impressão de scenarios,—copia do que se faz lá fóra. Para isso vamos fazer, antes de tudo, uma viagem ao estrangeiro, na intenção de visitar os grandes centros mobiliários. Tencionamos, tambem, instalar uma oficina com os mais recentes maquinismos para o que vamos erguer, nas trazeiras, um andar. Anexo a este montaremos um gabinete de trabalho e outro para os nossos clientes consultarem catalogos, desenhos, etc.
— Mas têm, então, programas largos?
— Sem dúvida. Com eles pretendemos, sómente, corresponder ao nosso nome e ao largo crédito que a nossa casa conquistou, tornando-se conhecidíssima em todo o paiz.

Os nossos fins estavam atingidos. Constantino Costa dissera-nos o que foi e como evoluiu, nos ultimos 50 anos, a indústria de mobiliario e a sua «Arte Moderna»...

ARTE RELIGIOSA

ESCREVE-SE SOBRE
OS IMAGINARIOS BRA-
CARENSES, QUE DESDE
VELHOS TEMPOS SE
TEM NOTABILISADO.
OS "ATELIERS,, DE
: TEIXEIRA FANZERES :

A intensa vida religiosa que, durante séculos, teve predominio em Braga, determinou o aparecimento dum núcleo importante de indústrias especializadas, consideràvelmente desenvolvidas com o decorrer do tempo, a ponto de se tornarem notáveis.

Tudo o que dizia respeito à Igreja ou com ela se relacionava, mereceu as atenções dos bracarenses. Assim, apareceram os entalhadores, já nossos conhecidos; os delicados lavrantes de prata e oiro, maravilhosos nos trabalhos de custodias, de calices, de gomis, de salvas, etc.; os paramenteiros, exímios no trabalho de toda a variada alfaia religiosa; os fabricantes de velas de cera, e os imaginários que firmaram o seu nome pela beleza emotiva das suas obras.

Braga tornou-se, assim, como é facil de calcular, um centro de exportação de artigos religiosos. Inegavelmente não havia no País outra cidade que se lhe egualasse.

A escultura em madeira é, portanto, uma das mais antigas artes bracarenses. Das mais antigas e das mais distintas. E' delicadíssima, repleta de formosura, de interêsse, de elevadas intenções. Com o esplendor da igreja desenvolveu-se, foi grande, reinou. Com as perseguições liberais, decaiu.

Apaixonou, sempre, pleiades de artistas, de inconfundivel merecimento, que lhe deram o melhor da sua inteligência, da sua alma privilegiada. Contudo morreram desconhecidas, certamente satisfeitas por terem cumprido um dever espiritual. Em compensação as suas lindas imagens, trabalhadas com requinte, nimbadas de expressiva unção religiosa, ganharam fama. Muitas e muitas delas foram e vão, ainda hoje, para o estrangeiro, que as procura àvidamente para os seus altares.

A historia desta valiosa arte de Braga anda, pois, ligada intimamente à vida da Igreja em Portugal, acompanhando-a no seu florescimento e no seu declínio.

A «Oficina de Arte Religiosa», instalada na rua do Souto, é o principal *atelier* dos tradicionais santeiros bracarenses. E' propriedade do sr. Domingos Teixeira Fanzeres — pessoa conhecedora, a valer, da sua profissão, que se tem afirmado em formosas obras e que já hoje tem um digno sucessor: o seu filho, sr. Americo Fanzeres.

Não é, no entanto, um imaginário puro, mas um decorador, possuindo para esta especialidade vastos recursos.

O nosso inquérito efectua-se numa das suas oficinas — numa oficina ampla, cheia de imagens — que em breve seguirão o seu destino. São 7 horas da tarde. O dia cai e a luz principia, portanto, a morrer.

— Quantos anos tem a sua casa?

— 38. Fundei-a em 1890.

— Aqui?

— Não, senhor. Foi numas dependências do Paço Arquiepiscopal, cedidas por gentileza, pelo Sr. D. Manuel Batista da Cunha.

— Dedicou-se á escultura?

— ... e à pintura religiosa que, verdadeiramente, era a minha arte, a minha tendencia. Mas não fiquei por aqui. Fiz desde logo ornamentações e decorações de templos, caprichosamente realizadas — obras importantes, demandando de conhecimentos especializados.

— Entre elas fez...

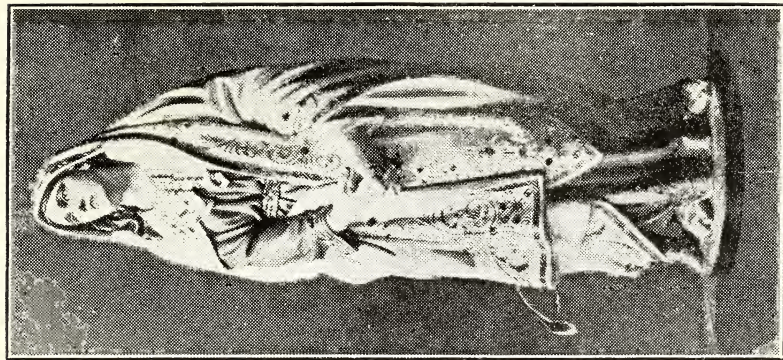
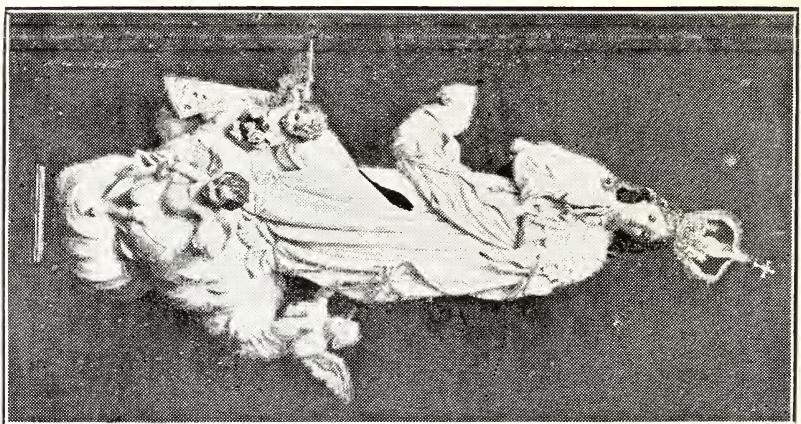
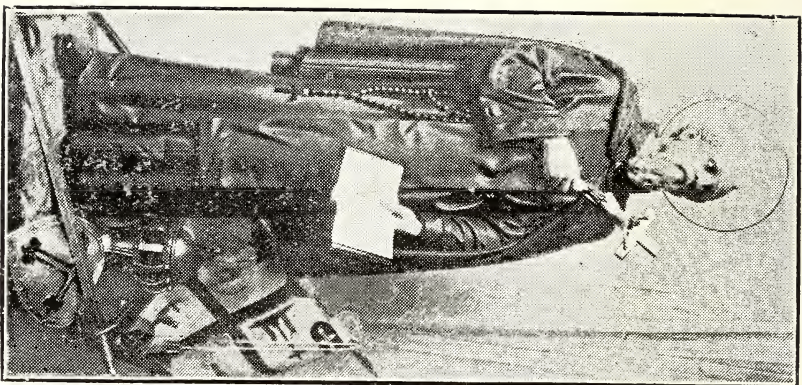
— ... a da capela do Sacramento da Sé, em Luiz XVI, a da capela do Hospital de S. Marcos, a da capela do Paço, etc.

UMA ARTE DISTINTA. A ORNAMENTAÇÃO RELIGIOSA, A ESCULTURA EM MADEIRA, OS IMAGINARIOS BRACARENSES E O SEU BOM NOME

— As decorações eram, então, estilizadas?

— Todas elas. Como sabe este genero de ornamentação tem estilos marcados, mais ou menos conhecidos.

— Os principais...

— ... são o Renascença, D. João V, Luiz XVI e o Manoelino. Deixe-me dizer-lhe, contudo, que procurei não ficar pela concepção material de indústria. Tive sempre em vista o aperfeiçoa-

ARTE RELIGIOSA — TEIXEIRA FANZERES — Imagens executadas nesta casa

ARTE RELIGIOSA — TEIXEIRA FANZERES — Imagens executadas nesta casa

mento artístico, para me tornar digno do nome dos decoradores bracarenses.

— Teve bons colaboradores?

— De princípio nem por isso. A minha oficina começou modestamente, com 3 ou 4 aprendizes.

— Com o tempo e com a sua direcção...

—... fizeram-se bons artistas, de grande valôr mesmo. A minha casa tornou-se uma escola, primando sempre pela perfeição e originalidade das suas obras.

— Dispunha de grande capital?

— Não dispunha, nem dele carecia. O meu trabalho não demandava de grandes empates.

— Diga-me: a escultura em madeira é dificil?

— Bastante. Exige, como pode calcular, conhecimentos invulgares e acentuada tendencia artística. Um escultor só é bom, perfeito, quando possue uma razoável sensibilidade, um temperamento fóra da craveira comum. Tem de viver com a sua obra, dar-lhe muito do seu sonho e do seu pensamento.

— As imagens são feitas segundo a vontade do artista ou há, para elas, moldes certos, comuns?

— Moldes certos não há. Existem, sim, linhas gerais, como as fisionomicas e as de vestuario, a que é preciso atender. Quanto ao resto o artista pode movimentar a figura como lhe aprouver.

— A posição duma imagem não é sempre a mesma?

— Não é. Depende da concepção de quem a faz.

— Quantos artistas emprega nos seus *ateliers*?

— Vinte, entre escultores, pintores e decoradores. Mas tenho, além destes, bastantes aprendizes.

— Os primeiros são todos especializados?

— Sem duvida. Caso contrario não poderia apresentar trabalhos tão perfeitos. Tenho artistas de grande merecimento, tanto para a escultura como para a decoração. Vivem ignorados, talvez, como viveram os antigos imaginários, mas nem por isso deixam de ser apreciaveis.

— Quantas imagens poderão fazer por ano?

— Ao certo não lhe sei dizer, porque o seu número varia muito. Depende do tamanho e de outros factores das obras executadas.

— Em média, porém...

—... poderemos fazer 70 a 80.

— Este ano tem muitas encomendadas?

— 68.

— Todas para Braga?

— Não, senhor. Para todo o país, Africa, Brasil e America do Norte. Porque eu vendo para todos os referidos países.

— E' grande a percentagem das vendas para o estrangeiro?

— De 50 %, aproximadamente.

— Quais são as imagens mais procuradas?

— As de Nossa Senhora de Fátima, Coração de Jesus e Santa Terezinha.

— Paga contribuições?

— Pago várias e muito grandes. Direi, até, excessivas.

— Oscilam por...

—... Quatro contos, aproximadamente.

— O sr. Fanzeres faz tambem outros artigos religiosos?

— Faço toda a variedade de artigos para ornamentação de igrejas, como castiçais, lustres, etc.

— Pensa ampliar os seus *ateliers?*

— Alem dumas pequenas obras que vou fazer, não tenho outras em vista. Creio, no entanto, que esta casa tem na sua frente um largo futuro. Meu filho Américo está novo e poderá, como ninguem, dar-lhe um grande impulso. Não lhe faltam, para isso, aspirações, competencia profissional e qualidades de trabalho. Estou certo que todo o seu empenho consiste em tornar grande esta oficina que devotadamente criei.

O sr. Domingos Teixeira Fanzeres dissera-nos tudo — tudo o que importava a essa delicada arte de decoração e escultura religiosa, tão caracteristica e interessante, em que Braga tanto se tem distinguido.

UNIÃO MECANICA

EXPÕE-SE, EM NOTAS RAPIDAS, O VALOR E A EXPANSÃO, EM BRAGA, DA INDÚSTRIA DE SERRALHARIA E BEM ASSIM DA ALTA MECÁNICA. SEMPRE O DESCRÉDITO DAS MAR- : : : CAS FALSAS : : :

NINGUEM ignora, por certo, a considerável importância, o futuro enorme, prometedor, que está reservado à indústria de serralharia, e de alta mecânica. Com efeito é do conhecimento de toda a gente a grande transformação operada nos diferentes ramos em que se exerce a actividade humana. O trabalho manual tem sido substituido, lentamente, pelo mecânico causando admiração os engenhos que o constante progresso da sciencia cria e produz, dia a dia. Inegavelmente à mecânica e à elétricidade cabem as glorias de amanhã.

Não é, pois, de admirar, que a indústria de serralharia esteja a desenvolver-se duma forma imprevista, surpreendente, pela instalação de grandes oficinas que se tornarão dentro de curto praso, em grandes fábricas.

O seu progresso em Braga é manifesto. A nossa cidade possue hoje uma grande quantidade de oficinas de serralheiro, algumas delas bem antigas, que fabricam maquinismos para a lavoura, para o comércio e para todas as indústrias; peças de automoveis, aparelhos scientificos, — toda uma variedade enorme de artigos em aço, bronze, ferro, etc. Por simples exemplo citaremos a construção de motôres a gazolina, de camas de ferro, de torneiras e de bombas de pressão.

Por aqui se vê, pois, que é uma indústria em pleno florescimento, destinada a atingir grandeza capital.

A «União Mecânica», do sr. Antonio Peixoto, que se encontra instalada num predio da rua de Santo André, é, talvez, a mais nova, a mais recente, mas uma das mais importantes serralharias de Braga.

Nasceu, póde dizer-se, com o desenvolvimento do automobilismo em Portugal. Principiou o mais modestamente possivel, quer pelos

capitais de que dispunha, quer pelo tamanho das suas instalações. Administrada com rigido critério económico, perfeitamente instintivo, a «União Mecânica» tem caminhado, tem progredido, tem-se acreditado. As suas obras são das melhores que se fabricam. São até garantidas por determinado espaço de tempo. Incontestavelmente é o mais que se póde fazer.

Na direcção técnica e administrativa tem esta casa o seu proprietário — o sr. Antonio Gomes do Vale Peixoto. E' um homem prático, trabalhador, modesto, que nasceu para esta profissão. A serralharia e a mecânica não têm segredos para ele.

Vamos encontra-lo no meio dos seus operários, com o inseparável *fato-macáco*, orientando e acompanhando as obras de mais responsabilidade. Prevenido da nossa chegada, põe-se logo ao nosso dispôr.

A «UNIÃO MECANICA» E OS SEUS PRINCIPIOS. UMA INDÚSTRIA VALIOSA QUE PROMETE LARGO DESENVOLVIMENTO

— Muitos afazeres?

— Não tenho tempo, sequer, para descansar.

— Quando fundou a sua casa?

— Em 31 de Outubro de 1920.

— Com muitos operários?

— Com poucos. Inicialmente tive quatro, apenas. As instalações tambem eram pequenas, constando duma oficina com 20 metros de comprido.

— Que fazia?

—... reparações de automoveis e alguns artigos de lavoura.

— Depois...

—... fui ampliando a oficina e alargando a indústria.

— Assim...

—... dois anos passados, acrescentei-lhe outros 20 metros e comprei, no estrangeiro, diversas máquinas dos mais recentes modelos.

— Com eles...

—... principiei a fabricar novos artigos, dando um impulso importante à minha casa.

— Mais tarde...

—... fiz novo aumento, adquiri mais maquinismos e montei as oficinas que hoje vê.

— Que fabrica?

— Grande variedade de artigos. A minha especialidade, porem, é nos automoveis. Faço aqui quasi todas as peças de que eles precisam.

— Exemplos?

— Motores a gazolina, diferenciais completos, caixas de velocidades, rodas de engrenagem, rodas simples, etc.

— Esses trabalhos são feitos...

—... em blocos de aço, caprichosamente escolhido e experimentado.

— Que mais produz?

— Pequenas garlopas para carpintaria, peças para máquinas de tecelagem, bicos de lavoura, materiais para bombas, etc. Tenho tambem soldagem elétrica e fundição.

— Em grande escala?

— Possuo dois fornos, um com a capacidade de 3.900 quilos e outro de 1.000.

— Faz grandes fundições?

— Já tenho feito algumas de trez toneladas.

— Tem facilidade na colocação dos seus artigos?

— Tenho sim, senhor, porque os garanto, especialmente os de automoveis. No entanto devo declarar que me tem custado a vencer, em virtude da impressão vulgar de que no nosso país não se fabrica bem.

— Erro grande, não é verdade?

— Sem dúvida. Não é para elogiar o meu trabalho, mas posso garantir-lhe que faço peças superiores ás do estrangeiro.

E o sr. Antonio Peixoto conta-nos o que sucedeu com o carro dum seu cliente. Mandou vir, sucessivamente, 3 caixas de velocidades e todas partiram. A quarta foi feita em Braga e nunca mais partiu.

— Como se explica? — preguntamos.

— Pela má qualidade do aço, entre outras razões. Os estrangeiros empregam, com freqüencia, aço fraquíssimo por já terem o

seu crédito assegurado, e pela necessidade de concorrencia, ao passo que na minha casa emprega-se do melhor.

— Importam matérias primas?

— Quasi todas.

— Pagam grandes direitos?

— As materias em bruto não pagam.

— Vende só para Braga?

— Vendo tambem para todo o Norte. Tive, até, uma casa no Porto que pretendeu tomar conta de todo o fabrico de motores a gazolina.

— Tem muitas máquinas?

— Todas as que vai vêr.

O sr. Antonio Peixoto leva-nos, então, ás suas oficinas. *Tornos, frizaduras universais, furadores, plainas de ferro*, etc., estendem-se, em filas, pelos lados. *Linhas, tambores* e *correias* fazem as ligações, põem em movimento os diversos componentes mecânicos. A actividade é grande. No extremo os fornos de fundição. A' frente, o escritório e a casa de reparos — onde vemos diversos automoveis.

— Tem muitos operários?

— 42.

— Que vencem o ordenado de...

— ... 4 contos por semana.

— Qual será a produção das suas oficinas?

— 12 toneladas, por mês, nos diversos artigos.

— Paga contribuições?

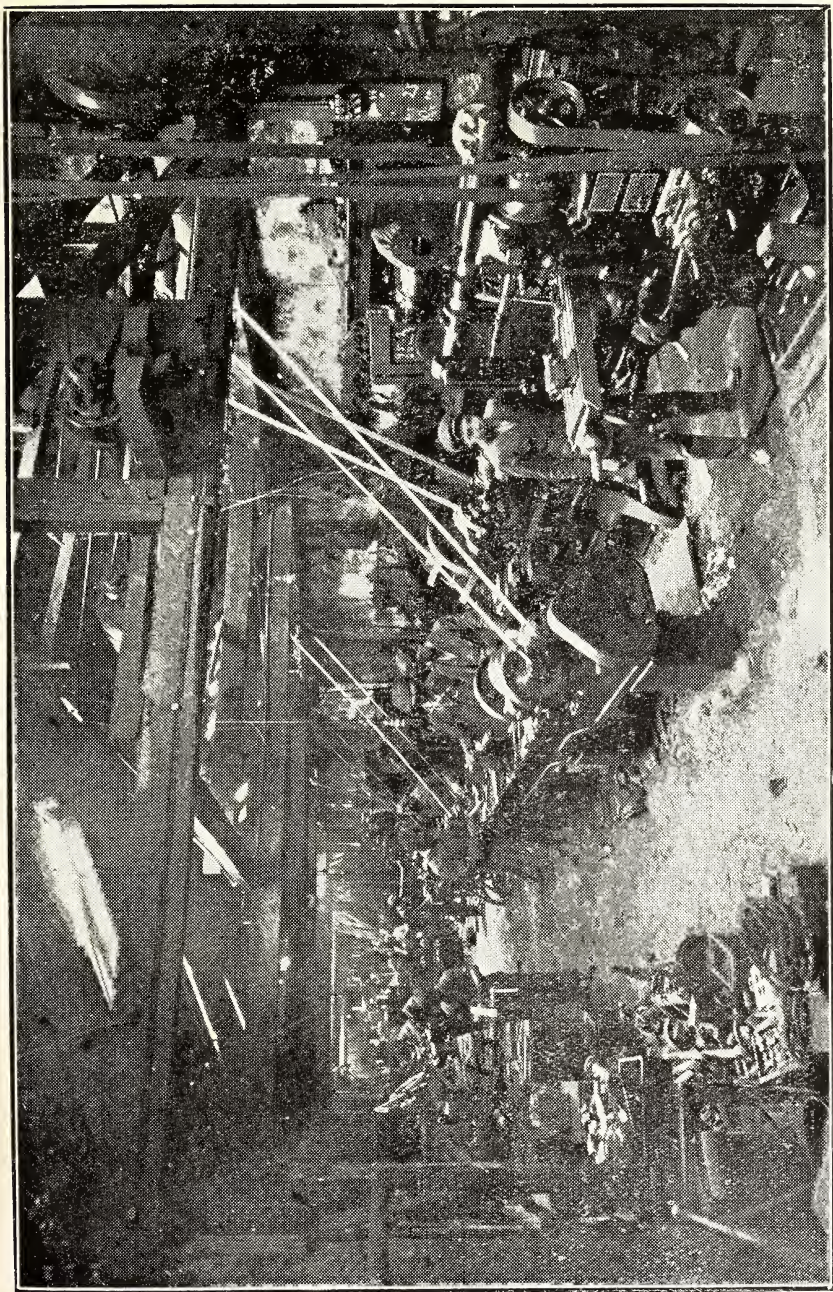
— 10 contos, entre o que pago à Camara e ao Estado. E' um encargo enorme, pesadíssimo. Preciso trabalhar muito para obter a compensação.

— Vende alguns dos seus artigos como estrangeiros?

— Na secção de automoveis, vendo alguns. O publico está mal habituado. Supõe sempre que o fabrico nacional é peor que o de lá de fóra. Felizmente que já está a perder esta desgraçada impressão.

— Procura reagir contra ela?

— Procuro e tenho obtido bons resultados, garantindo, como lhe disse, por determinado tempo, as minhas obras, e apresentando artigos perfeitamente eguais aos melhores estrangeiros.

— Por essa forma...

UNIÃO MECANICA — Uma das suas oficinas (Cliché da Foto-Chic.)

—... creio que se diminuirá os inconvenientes das marcas falsas que são um descrédito para a nossa indústria.

— Pensa desenvolver a sua casa?

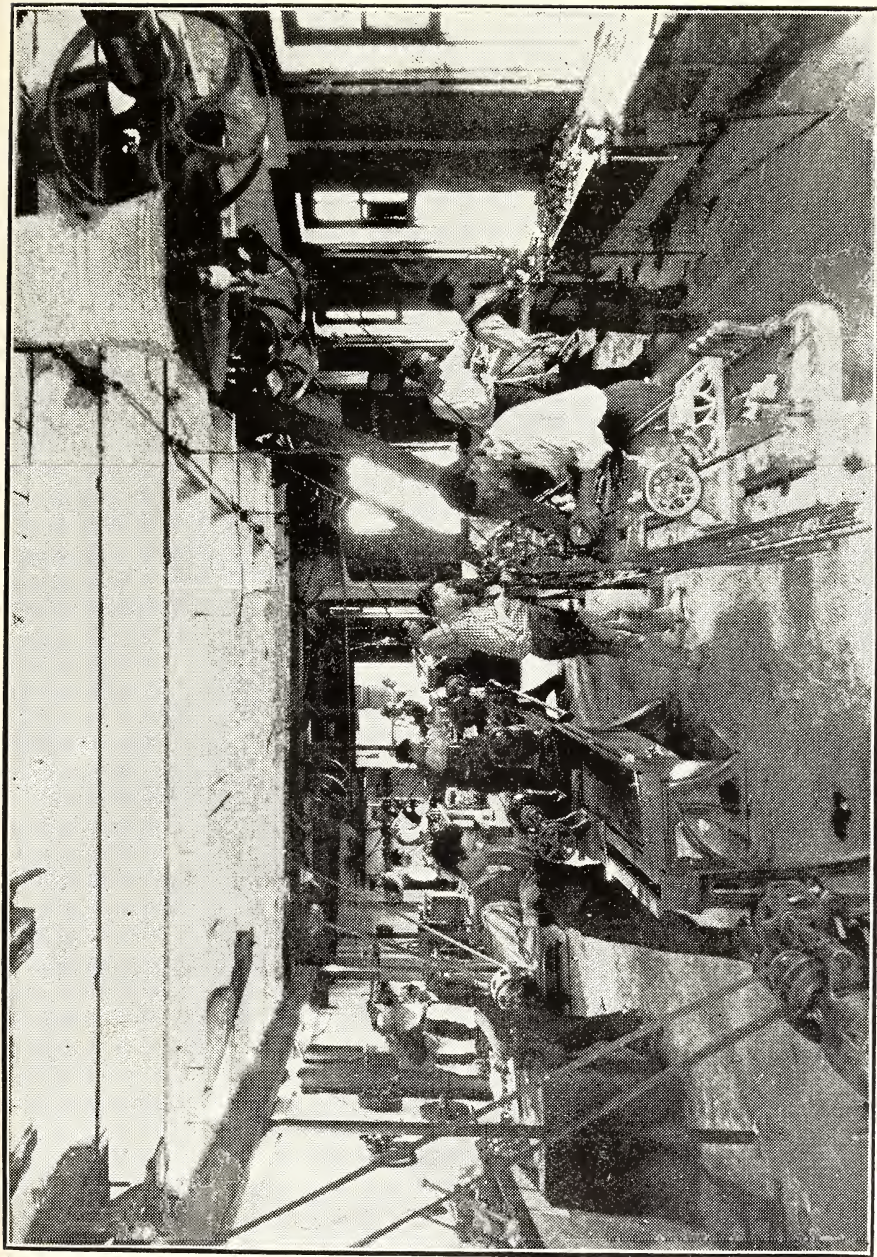
— Tenho alguns projectos que espero realizar ainda este ano. Consta deles um novo alargamento das oficinas, para o que já encomendei diversas máquinas.

A minha indústria vai tomar, assim, maior expansão, novos elementos de vida, de que já hoje está precisada, para corresponder ao acolhimento que lhe foi dispensado.

Depois... o futuro o dirá.

Nestas informações, tão exatas como simples, verão os leitores como duma pequena oficina se fez, em curtos anos, um importante estabelecimento industrial.

"LATOARIA MECANICA A ELETRICIDADE"

COMO SE INTRODUZIU
EM BRAGA, A INDÚS-
TRIA DE METAIS E O
GRANDE ÊXITO QUE
TEM OBTIDO NAS EX-
POSIÇÕES NACIONAIS
: E INTERNACIONAIS :

LATOARIA MECANICA A ELETRICIDADE — Uma das suas oficinas.

(Clichê da Foto-Chic.)

E' curioso constatar que uma grande parte das casas industriais de Braga vem já da segunda metade do século XIX, chegadas até nós, quasi todas, por sucessão directa. Foi também nêste periodo de tempo que a maioria das nossas indústrias se firmou sòlidamente, e preparou a expansão que se verifica no momento actual. Entre elas avulta a de metais, de certo modo um tanto modesta, mas essencialmente perfeita. Tem sido explorada por diferentes oficinas e progredido por forma considerável. Os seus productos são colocados, numa percentagem decisiva, por todo o país, que lhe dá a preferencia. Isto afirma, positivamente, o seu magnifico fabrico e as grandes aptidões industriais dos bracarenses.

A «Latoaria Mecânica a Eletricidade», de S. Lázaro, é a mais velha casa, em Braga, dêste ramo industrial. Principiou na rua de S. Marcos por uma oficina pequeníssima. Foi seu fundador José António de Morais, que se tornou conhecido pela grande habilidade de que era dotado e pela extraordinária correção das suas obras. Trabalhador incansavel, pouco a pouco deu novos elementos de progresso à sua oficina, introduzindo-lhe melhoramentos importantes com a acquisição de maquinismos aperfeiçoados.

Aumentou, tambem, a indústria pelo fabrico de novos artigos, chegando a produzir trabalhos em bronze, sem favor admiráveis. Hoje a «Latoaria Mecanica a Eletricidade» pertence à sr.ª D. Aurora de Morais, filha do primitivo proprietario, que se tem esforçado, como seu pai, por acreditar sempre os productos da sua casa. Deve dizer-se, em abôno da justiça, que tem representado condignamente a cidade, concorrendo a certamens internacionais e nacionais com pleno êxito.

A nossa visita efectua-se ao fim da tarde — a um fim de tarde sem côr e sem história. A sr.ª D. Aurora de Morais está nos seus escritórios, à frente da casa.

Explicados os motivos que nos levaram até ela, o interrogatório principiou:

A «LATOARIA MECANICA A ELETRICIDADE». O SEU COMEÇO E A SUA EXPANSÃO. TRIUNFOS MERECIDOS. AS CONTRIBUIÇÕES

— Pode dizer-me, minha senhora, quando foi fundada a sua casa?

— Em 1867.

— Por seu pai?

— Sim, por meu pai. Estabeleceu-se, inicialmente, na rua de S. Marcos, mudando mais tarde para aqui.

— Que fabrica?

— Todo o género de artigos para arreios e *balmazes*. A oficina conseguiu, com esta indústria, um grande desenvolvimento, chegando a ter mais de 40 operários.

— Vendia só para Braga?

— Não, senhor. Vendia, principalmente, para Lisboa e Porto. A nossa terra não consumia a grande produção que se obtinha nessa época.

— Mais tarde...

—... derivou para outros artigos.

— Com esse objectivo...

—... adquiriu novas máquinas e montou oficinas aperfeiçoadíssimas. Todo o seu trabalho era ávidamente procurado.

— Nessa nova fase, que data de...

—... 1891...

—... faziam-se...

—... o que fazemos hoje: torneiras de bronze, de todos os sistemas, bombas de alta e baixa pressão, pesos, cilindros, prumos — toda a variedade, enfim, de artigos de metal.

A sr.ª D. Aurora de Morais explica.

— O nosso fabrico é absolutamente garantido. Das nossas oficinas não sai uma única peça mal acabada ou duvidosa. Preferimos produzir pouco, mas bom, do que muito e fraco. Nisto está uma das características da nossa casa.

— Foi a sucessora de seu pai?

— Fui, mas note que antes da actual firma houve várias.

— Foram as de...

—... Morais & Filhos, Viuva Morais & Filhos e Aurora Morais & Irmão. De todas elas fiz parte.

— Quando tomou conta da propriedade da casa?

— Em 1927, pela saida de meu irmão.

— Tem procurado desenvolve-la?

— As dificuldades presentes são enormes. Por um lado o custo das matérias primas, dos salários e das máquinas e por outro as contribuições pesadíssimas que sobre mim recaem, não tem permitido o desenvolvimento que é toda a minha ambição.

— No entanto...

—... alguma coisa tenho feito, sobretudo no sentido de aperfeiçoamento.

— Quantos operários tem?

— 18. Mas devo acrescentar que este número varia, podendo elevar-se com as necessidades ocasionais.

— Vencem o ordenado de...

—... 3.200$00 escudos, mensalmente.

— O trabalho é mecânico?

— Parte é mecânico e parte é manual. Os diversos artigos têm avultada mão d'obra que eleva considerávelmente o seu custo.

— Que matérias primas emprega?

— Chumbo, zinco, latão, cobre e estanho.

— Importa-as?

— Forneço-me de casas do Porto e de Lisboa.

A sr.ª D. Aurora de Morais convida-nos, a seguir, a visitar as suas oficinas. Ficam nas trazeiras do prédio, ocupando algumas dezenas de metros. Estão bem montadas, desenvolvendo um labôr importante.

— Como se chamam estas máquinas:

—... *tornos mecanicos, tornos de marcha*, etc.

—... São movidos a eletricidade?

—... Como vê. Tenho, para isso, este motôr que possue a força de seis cavalos vapor.

— Qual é a producção anual?

— Anda por 12 toneladas, incluindo nela todos os artigos.

— Paga grandes encargos?

— 4 contos, entre o que dou ao Estado e á Camara.

— Tem concorrido a exposições ou feiras industriais?

— Concorri à do Rio de Janeiro e ás das Caldas da Rainha, realizada o ano passado, e vou concorrer, êste ano, à de Braga. Tanto na primeira como na segunda obtive o grande prémio da minha indústria, constituido pela medalha de ouro.

— Está satisfeita com os resultados obtidos?

— As compensações materiais poderiam ser mais satisfatórias. Ainda assim, tem sido as bastantes para continuar com esta casa que foi a maior preocupação de meus pais e hoje é o meu orgulho.

Tais foram, em verdade, as palavras da sr.ª D. Aurora de Morais, proprietária da «Latoaria Mecânica a Eletricidade» que representa hoje a mais velha oficina da indústria de metais.

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

O QUE É, EM BRAGA, A INDÚSTRIA DO FERRO, SEGUNDO A OPINIÃO DO SR. GEORGES HIVERGE. PROBLEMAS CANDENTES PARA ESTUDAR E MEDITAR :

MANHÃ de Junho. Não ardente como, no seu maravilhoso lirismo, o cantou o poeta dos *Simples*, mas frio, chuvoso, massador.

O céu, este lindo céu de Portugal, que todo o mundo inveja, está carregado de nuvens escuras, pesadas, tristes.

O jornalista, porém, não cuida do bom ou do mau tempo. Visa cumprir, sómente, a sua missão. E, por isso, ele aí vai à procura de «A Mecânica, L.da», no Campo do Salvador, a continuar o seu inquérito.

A indústria do ferro tem em Braga imensos adeptos. Poucos, no entanto, assumem aspectos de relevo. A grande maioria deles está dispersa em pequenas oficinas situadas nas aldeias e na cidade. Entregam-se à manufatura duma serie enorme, variada, de artigos para lavoura, construções civis, automobilismo, fábricas, etc.

E', portanto, uma indústria que pesa — sob qualquer modo que se encare.

A «Serralharia Mecânica e Civil» é, no seu género, uma das melhores casas de Braga quer pelas suas instalações quer pelo aperfeiçoamento dos seus maquinismos. Possue já um honroso passado. Fabrica peças agrícolas, em larga escala, apresentando também creações suas. Isto basta para dizer do seu valimento.

E' propriedade do sr. Georges Hiverge, francês nativo, simpático, atraente.

Na sua face, de alto a baixo, uma cicatriz — documento vivo da sua bravura, do seu patriotismo; lembrança indelevel da maior tragedia dos tempos modernos, — a grande guerra. Filho dum engenheiro estabelecido em Paris, com a *Funderie de la Maison Blanche*, possue por tendencia natural, por educação, pelo convivio, por força de vontade — o grande segredo dos vencedores — o *savoirfaire*, o conhecimento perfeito da indústria a que se entregou.

Dentro da sua fábrica dá-nos a impressão dum operário.
Fato de ganga azul, mãos sujas do trabalho, olhar penetrante.
— Bon jour, monsieur.
— Bon jour...
E agora começa o inquérito:

COMEÇANDO. O PASSADO E O PRESENTE DE «A MECANICA». FACTOS E DEDUÇÕES

— Esta casa data...
— ... de 1888. Foi fundada por Luiz Teixeira Marques, que mais tarde a passou a seus filhos.
— Depois...
— ... tomou conta dela a empreza José Oliveira & Marinho, que a explorou durante muitos anos.
— Sucedeu-lhe...
— ... em 1927, a firma «Mecânica, L.da», de que sou proprietario.
— Como se resolveu a trabalhar entre nós?
— Fácilmente. Colocado em Portugal, por motivos de varia ordem, que não interessam, e não me dando com a ociosidade que poderia gosar, se assim o entendesse, escolhi a ocupação mais a caracter com o meu temperamento e com os meus conhecimentos.
— Qual é o capital que gira na sua fábrica?
— 200 contos, aproximadamente. A sua repercussão é, porém, muito maior na praça. Falo, apenas, no fundo inicial empatado.
— Emprega aqui muitos operários?
— 25 a 30, nos dias normais. Mas quando as encomendas sobem, apertam, elevo este numero a 50 e 60.
— Que produz?
— Duma forma geral toda a espécie de máquinas agrícolas regionais. Dedico-me, tambem, à reparação de automoveis e ao fabrico, em ferro, de artigos para construções civis.
E o sr. Georges Hiverge, conversando sempre num à vontade amigo, adianta:
— E' sobremodo interessante, util e proveitoso, o problema das máquinas agrícolas. Nós temos em vista criar novos tipos que satisfaçam aos progressos da lavoura. Com este propósito já fizemos

um novo *sachador mecânico* e estamos a fazer um novo *semeador*. O primeiro está pronto e exposto.

— Prevê um grande futuro para esta indústria?

— Estou, apenas, ha oito meses à frente desta casa. Por isso não faço uma ideia nítida, segura do problema que me propõe.

— Ha concorrência?

— Sem dúvida. Considero-a filha da falta de união e de espírito de classe.

— No entanto...

— ... julgo ter-me acomodado, com a máxima lealdade, ás condições especiais do meio. Contudo, se houvesse uma associação industrial...

— Mas, então, não há...

— ... pelo menos que funcione em materia de pormenor, do interesse coletivo, como era necessário e util.

A APLICAÇÃO DO FERRO PARA CONSTRUÇÕES DE CASAS BARATAS. UM PROBLEMA INTERESSANTE E IMPORTANTE

— Tem um exemplo?

— Entre outros, e de caracter geral, o que diz respeito ao problema das construções sólidas e baratas. A facilidade de se conseguir ferro sem grandes impostos alfandegários reveste-o de especial importância, como reconheci.

— A associação industrial...

— ... poderia entrar nele por forma decisiva, vantajosíssima. A indústria do ferro proliferava oferecendo um belo emprego aos dinheiros portugueses.

— Dessa forma...

— ... resolveria um tríplice intento: a aplicação de capitais que estão fóra do giro comercial, o problema da *chômage* e da habitação, e o correlativo desenvolvimento das industrias da especialidade.

— Importa o ferro de que precisa e consome?

— Todo. Foi a observação deste e doutros factos, conjugados, que me conduziram ás opiniões expostas. Essa matéria prima vem-nos em *lingotes*. Aqui é transformada consoante as necessidades.

— Tambem tem, nesse caso, fundição?

— Completa. Fundo toda e qualquer peça, segundo os fins em vista, dentro da maior consistência e perfeição.

— Executa outros trabalhos?

— Monto fábricas, na parte puramente mecânica.

— Projecta criar elementos renovadores da sua indústria?

— Penso desenvolver e vulgarizar, o mais possivel, a utensilagem mecânica-agricola. Procedendo assim serei util á região e aos meus próprios interesses.

— E' tudo?

— Não. Quero introduzir uma nova indústria que peço desculpa de não revelar. Era o segredo de meu pai.

— E' muito contribuida a sua casa?

— Muitíssimo. Imagine que mais de 10 °/₀ dos lucros líquidos, são para impostos e contribuições. Eu... nem com egual percentagem fico.

— Motivo?

— A baixa de preços. Posso afirmar-lhe que rara é a obra donde aufiro mais de 20 °/₀.

— Sabe se «A Mecânica» concorreu alguma vez a certamens industriais?

— Concorreu, em 1923, à exposição do Rio de Janeiro.

— Os seus trabalhos têm tido bom acolhimento?

— O melhor. Esta casa, aliaz, era já conhecidíssima em toda a região aquem Douro. Sob a minha gerência nenhum facto se produziu que lhe desfizesse o crédito. De futuro, chamarei, pelo meu esforço, sobre a indústria que exploro, a atenção do público.

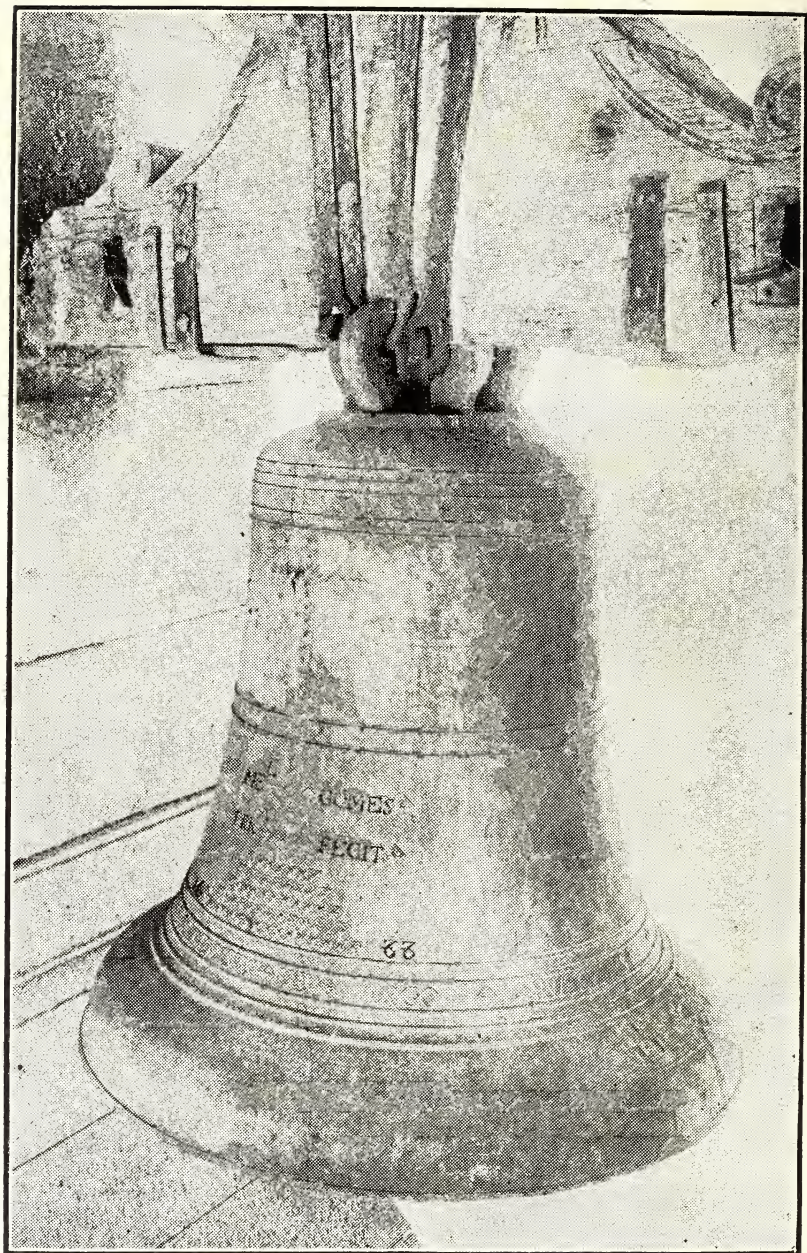
As compensações virão depois. Nem eu as pretendo doutra forma.

A nossa palestra findou mesmo aqui. As nuvens carregadas desapareciam no espaço e uma claridade alvinitente, uma rajada de sol, caía, orgulhosa, do céu — levando ondas de alegria ás almas e ás coisas.

ANTIGA FÁBRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS

PUBLICA-SE UMA NOTA BREVE SOBRE A VELHA INDÚSTRIA DE FUNDIÇÃO DE SINOS E LEMBRAM-SE OS ADMIRÁVEIS FABRICANTES BRACARENSES

ANTIGA FABRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS — Fachada principal

(Cliché da Foto-Chic.)

ANTIGA FABRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS — Sino do Pópulo.
O mais antigo fabricado em Portugal. (Cliché da Foto-Chic.)

REMONTA a épocas antiquíssimas, que se confundem na espessa nebulose dos tempos, a curiosa indústria de fundição de sinos.

Segundo uma pequena monografia que por aí corre impressa, a primeira notícia que se lhe refere, encontra-se no arquivo do Celeste Imperio. Dá nota duns bronzes feitos em Pequim 2.262 anos antes da éra de Cristo. O mais antigo exemplar conhecido encontra-se no Museu de Colonia.

A entrada em Braga desta indústria, rodeada de interessantes lendas, devia ter-se efectuado no século XVII. Teve cultores apaixonados, a quem foram concedidos previlegios especiais, de muita distinção, e que, por isso, gosavam de grande estima entre a demais gente. A sua fama em breve se tornou notória.

A primeira fábrica foi da iniciativa de Manuel Ferreira Gomes, neto de Gaspar Alvares, de Vila Real de Traz-os-Montes, autor do sino mais antigo que temos. Está na igreja do Pópulo e tem a data de 1598. De então para cá os sinos de Braga têm-se espalhado, num crescente contínuo, por esse Portugal fóra, e até pela Africa. Póde afoitamente dizer-se que não existe aldeia humilde, serra longínqua ou cidade barulhenta, que não possua campanários de Braga. No século V principiaram a ser utilizados para chamar o povo aos templos. A voz sonante dos bronzes tornou-se, assim, dum grande e doce simbolismo. E' um som profundamente emotivo. Lembra ingénuas orações de creança, opulentos pontificais, actos de triunfo, a scena comovedora dum batisado, alegre como o sol, e a caminhada dolorosa da morte. Vive com o homem, e recorda-lhe, a cada instante, os seus deveres morais. E' quasi um juiz. E' enfim a vida — no seu começo virginal, na sua expressão de amargura, de dôr.

A «Antiga Fábrica de Fundição de Sinos» é a que representa, em Braga, verdadeiramente, as tradições de oiro desta velha indús-

tria. E' herdeira legitima da casa de Manuel Ferreira Gomes, vinda numa cadeia inquebrantavel, de geração em geração, até aos nossos dias. Actualmente é propriedade do sr. Narciso Rebelo da Silva e dos seus sócios srs. José Francisco Gonçalves, José António Gonçalves e Manuel Gonçalves.

O primeiro sucede em linha recta do fundador, tendo-lhe consagrado a sua melhor actividade. E' uma pessoa muito sabedora e amavel, que nos recebe com o melhor agrado, na sua casa da Avenida da Liberdade.

O inquérito principiou assim:

COMO ENTROU EM PORTUGAL A INDÚSTRIA DE SINOS. O PRIMEIRO SINO FUNDIDO EM PORTUGAL

— Quando se fundou esta fábrica?

— Em 1670. Foi a primeira do Minho e a segunda, possivelmente, de Portugal.

— Quem a fundou?

— O meu antepassado Manuel Ferreira Gomes, neto de Gaspar Alvares, de Vila Real, autor do mais antigo sino que temos: o da igreja do Pópulo, datado de 1598. Por conclusões a que cheguei foi ele quem introduziu no nosso país esta admirável indústria que tem merecido a atenção de grandes escritôres.

— A fábrica manteve-se sempre na sua família?

— Sempre. Com ela atingiu o seus periodo áureo, desenvolvendo-se, tornando-se uma das mais importantes indústrias de Braga.

— Quem foram, até hoje, os seus proprietarios?

— Manuel Ferreira Gomes, que já referi, Antonio Ferreira Gomes, João Ferreira Lima, dr. José Antonio Rebelo da Silva e Oliveira, Narciso António Rebelo da Silva Ferreira de Lima, Comendador José António Rebelo da Silva, e a firma Rebelo da Silva & C.ª, constituida por mim e pelo falecido Antonio Maria Rodrigues. Como vê a casa foi-se transmitindo sucessivamente de pais a filhos.

— Hoje é propriedade...

—... da firma José Francisco Gonçalves, Filhos & Rebelo da Silva. Os três primeiros são meus velhos cooperadores, sabendo imenso da sua profissão.

Numa confidência:

— Estes homens trabalham tão bem que raras vezes é necessário afinar os sinos, porque saem da fundição com a nota rigorosa.

— Sabe-me dizer qual foi o capital inicial?

— Não sei. Mas devia ser reduzido atendendo ao pequeno custo das matérias primas e da mão d'obra.

— O processo de fabrico tem variado?

— Não, senhor. Tem sido o mesmo desde 1670.

— E os sinos?

— Esses sofreram ligeiros aperfeiçoamentos, necessarios à coordenação dos carrilhões.

TIPOS DE SINOS. COMO SE FABRICAM E AFINAM. MODOS DE COMERCIAR

— Tem varios tipos de sinos?

— Temos três. *Antigos, meia afinação* e *afinados.*

— A nota é obtida casualmente ou obedece a princípios certos?

— Obedece a princípios certos, scientificamente estudados, rigorosos. O som é proporcional ao diametro do sino e à sua altura. «O perfil e a espessura do metal, nas diversas partes do sino, são calculados de modo que o som mais grave, produzido pela vibração do *bordo,* seja a oitava grave do som do *cerebro;* para isso o diametro deste é egual ao raio daquele».

— Observados esses princípios os sinos saem da fundição perfeitamente afinados?

— A's vezes ha uma pequena diferença. Para os acertar desgastam-se à lima em baixo ou em cima, conforme é necessário altear ou baixar a nota.

— Nesse caso a fundição não se faz por series de sinos dum mesmo tipo?

— Não. Fazem-se logo os carrilhões completos, dando a cada sino a nota precisa. Excepção feita aos carrilhões grandes que tem de ser fundidos por diferentes vezes, conforme a capacidade do forno.

— Vendem para todo o país?

— Posso afirmar, inclusivamente, que rara é a igreja de Portugal que não tem sinos da minha casa.

— Vende para outras partes?

— Para o Brasil, America do Norte e Africa.

— Muito?

— 30 %, talvez, da produção total.

— E qual é a produção total?

— Anda à volta de 10.000 quilos por ano, obtida em 3 ou 4 fundições.

— Quais são as matérias primas necessárias à sua indústria?

— Cobre e estanho.

— Importa-as?

— Importo, sim. E deixe-me dizer-lhe que, presentemente, estão caríssimas, criando serios embaraços.

— Tem facilidades de expansão?

— Nenhumas. A crise neste ramo industrial é enorme. O elevado custo das já referidas matérias primas determinou um encarecimento tal no nosso artigo, que se torna quasi inacessivel, embóra limitemos ao mínimo o nosso lucro. Imagine que uma barrica de estanho de 200 quilos, que antigamente custava pouco mais duma centena de escudos, importa hoje em sete contos.

Num desabafo:

— Depois já não me entendo com os negociantes modernos, incapazes de manterem por dois ou três dias os mesmos preços em qualquer artigo. Habituado nos velhos costumes dos meus antepassados, eu garanto sempre o preço que faço, sugeitando-me ás conseqüências de ganhos e perdas. Estarei, talvez, fóra da época, mas já agora não mudo.

— Não pensa, portanto, desenvolver a sua casa?

— Penso mante-la e nisso já não faço pouco.

— Tem concorrido a exposições industriais?

— Os meus antecessores concorreram em 1887 à do Palacio de Cristal e em 1892 à que se realizou nesta cidade. Eu concorri à do Rio de Janeiro, em 1923.

— Obteve prémios?

— Os primeiros, em todas elas, como lhe posso provar.

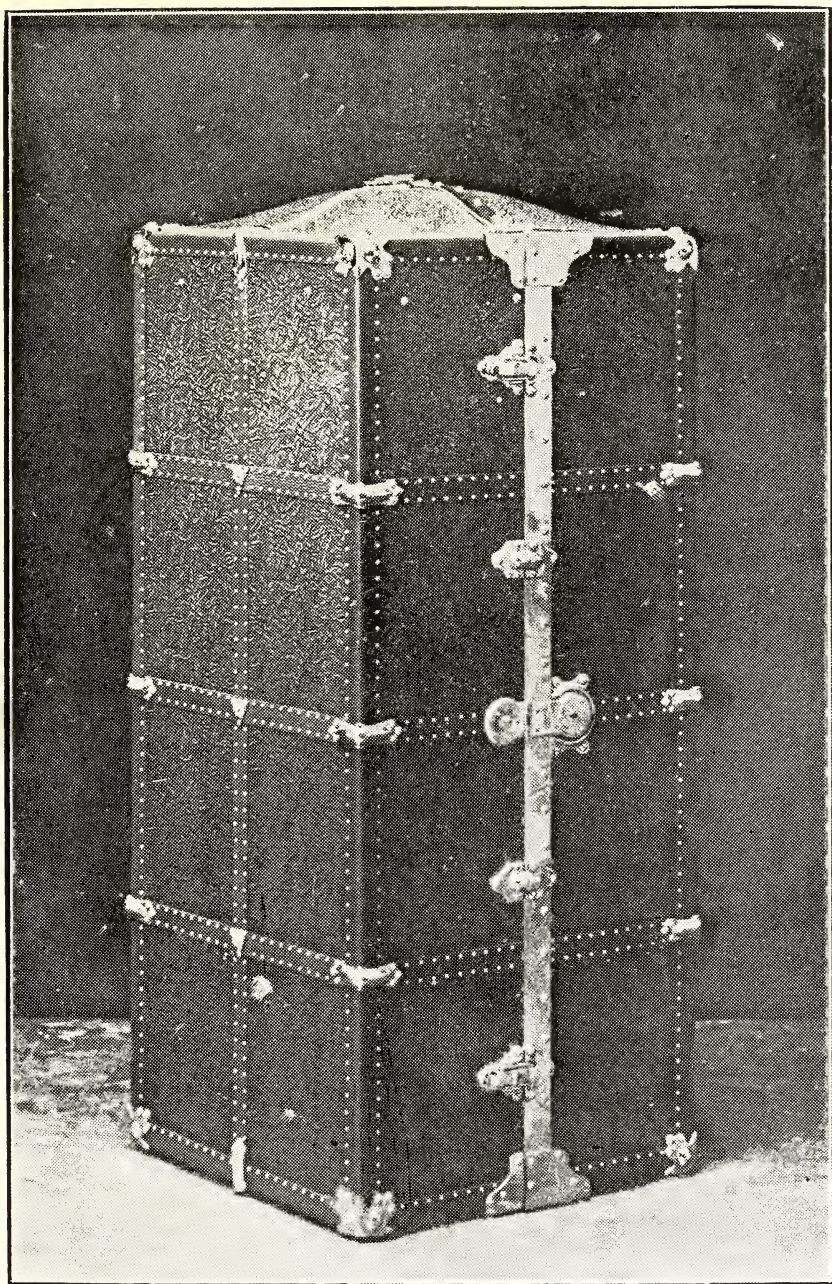
O sr. Rebelo da Silva mostra-nos, então, os diplomas e as medalhas obtidas, que se muito honram a sua casa, não menos honram a cidade de Braga.

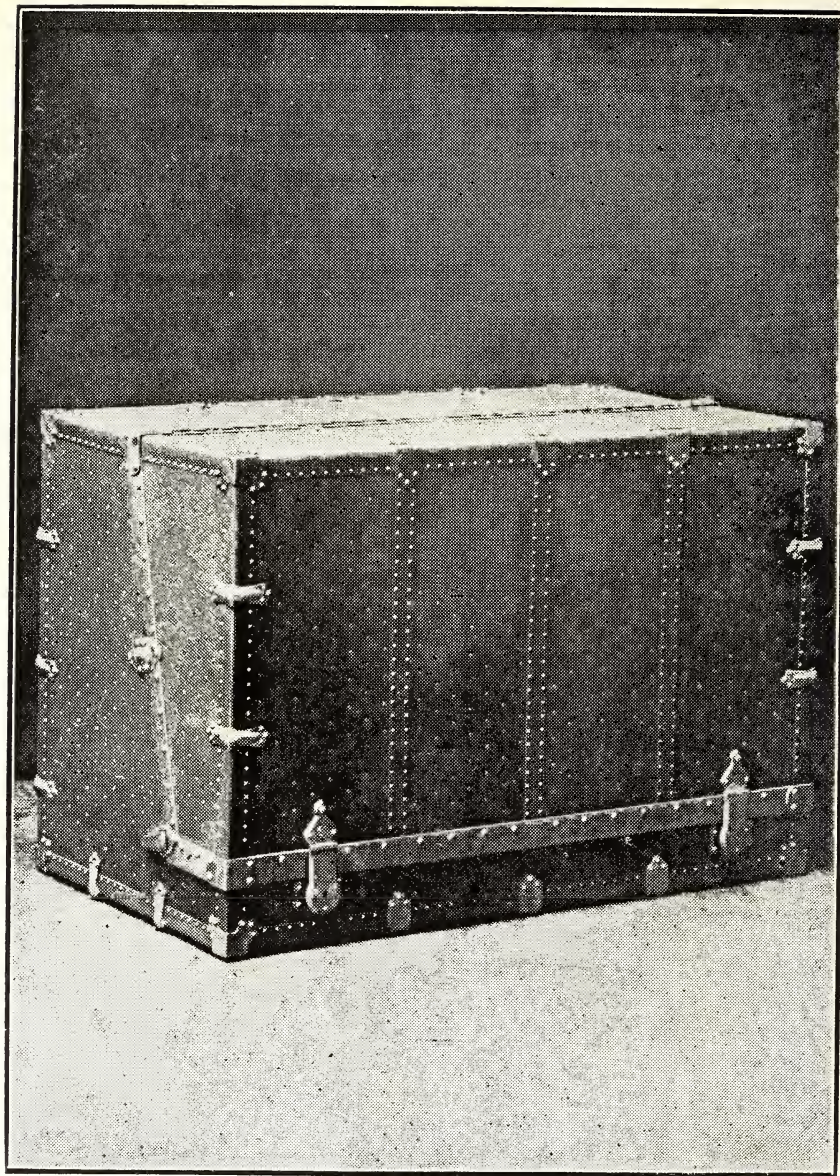
— Paga contribuições?

— Numerosas e asfixiantes. E' outro motivo do estacionamento ou até decadencia da indústria de sinos, que me tenho esforçado por manter, à custa de enormes sacrifícios, para continuar as tradições de minha família e da nossa terra.

O nosso inquérito estava finalizado. Amavelmente o sr. Narciso Rebelo da Silva disse-nos toda a evolução desses bronzes históricos, que no cume dos montes, nas planícies brancas das aldeias, ou nos aglomerados das cidades, são uma elegia de saudade, — o chamamento ao perdão e á prece.

A INDUSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM

PROVA-SE, ADIANTE, QUE PORTUGAL NÃO PRECISA PEDIR NADA AO ESTRANGEIRO. A INDÚSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM É UMA NOVA RIQUEZA : : : PARA BRAGA : : :

INDUSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM — Mala guarda-fato

(Cliché da Foto-Chic.)

INDUSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM — Mala comoda

(Cliché da Foto-Chic.)

O inquérito à indústria de artigos de viagem — indústria nova, entre nós, — é, sobretudo, uma lição. Uma lição para todos os portuguêses que desdenham dos recursos do seu país, das faculdades de trabalho dos seus compatriotas, de tudo, enfim, que é puramente nacional. Porque este inquérito vem-nos dizer, com sinceridade, com precisão, com provas irrefutaveis que em Portugal se fabrica tão bem, e até melhor, que no estrangeiro. Para que tanto se observe, importa, simplesmente, orientar e aproveitar, com método, as nossas valiosíssimas aptidões.

Portanto, não ha necessidade nenhuma de nos sugeitarmos à circunstancia degradante de ir buscar lá fóra, inclusivamente, as menores insignificancias. Em Portugal poderemos encontrar tudo, por mais dificil, diverso e extraordinário que pareça, pois não lhe faltam fecundíssimos recursos. Note-se que esta verdade iniludivel tem sido observada, por diferentes vezes, pelos proprios estrangeiros.

Dizemos acima que a indústria de artigos de viagem é nova entre nós. Efectivamente introduziu-se em Braga, segundo dados colhidos, ha poucas dezenas de anos. Começou pelo fabrico de malas baratas, revestidas de couro umas e outras de chapa. As dificuldades da guerra e outros motivos provocaram a decadência dessa indústria que já se exercia em pequena escala. Ultimamente, porém, tomou um incremento incalculavel com a instalação, em 1926, da casa «*Indústria Alemã*», convertida pouco depois em Filial da importante firma Manuel João de Faria & C.a, Sucessores, do Largo de S. Francisco. Os seus princípios foram muito modestos, fabricando, apenas, tipos comuns de malas e estas mesmo, em diminuta percentagem. A' sua frente tinha um homem prático, técnico distintissimo, pessoa de rasgada iniciativa e duma forte mentalidade profissional, que pouco a pouco a foi tornando maior, — o sr. Gre-

gorio Goold. Hoje tem já uma importância que não é para desprezar, podendo afirmar-se, ainda assim, que se está no princípio duma grande empreza, destinada a futuros dilatados.

O seu fabrico tem sido tão aumentado como aperfeiçoado. Compõe-se duma longa serie de malas, carteiras e outros artigos de viagem que se recomendam pela sua admirável apresentação. Dentro das respectivas categorias o estrangeiro não fabrica melhor, nem mesmo tão bom. Alguns artigos são invenções do sr. Gregorio Goold que, por isso, os tem devidamente registados. Constituem, parte deles, peças formosas, que tanto honram o seu autor como a indústria nacional.

O jornalista vai-se haver com o sr. Benjamim Coutinho, proprietario da casa mãe, Manuel João Faria & C.ª, Sucessores, e, consequentemente, proprietário e director administrativo da «*Indústria Alemã*». Novo ainda, é, pelo seu modo de vêr, pela sua acção, pelos seus conhecimentos profissionais o que pode chamar-se um homem do seu tempo. O nosso inquérito merece-lhe as melhores referências — porque sabe, porque sem dificuldade compreende os altos propósitos que tem em vista.

O sr. Benjamim Coutinho é, alem de tudo, um bracarense de alma e coração, tendo enorme prazer em mostrar e afirmar os progressos da sua terra. Honra lhe seja, tanto mais que esta e as outras qualidades nem sempre se encontram — como sobejamente temos verificado atravez da nossa vida.

— Mas... adiante.

A «INDÚSTRIA ALEMÃ». O SEU PRINCIPIO E O SEU DESENVOLVIMENTO. CONFRONTOS

— Senhor Coutinho, desejamos...

—... já sei. Já conheço o seu inquérito. E deixe-me dar-lhe os parabens porque vem contribuir para o preenchimento duma lacuna importante.

— Concorda com ele?

— Entendo-o necessário. O país não conhece o que se fabrica em Braga — e quanto se fabrica. Eu vejo-o pela minha e por outras indústrias.

— A sua casa, data...

—... a de cabedais de 1870. Foi fundada pelos snrs. Manuel José Rodrigues e meu tio Manoel João de Faria.

— A de malas, filial dessa...

—... data de 1925. Foi fundada em Dezembro daquele ano, na rua dos Pelames, pela firma R. Strang.

E o sr. Coutinho acrescenta:

— De início pouco representava. Mas as qualidades de saber e de trabalho dos seus fundadores conseguiram demover todos os obstáculos, sobretudo de caracter financeiro, caminhando de progresso em progresso — lentamente, mas com segurança. Seis meses passados...

—... mudou?

—... para o Largo dos Remédios onde travei conhecimento com os proprietarios da citada firma. Em Dezembro seguinte associava-me com eles e tomava a direcção da casa.

— Como gerente técnico...

—... ficou o primeiro daqueles senhores que é um grande industrial. Não só possue os melhores conhecimentos da sua profissão, como é um esplendido orientador, um magnifico comerciante.

— Inicialmente fabricava...

UMA INDÚSTRIA ADMIRAVEL E PROMETEDORA

—... malas e carteiras, mas em pequenas quantidades e bastante simples.

— Com o desenvolvimento...

—... principiaram-se a fazer artigos em grande escala, para todos os preços e de todas as qualidades.

— Essa nova fase data...

—... de 1927. Foi o ano em que se verificou o maior impulso. A nossa produção aumentou extraordinariamente para satisfazer as necessidades dos novos mercados que tinhamos conquistado.

— No país?

— No país e nas ilhas. O grande forte, porém, veio-nos de Lisboa, onde conseguimos clientes importantíssimos proprietários de casas exportadoras.

— As suas malas vão para o estrangeiro?

— Sobretudo para a Africa e Canárias.

— Pelo que vejo os seus artigos tiveram feliz acolhimento.

— Não admira, porque o fabrico é exemplar. E' bem melhor que o estrangeiro. O sr. Goold está pronto a demonstrar esta verdade quando e perante quem quizer. Alem disso tem outra qualidade essencial...

—... vem a ser...

—... a do seu preço. Os nossos artigos são muito mais baratos que os importados. Fazem, mesmo, grande diferença.

— Daí...

—... a sua formidável aceitação. Vendemos quanto produzimos. Temos, até, dificuldade em satisfazer todas as encomendas. Calcule que nos fins deste mês temos de entregar cerca de 1.000 malas.

— Qual é a produção total?

— Presentemente, 700 malas por mês. Como vê, é alguma coisa, mas dentro em pouco deve ser muito mais.

— Tem projectos de expansão?

— Nós estamos em princípio. Verdadeiramente só agora nos vamos lançar. A fabrica definitiva ainda a não prevejo.

— A propósito: quando mudaram para a rua Candido dos Reis?

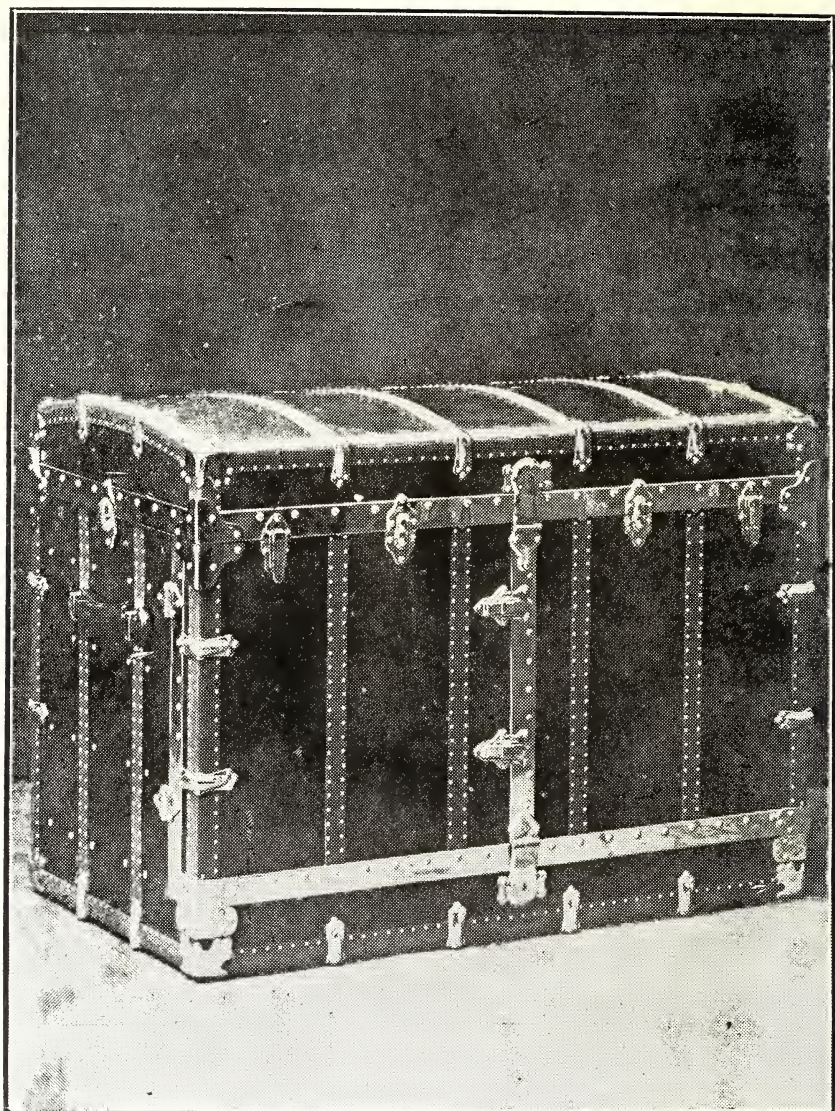
— Em Janeiro deste ano. As instalações do Largo dos Remédios eram demasiado pequenas.

— Mas estas...

—... tambem já não são excessivas, como vai ver, não obstante o predio possuir três andares.

A visita começou. Ao rez-do-chão, à frente, está o estabelecimento de vendas. Na retaguarda a oficina de fabricação. No primeiro andar, à frente, os escritórios. Nas trazeiras uma secção de calçado. No terceiro andar secção de malas de fibra, residencia do sr. Goold e deposito de matérias primas. Nos fórros aparelhamentos de armação de malas.

Recomeçando, preguntamos:

INDUSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM — Sala de exposição (Cliché da Foto-Chic.)

INDUSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM — Mala comoda-escrivaninha.
(Creação do snr. Goold) (Cliché da Foto-Chic.)

AS NOSSAS MALAS. TIPOS COMUNS E TIPOS ORIGINAIS. UMA FRASE QUE É UMA LIÇÃO

— Só fabricam tipos comuns?

— Temos, tambem, creações nossas que registamos, e que, por isso, só nós podemos fazer.

— Entre elas têm...

— ... a *mala-comoda,* a *mala guarda fatos,* a *mala escrivaninha,* etc. Mas a mais importante, para nós, é a *mala de fibra.*

— Motivo?

— A sua grande venda. E' de fabrico mecânico e fica relativamente barata. E' a mala para o grande e pequeno público. A produção deste tipo varia entre 500 a 600 malas por mês. Porque a nossa divisa é fabricar muito, depressa e perfeito, para fabricar barato.

— Não vão à Feira de Amostras?

— Vamos. Não para obter resultados, devo dizer, mas para mostrar aos visitantes o que em Braga se faz. Para isso estamos a fazer um mostruário completo que vai desde a mala mais barata à mais cára; da mais simples à mais completa.

O sr. Goold que acabava de chegar, adianta:

— Demonstraremos que Portugal não precisa pedir nada ao estrangeiro porque tem adentro de fronteiras possibilidades de produzir tudo que desejar.

Esta frase pronunciada por um americano satisfez-nos completamente. O sr. Goold quiz, depois, que vissemos uma das malas de seu invento que vai para a Feira. E' *armario, escrivaninha* e *comoda* ao mesmo tempo. Mede um metro de comprido por cincoenta e cinco centimetros de altura.

E' feita em madeira forte, pelo sistema contra placagem. Exteriormente é coberta com oleado impermeavel com esplendidas aplicações metalicas que a tornam linda e forte.

Estas peças são de fabrico bracarense e é agradavel registar que honram a cidade, pela sua extraordinaria perfeição. Assim o garante, pelo menos, o sr. Goold — que está cheio de correr mundo. Interiormente a mala, é forrada a pergamoide.

— Quantos operários empregam?

O sr. Benjamim Coutinho:

— 12, todos bracarenses. Aprenderam o oficio com o sr. Goold, estando contentíssimos com os dois.

— Tambem vendem calçado?

— Vendemos muito, até o ano passado. Chegamos a ter 43 mestres e 300 operários.

— Vendiam para...

—... o sul do país, sobretudo. Actualmente suspendemos este fabrico em virtude do encarecimento dos cabedais.

— Não tencionam recomeçar com ele?

— Tencionamos. Este verão já devemos satisfazer algumas encomendas.

Levantando-se, o sr. Coutinho conclue:

— E aqui tem, como nós empregamos a nossa actividade e o que foi, é, e vale, a indústria de artigos de viagem e o que Braga tem a esperar dela.

Saimos. A nossa visita dera-nos a conhecer uma nova riqueza — mas uma riqueza aproveitada, positiva. Na nossa mente ficára, tambem, aquela frase do sr. Goold, que é uma perfeita lição: *Portugal não precisa pedir nada ao estrangeiro.*

A INDÚSTRIA DA CÊRA

O QUE FOI E COMO
EVOLUCIONOU DARÁ
CONTA O PRESENTE
INQUERITO FEITO Á
"CASA NUN'ALVARES,,

A indústria de velas de cêra faz parte daquelas que se devem ao grande movimento eclesiástico de Braga antiga. Teve, em tempos passados, uma expansão para notar, porque abastecia todos os mercados do país, numa concorrência vantajosa.

E' uma indústria simples, sem grandes capitais, pouco vulgar e tambem pouco conhecida.

Actualmente possue duas fábricas — duas fábricas de relativo desenvolvimento, que fabricam velas em grande escala. Porque não obstante o progresso industrial do nosso país, Braga continúa a ser a princípal fornecedora do citado artigo — que é do melhor que se produz. Não se faz uma leve ideia, mesmo, do seu enorme consumo.

A fábrica mais antiga conta uma existência de muitas dezenas de anos.

A mais moderna, pelo extraordinário impulso que lhe deu o seu proprietário, é a mais importante. Importa dizer, egualmente, que as velas de cêra têm hoje, como competidoras, as velas automáticas. Destinam-se aos altares, são feitas de madeira e apenas têm, na extremidade superior, revestida de metal, um pedaço de cêra. No entanto, esta indústria caminha, tendo iniciado a fabricação de novos artigos de utilidade geral.

A «Casa Nun'Alvares», da rua Nova de Souza, é a mais recente das aludidas fábricas. Foi criada em 1921 e desde então para cá o seu progresso é manifesto. E' propriedade do sr. Francisco Figueiredo Claro, parente do velho fabricante de orgãos, e devotado trabalhador. Conhece o seu ofício com particular competência, pois desde muito novo se lhe consagrou.

Ora é precisamente este sr. Francisco de Figueiredo Claro que nos vai falar da indústria da cêra e da sua evolução na velha cidade de Braga.

A ANTIGUIDADE DA INDÚSTRIA DE CÊRA, A SUA DECADENCIA, OS SEUS FABRICANTES

— E' antiga, esta indústria?

— Muito. E' já centenaria. Data de tempos imemoriais.

— Tem-se desenvolvido?

— Não tem. Motivos antigos avolumados depois com a mudança de regimen e conseqüêntes perturbações religiosas, determinaram-lhe uma acentuada decadência.

— No passado teve muitos fabricantes?

— Talvez oito ou dez, em todo o concelho. A produção podia-se considerar de vulto. Pouco a pouco foram desaparecendo, em virtude das sucessivas dificuldades que lhes apareciam. O fabrico de velas só em grande escala pode compensar.

— Quantas fábricas ha hoje?

— Duas, apenas.

— A sua data...

—... de 1921. Fundei-a quando principiaram a desaparecer as perturbações religiosas. Contudo, para evitar surprezas desagradáveis, e melhor firmar o meu negócio, tive o cuidado de introduzir novos artigos fóra do campo religioso, procurando neles sólidas vantagens.

Com satisfação:

— A minha casa foi a primeira que se fundou com o nome do Santo Condestavel que naquela época começava a ter um culto fervoroso.

— Depois da sua fundou-se mais alguma?

— Mais três. Uma no Porto, outra em Guimarães e outra em Setubal. Com elas mantenho relações.

— Porque se dedicou à indústria da cêra?

— Porque fui criado nela, posso dizer. Quando vim da Beira Alta, ainda rapaz, empreguei-me na casa do sr. Esteves de Aguiar, donde saí para me estabelecer.

— Sósinho?

— Sim, sósinho. Como auxiliar, contudo, acompanhou-me o meu primo, Paulo Joaquim Claro, que sabe da sua profissão como poucos. Foi o meu primeiro mestre e hoje é um querido amigo.

UMA BOA FABRICA DE CÊRA. PROCESSOS DE FABRICO, E O MAIS QUE SE VERÁ

— As instalações da sua fábrica são modernas?

— O mais possivel.

— O processo de fabrico tambem é novo?

— Esse é antigo. Mas tenho tambem um outro processo, que inventei, e que me dá os melhores resultados.

— Permite-lhe...

—... produzir três mil e duzentas velas por dia. Como vê é alguma coisa.

— Coloca-as todas?

— Infelizmente, não coloco. Há temporadas grandes em que falta, quasi por completo, a venda.

— Daí...

—... a conseqüênte redução de fabrico. Posso garantir que, em média, apenas trabalho a terça parte do ano.

— Há cêra de várias qualidades?

— Há. Fabrico de todas. Mas o artigo fraco não me seduz.

— De que matéria prima necessita?

— Do favo de mel.

— Onde o adquire?

— Na Serra do Gerez, em Montalegre e em Barroso, onde ele predomina. Tenho, para isso, pessoal próprio que me faz as respectivas compras.

— Com o favo de mel...

—... faço a cêra amarela ou virgem. A seguir córo-a ao sol para obter a flôr, destinada ás velas.

— Tem muito pessoal?

— Na fábrica apenas tenho duas pessoas.

— Gira com muito capital?

— O da minha casa é de cincoenta contos. A sua repercussão na praça, porém, é muito maior por causa do crédito que felizmente possuo.

— Quais são os mercados preferidos pela sua casa?

— Os do concelho, que me consomem o forte da produção. Mas tambem vendo para todo o país.

— Já concorreu a alguma exposição?

— Concorri à de 1924 organizada nesta cidade. Fui premiado com a medalha de oiro — a melhor da minha indústria.

— Paga grandes encargos?

— Muito grandes em relação ao movimento que tenho.

— Sobem a...

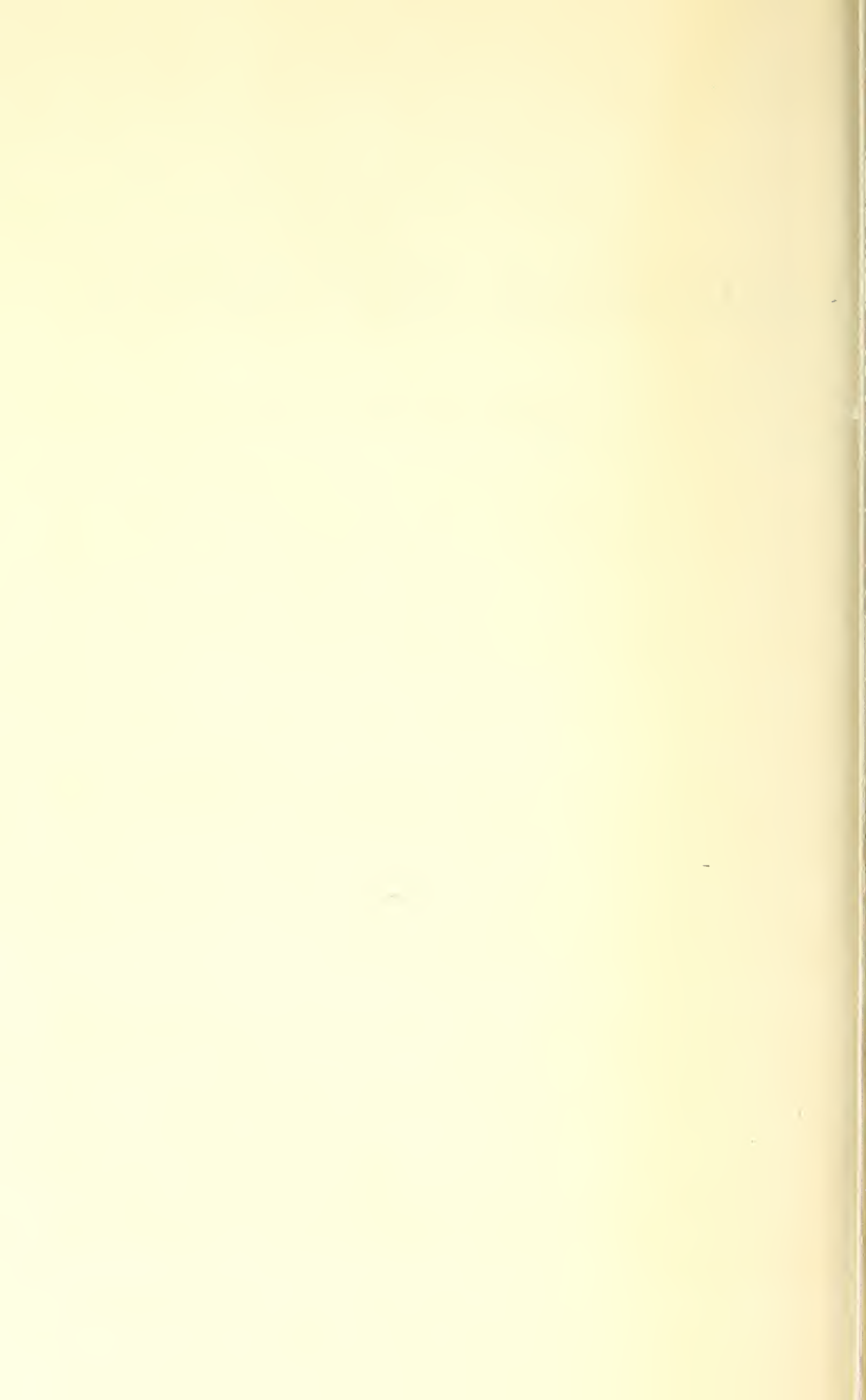
—... dois contos. Para mim é muito, é demais.

— Tem projectos para futuro?

— Os relativos a uma vontade de trabalhar invencivel. Quanto ao resto será... o que Deus quizer.

O nosso inquérito estava concluido. O sr. Francisco Figueiredo Claro tinha dito o suficiente para bem avaliarmos o que foi e o que é a indústria da cêra — indústria antiga que teve em Braga seu predomínio.

LUVARIA MONTEIRO

TRAZ-SE A PUBLICO UMA INDÚSTRIA QUE PASSA DESPERCEBIDA E AS INFORMAÇÕES QUE DIZEM RESPEITO Á FABRICAÇÃO DE LUVAS. OS INCONVENIEN-: TES DA EVIDENCIA :

HÁ muitas indústrias em Braga que não existem para muita gente, não contam, passam despercebidas. E passam despercebidas à fôrça de se meterem pelos olhos de todos nós, porque estão muito à vista, porque têm, diáriamente, contacto com o publico. E', talvez, um paradoxo — mas, não deixa, por isso, de ser uma grande verdade.

Nestas condições, está, por exemplo, a indústria de luvas, com uma fábrica ali no coração da cidade, a mostrar-se, a exibir-se permanentemente. Pois apezar de tudo, estamos em dizer que uma grande parte dos bracarenses ignora que se fazem luvas na sua terra. Porque não tenham delas conhecimento? Não. Porque nunca se deram ao trabalho de refletir sobre este assunto. Duma fórma geral pode garantir-se que só as grandes fábricas impressionam. Só elas conseguem gravar-se profundamente na retina e no cérebro das gentes.

As oficinas modestas, pouco aparatosas, sem chaminés gigantescas, sem o ruido enervante dos motôres e das correias, esquecem com a maior facilidade.

E' este um dos motivos, por certo o de mais valimento, que explica o silêncio feito à volta da nossa actividade industrial que não se encontra reunida em grandes núcleos fabrís.

A «Luvaria Monteiro» da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, é uma das victimas da sua situação e da modéstia das instalações. No entanto, a sua indústria anda nas mãos de todas as pessoas de certa categoria que residem para cá do Porto. E' relativamente moderna, porque não conta entre nós mais de sessenta anos, segundo cremos. Dentro deste aspecto a fábrica é antiga. Foi a primeira do Norte, por onde acreditou e espalhou os seus magníficos productos.

O fabrico de luvas parece simples mas demanda de mais cuidados e saber do que pode supôr-se. A pele tem de ser bem esticada — mas esticada por igual. Além disso tem segredos que só os bons técnicos conhecem. Os de Braga já deram largas provas da sua competência. Tanto assim que se mantêm num progresso sucessivo, metódico, determinado pela procura dos artigos da sua especialidade. Parecendo pouco, isto representa muito. Basta dizer que depois de Braga só Porto e Lisboa possuem fábricas de luvas. Portanto, embora modesta, a «Luvaria Monteiro», representa um empreendimento feliz e um valor positivo.

A sua casa de vendas é alguma coisa de moderno. Tem beleza, equilibrio, gosto — tem a beleza da sobriedade, o equilibrio das linhas, o gosto nas côres.

O seu proprietário é um homem amigo do trabalho, da sua terra, e do desenvolvimento: o sr. Manuel Marques Monteiro. E' um técnico muito distinto, que tem consumido a sua existência na fabricação de luvas, conhecendo-a desde bem tenros anos.

A nossa visita interessou-o. Por isso, sem largos preâmbulos, iniciamos as já consagradas preguntas:

ONDE E COMO PRINCIPIOU A FABRICAÇÃO DE LUVAS EM BRAGA. A SUA ACEITAÇÃO NO MERCADO. A IMPORTANCIA DUMA INDÚSTRIA EM QUE NÃO SE REPARA

— Esta fábrica foi criada em...

—... 1866. Tem, portanto, 62 anos. Hoje é a única de Braga.

— Fundou-a o sr....

—... D. José Rodrigues Ruiz Jarque. Ao contrario do que se dá com a maioria das casas esta abriu logo com certo movimento, sendo avultada a sua produção.

— Inicialmente onde esteve?

— No Largo do Barão de S. Martinho. Mais tarde foi alugado este edificio, onde a fábrica ficou definitivamente instalada.

— Que produzia?

— Luvas para homem, senhora e criança, de todas as qualidades e de todos os géneros.

— Quando entrou para ela?

— Não me recordo bem. Deveria ter sido em 1898.

— Quando tomou conta da sua propriedade?

— Em 1913. Conhecendo perfeitamente a indústria, procurei desenvolve-la, chamando a Braga os mercados do Norte para dar saída à produção que nessa época já me era possivel obter.

— O processo de fabrico é, ainda o antigo?

— Está consideravelmente aperfeiçoado. Hoje temos máquinas esplêndidas que facilitam muito o nosso trabalho.

— E' dificil fazer luvas?

— Mais dificil do que parece às primeiras impressões. Não basta saber talhar; é preciso, tambem, saber preparar a pele, corrigi-la, conhecer a sua elasticidade.

— Caso contrário...

— A luva ficará com dedos muito folgados e outros muito apertados. A pele sobrará nuns para faltar noutros.

A este motivo se deve o facto de varias pessoas desistirem desta indústria depois de a haverem tentado com grande interesse.

— Que espécie de luvas fabrica actualmente?

— Todas, tanto para homem como para senhora; tanto para verão como para inverno.

— Assim faz luvas de...

— ... camurça, pele de *tannée*, de *havane*, de cordeiro, de cão, etc.

— A matéria prima é nacional?

— Tenho nacional, mas tambem tenho estrangeira.

— Fabrica muito?

— Cerca de doze mil pares no ano.

— Para onde vende?

— Para Braga, especialmente. Uma grande parte da minha produção aqui fica.

— A menor...

— ... é vendida aos restantes mercados do Norte, contando do Porto para cá.

— Tem facilidade na colocação dos seus artigos?

— Muitas, todas. As minhas luvas podem concorrer com as melhores tanto do país como do estrangeiro. Não digo isto por mim

mas por muitas pessoas que se têm fornecido das outras fábricas, queixando-se depois, amargamente, da sua qualidade e da sua manufatura.

— Nessas condições...

— ... se mais não vendo é porque mais não posso fabricar actualmente.

— Tenciona desenvolver a sua casa?

— Tenciono. Espero, apenas, que meu filho chegue do Rio de Janeiro. Ele ficará com o estabelecimento de vendas, com a parte comercial, portanto, e eu com o fabrico. Por esta forma poderemos tornar grande a nossa casa, ampliando muito as suas secções e a sua produção.

Mercados para ela, repito, não faltam.

Já vêm, portanto, os nossos leitores que a indústria de luvas, em Braga, não é tão reduzida nem tão modesta como vulgarmente se julga.

GRANDE SERRAÇÃO E MOAGEM DE BRAGA, LIMITADA

O INQUERITO PRESENTE FAZ REFERENCIA Á INDÚSTRIA DE SERRAÇÃO DE MADEIRAS QUE NA CIDADE E NA PROVINCIA CONTA : MUITAS FABRICAS :

A serração de madeiras constitue uma indústria grande, uma indústria com história e com valôr — embora o não pareça pelo seu aspecto simples. Está espalhada por esse Minho além, e conta, nesta região, trinta e tantas fábricas.

Parte delas explóra o fabrico de madeiras aparelhadas para construções civis, hoje muito em voga, pelas multiplas vantagens que oferecem.

A outra parte, talvez a mais numerosa — dedica-se ao fabrico de madeiras para exportação, com larguíssimo consumo no Sul da Espanha, nas Canárias e do Norte de Africa.

Em tempos não distantes, de que a nossa memória ainda conserva ideia nítida, era exercida modestamente, por homens das aldeias, que trabalhavam aos dias, e traziam consigo os materiais precisos.

Era um trabalho pesado, lento, extenuante.

Os progressos da sciência vieram modifica-la na sua estructura, pois cedo foi invadida pelos processos mecânicos que substituiram os manuais. Foi, afinal, a grande revolução dos ultimos 50 anos que atingiu todas as indústrias — e lhes permitiu um adiantamento repentino.

A «Grande Serração e Moagem de Braga, L.da» é uma fábrica moderna, dotada, actualmente, de grandes recursos de vida. De início, porém, teve uma existencia atribulada, em virtude da crise porque passou a indústria nacional.

Começando a sua laboração num período difícil, teve altos e baixos, varias fases, até que veio parar ás mãos do sr. dr. Virgilio Faria. Possue magnificas instalações, junto da Estação do Caminho de ferro, e maquinismos esplêndidos — alguns dos mais recentes modelos. Faz parte, tambem, do *trust* de fábricas que se consagra

à produção de madeiras para exportar, tendo magníficos mercados na Africa e no estrangeiro que lhe consomem todo o seu fabrico — por maior que seja.

Como director administrativo tem o seu proprietário. Pessoa amiga de trabalhar, não obstante possuir grandes capitais, consagra toda a sua actividade nesta fábrica, procurando firmar-lhe a existência, e os seus créditos.

A nossa iniciativa mereceu-lhe as melhores referências. Sendo filho de Braga, conhecendo de certo modo o seu valimento, o esforço que desenvolve, a grandeza da sua vida económica, custa-lhe sofrer o silêncio que sobre ela recai.

O sr. dr. Virgilio Faria está, por acaso, no meio dos seus operários — vendo, acompanhando os trabalhos. Avisado da nossa chegada não se faz demorar.

As primeiras palavras são nossas:

UMA FABRICA. PRINCIPIOS DIFICEIS. UM DIPLOMADO QUE SABE SER INDUSTRIAL

— Podemos conversar um pouco?

— Porque não? Estou sempre ás suas ordens. Mas, antes, venha ver a fábrica.

A visita começou de seguida. A sala de entrada é a das caldeiras. Boa instalação, máquinas bem tratadas. Pertencem ao sistema de *chama invertida* e alimentam-se a lenha. A seguir o motor. E' uma linda peça cuidadosamente limpa, trabalhando sem deficiências. Possue a força de 90 cavalos vapôr. Ocupa o centro da sala — duma sala espaçosa, cheia de luz, higiénica. A um lado o dinamo productor de eletricidade e a outro o quadro de distribuição — peça cara, luxuosa, que tem sido elogiada pelos técnicos.

Aproveitando o tempo inquirimos:

— Quando se fundou a fábrica?

— Em 1921.

— E quem a fundou?

— O sr. José Ferreira Dias.

— Teve, de entrada este desenvolvimento?

— Não, senhor. Começou, modestamente, com a terça parte,

das actuais instalações. Tinha, tambem, uma secção de moagem, que terminou passados um ou dois anos.

— Que fabricava?

— Madeiras para construções civis e exportação.

— Foi bem sucedida?

— A crise do momento, crise grave para toda a indústria, criou-lhe muitos estorvos. A braços com pesados encargos sofreu, por diferentes vezes, mudança no seu capital pela entrada de novos sócios.

— Um deles...

—... fui eu — que nunca me tinha intrometido em assuntos industriais. Infelizmente as sucessivas soluções encontradas não satisfizeram. As dificuldades aumentavam e a fábrica teve de fechar.

— Foi então...

—... que me resolvi ao sacrifício de ficar com ela, fazendo-me industrial desde esse momento.

— Em boa hora?

— Não tenho razões de queixa. O trabalho apareceu em larguíssima escala. Verdadeiramente a fábrica entrou agora no seu período definitivo.

— Muitas encomendas?

— Quantas podemos executar.

— Que fabrica?

— Toda a especie de madeiras para caixotaria.

— Já medidas?

— Medidas e prontas.

— Entre elas fazem...

—... para caixotes de bananas, laranjas, uvas, figos, etc.

Estavamos nos cobêrtos onde séca a madeira. Debaixo deles, prontas para sair, muitas toneladas de taboas com diferentes medidas. Os cobêrtos medem cerca de 60 metros de comprido por 20 de largo.

Na parte de baixo, sobre o lado Norte, as serras. São seis ao tôdo. A primeira corta os toros de pinho, e as restantes cortam as táboas nos tamanhos e nas grossuras precisas.

Numa pequena divisão em separado, a oficina de serralharia — limagem e soldagem de serras.

Distante do corpo da fábrica, num predio de habitação, o escritório.

Continuamos:

DADOS ESTATISTICOS. UMA INDÚSTRIA DE LARGA EXSORTAÇÃO. APLAUSOS AO NOSSO INQUERITO

— Qual é a capacidade da fábrica?

— 160 metros cúbicos de madeiras por mês.

— Que lhe consomem...

— ... cêrca de vinte toneladas de tóros de pinho.

— Não usam outras madeiras?

— Não, senhor.

— Para onde vendem?

— Para Marrocos, Tenerife, Las Palmas e sul de Espanha.

— E para o País?

— Alguma coisa, mas pouco. Talvez 10 $^0/_0$ da nossa produção.

— Empregam muito pessoal?

— 45 pessoas de ambos os sexos.

— Vencem o ordenado de...

— ... oito contos de reis, mensalmente.

— Contribuições?

— Já sabe que, duma forma geral, a indústria paga muito. Esta casa não faz excepção à regra.

— O capital é de...

— ... quatrocentos contos, realisado por um sólido crédito que, felizmente, a fábrica hoje possue.

— Tem projectos, para futuro?

— Os referentes à instalação imediata duma cabine electrica, com energia do Lindoso, que passa sobre esta casa. Sem dificuldades de maior, antes com proveitos económicos, ampliarei, depois, a minha fábrica se as circunstâncias o aconselharem.

— Em resumo...

— ... pretendo fazer daqui uma razoavel empreza industrial, para deixar a meus filhos.

Fechando as suas informações, na despedida, adianta:

— E deixe-me felicita-lo, a si e ao seu jornal, pela feliz iniciativa. Vem prestar um bom serviço tanto à cidade como à sua indústria. Digo-lhe isto sem lisonja, com sinceridade.

O sr. dr. Virgilio Faria estendeu-nos as mãos, em despedida. A fábrica parava tambem, a sua laboração, cortando o espaço com silvos agudos, que se repercutiram nos valados distantes...

«PAX»

ESCREVEM-SE ALGUMAS NOTAS SOBRE A DELICADA ARTE DE TIPOGRAFIA E RECORDA-SE, A PROPOSITO, A SUA INTRODUÇÃO EM PORTUGAL E EM
: : : BRAGA : : :

Orgulha-se Braga — e orgulha-se justificadamente, — de ter sido uma das cidades do mundo, onde mais cedo entrou a arte de tipografia. Já no seculo de quatrocentos — em 1464 — se imprimiram em Leiria, Lisbôa e Braga notaveis livros em caracteres góticos e romanos, alternando uns e outros, com propriedade e com manifesto bom gosto. As célebres gramáticas de Clenardo egualmente sairam das tipografias bracarenses e de aqui percorreram as quatro partes do mundo, como é geralmente conhecido. Nos últimos cem anos progrediu por forma incalculavel. As oficinas encheram a cidade, multiplicaram-se, destinadas umas aos simples trabalhos de remendagem, constituidos por facturas comerciaes, rótulos, etc.; destinadas outras á indústria do livro, maravilhosamente exercida; e outras, ainda, á do jornal que teve, tambem, uma expansão para notar.

Os tipógrafos bracarenses sempre se destacaram pelo aprimorado das suas obras, pois adentro e fóra das fronteiras pátrias alcançaram honrosos prémios.

A arte tipográfica obteve atravez dos tempos concessões especialíssimas. Era considerada e admirada. Os seus cultores foram contemplados com privilégios de excepção, que lhes davam direito a umas tantas regalias. Era uma arte acima das meras profissões industriais porque requeria sensibilidade, sciência, requintado bom gosto e um justo critério artístico. A impressão dum livro não era tarefa facil nem coisa de que os génios mais afoitos pudessem desdenhar. Páginas se conseguiram que, por sua beleza, mereceram a honra dos museus, onde ainda hoje se guardam religiosamente.

Nos nossos dias o gosto pela arte tipográfica desenvolveu-se em todos os paizes. O seu progresso é manifesto quer no aspecto de expansão, quer no de aperfeiçoamento artístico.

Actualmente não só se fazem obras tão belas como as antigas,

mas até se lhes imprime maior imponência. Edições bem modestas demonstram, frequentes vezes, as grandes conquistas que se tem feito na tipografia. Outras, então, são dum luxo, dum bom gosto que revelam temperamentos privilegiados.

Vejam-se, por exemplo, as cambiantes, os efeitos maravilhosos que se conseguem na indústria do jornal, diariamente afirmados em folhas de aspectos encantadores. Realcemos, no entanto, os números especiais, hoje frequentes, que muitas vezes conseguem ser obras primas na técnica tipográfica e na concepção.

Da indústria do livro nem é preciso falar.

Edições têm visto a luz da publicidade, que hão ficar para exemplo e glória da nossa época.

Em Portugal merecem referência especial os trabalhos de Marques Abreu — artista portuense do maior valor, — e os da Universidade de Coimbra, que está realizando uma obra larga de reconstituição artística, literária e scientífica.

Braga tambem enfileira com brilho no grupo dos que melhor e com mais dedicação servem a arte tipográfica.

Tem um grande numero de oficinas, dedicadas ás diferentes especialidades da tipografia, que realizam verdadeiras maravilhas. Basta dizer que uma parte consideravel das edições portuguesas são feitas nesta cidade.

Dentre as referidas oficinas destacam-se, pela sua grande importância material e artística, a «Pax», Augusto Costa & Matos e Oficina de S. José, — na indústria do livro e na obra de remendagem; e «Minho Gráfico» e «Correio do Minho», no jornal.

A «Pax» de que vai ocupar-se hoje o nosso inquérito, descende em linha reta da velha tipografia Souza Cruz, que se tornou conhecidíssima no paiz pela magnífica apresentação dos seus trabalhos. Era uma oficina admirável, dotada com máquinas aperfeiçoadíssimas, e dirigida por um homem muitíssimo sabedor, que deu de si as melhores provas: o sr. José Maria de Souza Cruz.

Ao findar a grande guerra teve vontade de descansar, passando a sua casa á firma Coelho Sotto-Maior & C.ª L.da, que lhe pôs o nome de «União Gráfica».

Ultimamente sofreu nova transformação, passando á posse de-

finitiva dos snrs. D. Manuel António Augusto Coelho, benedictino ilustre, Laurindo dos Passos Coelho e Alberto das Dores Passos Coelho, sob a designação de «PAX».

A gerência efectiva está confiada aos dois últimos, que lhe têm dado o melhor esforço e uma orientação inteligente, procurando honrar, como têm honrado, as tradições nobilíssimas que receberam com esta casa. Da sua competência fala, tambem, e claramente, este livro, — escrito, composto e impresso no praso máximo de 30 dias.

A entrevista é curta. Faz-se entre a revisão de algumas provas. E' uma hoia da noite — duma noite de trabalho intenso.

Começamos:

— Quando se fundou esta casa?

— Não sei ao certo. Como não ignora, a minha estada aqui é recente. Contudo suponho que a casa tem mais de quarenta anos.

— Foi seu fundador?

— O meu presado amigo snr. José Maria de Souza Cruz, que soube impôr-se ao paiz inteiro como um artista de grande merecimento. Os seus trabalhos eram famosos.

— Que fazia?

— Todas as especialidades tipográficas, desde as mais simples às de maior responsabilidade artística.

Uma nota interessante:

— O snr. Souza Cruz era um apaixonado da tipografia. Vivia só para ela. Por isso, tratava as máquinas como quem trata filhos.

— Eram boas?

— Magníficas. Chegou a ter o que havia de bom.

— E pessoal?

— Era a primeira casa de Braga. Está dito tudo.

— Quando a adquiriram?

— Em 1923. Nesse ano, porém, apenas ficamos como sócios cotistas.

— A sociedade chamava-se...

— ... «União Gráfica». Depois, por motivos de vária ordem, foi-se modificando até que ficamos nós os seus únicos proprietários, juntamente com nosso irmão Antonio, Prior dos benedictinos portugueses.

— Dahi resultou...

— A «PAX», Sociedade por Quotas de Responsabilidade Limitada, que tem, apenas, um mês de vida.

— A « Opus Dei » ...

— E' uma secção litúrgica, de que somos os introductores em Portugal.

— Visa...

— ... editar, exclusivamente, obras de liturgia, de vulgarização e de erudição.

Com aquele nome já temos uma revista, que os meios intelectuais, e sobretudo os eclesiásticos, receberam com estima.

— A « PAX » executa todo o genero de trabalhos tipográficos?

— Todos, podendo-se garantir a sua execução plenamente satisfatória.

— Nessas condições fazem...

— ... cheques, letras de câmbio, rótulos, crómos, facturas, etc. Editamos livros, revistas e toda a espécie, enfim, destas publicações.

— Que pessoal emprega?

— 18 pessoas normalmente, E falamos assim porque este número varia consoante as necessidades de momento.

— Qual é o capital da casa?

— Cem contos.

— Quantas máquinas d'impressão tem agora?

— Três. Uma «Minerva», uma «Ideal» e uma «Herber».

— Material tipográfico...

— ...temos mais que o suficiente para as necessidades do meio. Possuimos uma colecção variadíssima de tipos, que deve satisfazer os mais exigentes.

— As instalações...

— ...cremos, tambem, que são das melhores de Braga.

O jornalista visita-as. Ao rés-do-chão, à frente, ficam os escritórios e a livraria; atrás as máquinas de impressão. No primeiro andar a composição. No segundo andar, armazens de obras feitas e papel. No terceiro andar, a oficina de encadernação.

Proseguimos:

— Têm projectos para futuro?

— Pensamos adquirir uma máquina de grande tiragem — a última palavra no género. Já a temos mais ou menos apalavrada com uma casa alemã.

— E logo que a tenham em posse...

... alargaremos tambem a tipografia, por forma a ficarmos com uma oficina que, sem receio, dê saída ao avultado movimento que se nota hoje e promete aumentar. Ao mesmo tempo queremos dota-la com os aperfeiçoamentos exigidos pelas necessidades modernas. Esta boa terra assim o merece.

As nossas notas estavam colhidas. As palavras dos snrs. Laurindo e Alberto Coelho tinham-nos feito evocar a importância e a delicadeza da interessante indústria de tipografia, que Braga conserva desde velhas eras.

Despedimo-nos, por isso, tanto mais que as horas, impedidoras, avançavam pela noite.

BANCO DO MINHO

HISTORIAM-SE, EM CITAÇÕES RAPIDAS, OS PRIMEIROS TEMPOS DA INDÚSTRIA BANCARIA, E JUSTIFICA-SE A CONSIDERAÇÃO DE QUE GOSA O BANCO DO MINHO, CONSIDERADO UM DOS PRIMEI: ROS DE PORTUGAL :

NÃO é nova, não é recente a creação do Banco — negociante em crédito, segundo uns, negociante em moeda, segundo outros. Os assírios, os gregos, os romanos já os tiveram, embora, esclareçamos, com organização bem diferente da que hoje se lhes dá.

Contudo, realizavam operações similares, que nitidamente os caracterisavam, e se foram transmitindo até aos nossos dias.

Em Portugal o primeiro estabelecimento bancário apareceu em 1821. Chamou-se *Banco de Lisbôa*. Até aí as operações economico-financeiras eram realizadas pelas Misericórdias, com privilegios especiais para isso, e que desempenhavam, assim, funções de bancos agricola-industriais; e pelas Bolsas de Comercio, que surgiram no reinado de D. Fernando, funcionavam como bancos marítimos, e se assemelhavam, grandemente, a Companhias de Seguros, na opinião de Oliveira Martins e de João Pinto da Costa Leite.

Em 1652 surgiu a primeira tentativa de estabelecimento bancário, da iniciativa do irlandês D. Diogo Preston, que não vingou. A segunda, realizada em Janeiro de 1800, seguiu o mesmo caminho. Vinte anos depois fundava-se, então, o banco que deixamos referido, com o objetivo de amortizar o papel moeda. Foi ele que deu origem, mais tarde, ao Banco de Portugal, pela fusão de duas casas de credito.

A actividade bancária começou a desenvolver-se. No pequeno espaço que vai de 1835 a 1870 fundaram-se nada menos de cincoenta e uma destas instituições! A sua feição era perfeitamente regional. Meios bem pequenos, que tinham uma vida social e económica limitadissima, criaram os seus bancos. Não lhes permitindo o país, e sobretudo a provincia, numero de operações necessarias à sua existencia, entregavam-se à especulação. Não eram, pois, auxiliares prestimosos do comércio, da indústria, da lavoura — eram concorrentes.

A FUNDAÇÃO DO BANCO DO MINHO. A PRIMEIRA ESCRITURA DE SOCIEDADE. REGALIAS QUE TINHA A SUA ACTUAL DIRECÇÃO

Braga não se alheou deste movimento, deste despertar precipitado que predominou, sobretudo, ao norte do Mondego. Em 1864 fundava o seu Banco do Minho, numa hora feliz para si e para o País, porque lhe soube dar como que a independência, as normas, as funções, enfim, duma Caixa Económica da Região. Longe de especular, como estava em uso, preferiu os negocios, as operações absolutamente legítimas. Desde o seu início foi um Banco moral — e de honra, como se pode avaliar da seguinte e interessante escritura:

«*Em nome de Deus amen. Saibam quantos este instrumento de estatutos reduzidos a escriptura publica virem que, sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1864, aos 27 dias do mez de Junho do dito anno, nesta cidade de Braga, Porta de S. Francisco, e no meu cartorio, compareceram o commendador Francisco Xavier de Souza Torres e Almeida, morador no Campo da Vinha, na qualidade de presidente; o commendador Miguel José Raio, morador na rua dos Granjinhos, na qualidade de vice-presidente; Manuel Luiz Ferreira Braga, morador na rua do Souto; e Manuel Ignacio de Oliveira Braga, morador no Campo de Sant'Ana; todos desta mesma cidade, estes ultimos na qualidade de secretarios, e todos componentes da mesa provisoria da assembléa geral do novo banco intitulado do «Minho», com séde nesta cidade, pessoas minhas reconhecidas pelas proprias de mim tabellião e testemunhas deste instrumento abaixo nomeadas e assignadas, as quaes tambem reconheço, de que dou fé. Na minha presença e das ditas testemunhas disseram os sobreditos outorgantes que, tendo sido pela carta de lei de 15 do corrente autorisada a criação de um banco de circulação com a denominação do «Minho», com séde nesta cidade, na predicta qualidade de membros da mesa provisoria da assembléa geral do referido banco, e usando dos poderes que pela mesma assembléa geral lhes foram outorgados na reunião, que teve logar em 14 de Abril ultimo, como consta da acta que*

então se lavrára, queriam pelo presente instrumento, e na melhor forma e via de direito reduzir como reduzem, em seu nome e da dita assembléa geral, a publica escritura os estatutos, que por ella foram approvaaos, afim de receberem a approvação do Governo.»

Entre as disposições do citado estatuto, todas bem curiosas, merecem referência especial a que delimitava os fins do banco a operações de circulação, depósitos, descontos, emissão de letras e de notas de 2$500, 5$000, 10$000, 20$000 e 50$000, à compra e venda de papeis de crédito, etc.

Não menos interessante era o preceito que prohibia à direcção fazer transações superiores a dez contos, sem consentimento do conselho fiscal, e a este as transações superiores a quarenta contos sem consentimento da assembleia geral.

O capital era de seiscentos contos, subscritos em 6.000 acções de cem escudos cada uma.

O crédito do Banco principiou, desde logo, a firmar-se.

As reduzidas necessidades do país, não consentiam, porém, um numero tão elevado de bancos. E, assim, iniciou-se em 1876, uma grave crise que levou à falencia, à fusão, e à concentração, uma grande parte deles. O Banco do Minho soube vence-la, saindo-se perfeitamente victorioso da massa compacta de estorvos porque teve de passar.

E caminhando sempre de progresso em progresso, chegou a 1928 com uma honrosíssima folha de serviços prestados à Nação.

*

* *

O Banco do Minho é, portanto, a chave, o fecho, a cupula da grande, da intensa, da laboriosa colmeia industrial de Braga.

Importava, pois, faze-lo constar do nosso inquérito. O jornalista é recebido na sala da Direcção — uma sala moderna, com *maples,* com cadeiras de couro, com lindas decorações. Junto da janela o fogão que, por ironia, funcionava, ainda, neste mês de Junho. Ao lado esquerdo de quem entra, trez secretarias. Numa, o sr. dr. José Ribeiro Braga, baixo, face nervosa, inteligência viva, pene-

trante, voz timbrada, olhos escuros, aspecto duro de quem sabe querer. Mentalidade de economista, actualizada, robusta, erudita, decidida, para quem não há estorvos, barreiras — de qualquer natureza que sejam.

Na do centro o sr. dr. João da Conceição Amorim, cabeça grisalha, distinção, afabilidade, cultura, — um sorriso a brincar-lhe, permanentemente, nos lábios. Pessoa que põe o coração entre a vontade e o cérebro. Raciocínio claro, feito em voz alta. Temperamento requintado — pela educação, pelo seu espírito.

Na extremidade oposta, vis-a-vis com o sr. dr. Domingos Ribeiro Braga, o sr. Augusto Martins, — rosto calmo, meia edade, ponderação, conhecimentos especializados. Homem habituado aos números, a mexer e a remexer os débitos e os créditos. Lê-se-lhe nos olhos a paz da alma. Percebe-se-lhe nas palavras a certeza do técnico — uma vontade, e um caracter.

São quasi horas de sair. Resta, apenas, dum intenso dia de trabalho, uma ou outra carta para assinar. Sentamo-nos. Do lado direito o sr. dr. Domingos Ribeiro Braga; do esquerdo o sr. dr. João Amorim e sr. Augusto Martins.

— Podemos principiar?

— Já expuz aos meus colegas o seu desejo, — responde o primeiro.

— Mas nós pouco podemos dizer. Compreende que seriamos ridículos se... — completa o segundo.

Interrompemos:

— Só nos interessam os dados comprovativos do desenvolvimento e do valor desta casa.

— O Banco do Minho é dos primeiros do País, Fundou-se no período em que se verificou, até hoje, o mais intenso movimento bancário — embóra a vida do país o não justificasse.

BANCO DO MINHO — Séde social em Braga — Propriedade do Banco

BANCO DO MINHO — Filial do Porto — Propriedade do Banco

BANCOS REGIONAIS E NACIONAIS. BANCOS AGRICOLAS, INDUSTRIAIS E COMERCIAIS. A CRISE DE 1870. UM BENEMERITO DO BANCO DO MINHO

— Com as características...

— De Banco puramente regional.

O seu exemplo é perfeitamente salutar. Podendo entregar-se à especulação, de funestas consequências para tantos, preferiu o caminho legítimo, funcionando como caixa económica da Provincia. Não era um concorrente desleal, — era um regulador de crédito, um poderoso factor de fomento da riqueza minhota.

— Na grande crise de 1876...

— Aguentou-se admiravelmente. Teve dificuldades, sim, mas venceu-as.

Uma nota curiosa:

Valeu-lhe nesta, como noutras ocasiões, o sr. Conselheiro José Maria Rodrigues de Carvalho, que pelo seu prestigio pessoal, e com os seus proprios haveres, o socorreu dedicadamente. Pode dizer, sem receio, que foi o seu melhor benemérito.

— Esteve, de principio, neste prédio?

O sr. Augusto Martins:

— Os primeiros anos, de 1864 a 1877, esteve na propria casa do sr. Conselheiro José Carvalho, onde está hoje a Caixa Geral dos Depósitos. Só depois veio para aqui.

— Saído da crise...

O sr. dr. Ribeiro Braga:

— Os seus progressos acentuam-se. A Banca Nacional chama-o a uma colaboração estreita. Era a consequência da sua orientação primitiva, livre de falsos conceitos.

— A Caixa Filial do Porto foi creada em...

— ... 1874, quando o alargamento dos negocios do Banco a pediu. Foi autorisada pela assembleia geral de acionistas, reunida em 16 de Abril, e aberta em 1 de Julho do referido ano.

— Sob a gerencia de...

— F. Frike, Antonio José de Souza Lima e Manuel Pinto Gomes de Menezes.

— Quando se operou a maior expansão?

— Toda ela tem uma sequência natural, lógica, determinada

pelo crédito que o Banco ia conquistando nas praças nacionais e estrangeiras.

— Contudo...

—... o pulo mais extenso, digamos assim, observa-se depois da grande guerra, entre 1919 e 1924. As operações, neste periodo, multiplicaram-se dez vezes.

— Assim...

—... no primeiro daqueles anos — no de 1919, — o Banco reconhecia a necessidade de novas filiais, para corresponder ao objectivo que se requeria dele.

— Abriu, então...

... a de Lisboa, sob a gerencia dos srs. Alves Dinis e Raul Cohen.

— A Agência de Guimarães...

— Foi inaugurada seis anos depois, em 1925.

A EXPANSÃO DO BANCO DO MINHO. EMISSÃO DE CAPITAL. POR ONDE SE PROVAM OS SEUS PEQUENOS REAIS...

O sr. dr. Ribeiro Braga não descura uma particularidade. Palavra facil, ajustando-a perfeitamente ao seu pensamento, diz só o necessário, no entanto.

— Como vê, a existencia do Banco tem sido sistemática e regularmente progressiva. A loucura de negócios do após-guerra não o deslumbrou, aproveitando-a antes para se firmar.

Todo este movimento, de que lhe tenho falado, pode ser observado na evolução do seu capital.

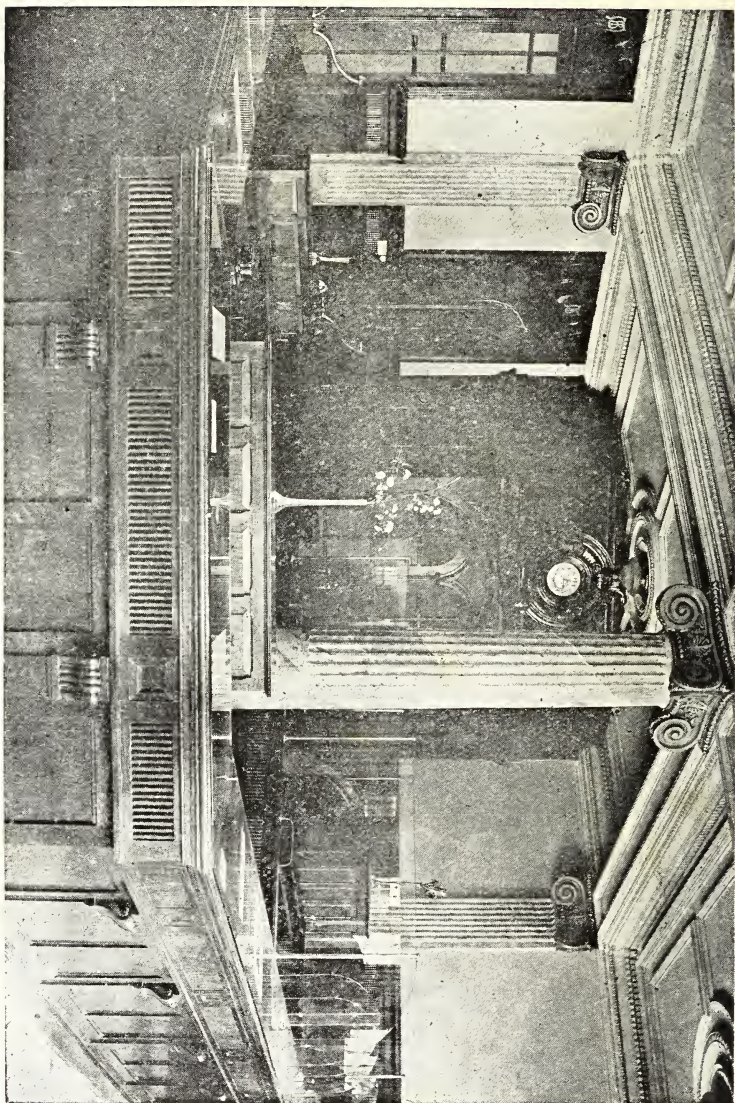
— Pode citar-ma?

O sr. Augusto Martins:

— Ouça: De 1864 a 1917, manteve-se o capital inicial: 600 contos. Em Outubro de 1917, foi elevado a 800; em Julho de 1918, a 1.200; em Janeiro de 1920, a 2.000; em Junho do mesmo ano, a 4.000; em Março de 1922, a 6.000 e em Fevereiro de 1924, a 10.000.

— Daqui...

—... Pode-se tirar o seguinte quadro demonstrativo da

BANCO DO MINHO — Filial de Lisboa — Propriedade do Banco

BANCO DO MINHO — Agencia de Guimarães

Evolução do capital do Banco do Minho

1.ª emissão 1864-1917	2.ª emissão 1917-1918	3.ª emissão 1918-1920	4.ª emissão 1920-Janeiro	5.ª emissão 1920-Junho	6.ª emissão 1920-1922	7.ª emissão 1922-1924
600.000$00	800.000$00	1.200.000$00	2.000.000$00	4.000.000$00	6.000.000$00	10.000.000$00

— Quais são as funções essenciais que praticam?

O sr. dr. Ribeiro Braga:

— As de Banco Agricola-Industrial, pelo entesouramento dos capitais duma grande Província que trabalha, lucta, num exemplo salutar de engrandecimento — moral e material.

— Pretendem torna-lo, assim...

— A expressão da riqueza minhota.

— Desprezam a parte comercial?

— De forma alguma. Em Portugal, os Bancos não podem ser especializados, restrictos a uma ou outra faceta económica.

— Por isso...

—... Temos dispensado uma carinhosa assistência financeira, tanto ao Comercio, como à Industria, como à Lavoura.

— A confiança do país tem-se manifestado?

— Absolutamente e por uma forma clara.

— Pelo que toca à região...

O sr. dr. João Amorim:

—... a confiança está bem denunciada no sucessivo aumento dos depositos a praso e à ordem. Crescem de mês para mês cerca de mil contos.

O sr. dr. Ribeiro Braga:

— As outras contas seguem o mesmo caminho, como pode vêr por este mapa, que demonstra, simultaneamente, o desenvolvimento desta casa.

Mapa comparativo dos saldos das principais contas nos anos de 1914 a 1927

	CAPITAL	DEPOSITOS Á ORDEM	DEPOSITOS A PRAZO	CONTAS CORRENTES GARANTIDAS	LETRAS DESCONTADAS			LETRAS A RECEBER
					NÚMERO	Importância total	MÉDIA	
1914	600:000$00	641:419$31	1.328:156$73,4	761:842$26,8	6.505	712:187$64	109$48	29:063$00
1915	600:000$00	813.537$89	1.500:961$98,2	794:749$01,6	6.595	1.187:747$30,4	180$09	45:892$07
1916	600:000$00	972.789$43,5	1.576:961$21	775:731$84,3	6.985	1·366:087$70	195$57	71:887$38,5
1917	800:000$00	1.042:222$71	1.920:994$44	767:431$71,6	8.663	2.040:975$58,5	235$70	70:857$95,5
1918	1.200:000$00	1.195:521$18,5	2.732:550$30,5	891:602$70,4	7.150	2.853:252$48	399$05	79:280$57
1919	1.200$000$00	2.725:659$23	4.042:946$64,6	1.882:448$74,2	6.070	2.379:943$72	392$08	392:136$09
1920	4.000$000000	5.515:724$69,3	5.665:167$34,4	2.642:905$44	8.045	6.830:707$06	849$06	959:252$04
1921	4.000:000$00	12.950:130$16,5	9.698:530$28,9	6.308:876$38	12.241	11.203:943$99	915$28	893:233$73,5
1922	6.000:000$00	24.154:559$82	16.575:520$19	6.859:442$50	20.989	23.296:174$46	1:109$92	1.294:707$01
1923	6.000:009$00	28.512:814$04,5	15.884:589$35	11.376:834$44	21.689	24.751:018$53,6	1:141$19	2.347:995$43
1924	10.000:000$00	33.583:423$99,5	15.622:764$00	10.224:672$30	24.196	32.475:293$55	1:342$17	2.112:075$06
1925	10.000:000$00	25.322:981$56,5	19.718:146$54	14.172:909$79,6	26.301	32.166:564$27	1:223$01	1.410:702$93
1926	10.000:000$00	21.292:427$28	34.341:356$15	12.601:945$68	25.778	31.412:769$69	1:218$58	1.785:887$39
1927	10.000:000$00	32.420:452$00	40.728:151$20	13.316:637$32	23.305	34.842:228$13	1:495$05	3.135:576$73

— Não são palavras, pois, mas factos bem fundamentados, os que tenho apontado.

— O estrangeiro considera o Banco do Minho?

— Todos os Estados da Europa e da América. Digo-lhe com prazer, mesmo, que é um dos que melhor crédito possue na praça de Londres, onde operamos sempre com as melhores facilidades.

O PESSOAL. AS CONTRIBUIÇÕES. UM COMPROMISSO ORIGINAL. A FUNÇÃO DO BANCO DO MINHO

— Que pessoal emprega?

O sr. dr. João Amorim:

— Já lhe digo. 178 pessoas, sendo 44 na Séde, 86 na Filial de Lisboa, 37 na do Porto e 11 na agência de Guimarães.

— Os seus vencimentos atingem a importância de...

— 1.969:957$50 por ano.

Deslocando um nada a conversa, preguntamos:

— O Banco paga grandes contribuições?

— Muito grandes. Em 1927 pagamos 1.890:249$15.

O sr. dr. Ribeiro Braga atalhando:

— Mais de 50 °/₀ dos lucros são para o Estado. Não se explica nem justifica. Estamos asfixiados. E' um sorvedoiro incalculável.

— Ao todo pagam?

— Cerca de dois mil contos. Não será muito?

E depois duma pausa, salienta:

— Só a percentagem que somos obrigados a dar anualmente para a Assistencia Pública e seguros sociais sustentava perfeitamente o Hospital de S. Marcos. Posso até garantir que o Banco se comprometia a manter o referido Hospital e outras Instituições de Caridade se fosse dispensado de pagar aquela percentagem. E, note, estas ficariam em condições superiores ás actuais.

O expediente estava pronto e o inquérito no fim. O sr. dr. Ribeiro Braga levantou-se terminando por esta forma:

— De tudo o que fica dito concluimos claramente que o Banco do Minho deve ser considerado: quanto à sua origem, banco regional; quanto à sua expansão, banco nacional; quanto à natureza dos

seus depósitos, banco de depósito a praso, verdadeira caixa económica dos lavradores do Minho.

Tinhamos chegado à cupula do grandioso edificio industrial que Braga orgulhosamente levantou com trabalhos sem conta, com abnegação, com amôr profundo. Ele aí fica para conhecimento de quantos estes apoucados dizeres quizerem lêr. Não é, sómente, a honra da nossa Região: é tambem, uma honra do País.

ULTIMAS NOTAS

DESCREVEM-SE, EM RE-
SUMIDO ESCORSO, AL-
GUMAS INDÚSTRIAS DE
QUE AINDA SE NÃO FA-
: LOU. CONCLUSÃO :

CHEGADOS ao fim do nosso inquérito — que procuramos realizar com a maior isenção de considerações pessoais, movidos antes e principalmente pelo interesse da cidade — reconhecemos, com pezar, que a natureza superficial deste trabalho, aliada à falta de informações, originada por atitudes nem sempre comprehensiveis, não permitia que nos ocupassemos, com a largueza necessaria, de algumas indústrias de Braga.

Disseminadas em pequenas oficinas, com reduzido numero de pessoal, recluidas às aldeias ou às ruas distantes, foi-nos impossivel estuda-las e apresenta-las com os pormenores merecidos.

Para outras foi demasiado escasso o destino, fechando-nos as portas, que sempre julgamos vêr abertas de par em par.

E porque o nosso intuito foi e é servir simplesmente esta Terra — nossa não só pelos benefícios dela colhidos mas tambem pelos sacrifícios impostos — aqui as vamos registar consoante os elementos que podemos obter.

E' justo referir, primeiramente, pelo seu valor, a indústria de refrigerantes, que possue duas fabricas de certa importância. Pertence a mais antiga à Empreza de refrigerantes «Bom Jesus», constituida pelos srs. dr. Augusto Sinval, António Maria da Conceição Pedrosa, dr. Virgílio Faria e Ildefonso Faria. Foi criada em 1917, dispondo de perfeitíssimo petrechal e dum crédito sólido, conquistado por um trabalho honrado e pertinaz.

A sua produção é consideravel, embora limitada a um curto prazo do ano. Tem mercados numerosos, pois vende para quasi todo o paiz.

A segunda fábrica é a do «Sameiro», propriedade da firma Charles, Cooverley & C.º. Não tem, no entanto, o desenvolvimento, nem a importância da primeira.

Em 1926 foi criado um novo estabelecimento industrial destinado ao fabrico de malhas. E' propriedade da firma Augusto Sinval & Filhos, e fabrica meias e peugas de seda e algodão. Embora recente, a «Fábrica de Malhas Bom Jesus» dispõe já duma avultada clientela, porque tem apresentado productos que, por si sós, se recomendam.

Na freguezia de Ferreiros continua o fabrico de balanças decimais, hoje adstricto a três casas: a de António Faria, fundada em 1910, no lugar da Misericórdia; António Cabral, fundada em 1927, no mesmo lugar; e António Ferreira Ervilha, do lugar do Lameiro, que é de todas a mais antiga e a maior. Esta indústria atravessa actualmente uma grande crise, quasi não dando uma pálida ideia da importância, que teve ha cerca de meia dúzia de anos.

Em S. Martinho de Dume, S. Jerónimo de Real e Palmeira — e ainda noutras freguezias próximas — prossegue a indústria de balmazes, taxas, pontas de esmeril — toda a variedade, enfim, de pregagens. E' uma indústria bastante desenvolvida, abastecendo grande parte dos mercados do Norte. Possuiu, já, uma fábrica com elevados capitais, que veio a terminar pela concorrência formidavel, que em preço e quantidade lhe faziam os pequenos fabricantes.

Muitíssimo curiosa é a indústria de olaria, exercida em S. Pedro e S. Paio de Merelim, com penetração até ao concelho de Vila Verde. Tem, ainda hoje, um aspecto popular deveras interessante, mas é possivel que, mais dia menos dia, se concentre numa grande fábrica.

Dentro da cidade exploram-se, tambem, as indústrias de correaria e artefactos de verga. A primeira, sobretudo, avulta de forma apreciavel na praça bracarense.

Está egualmente a desenvolver-se a da renda de bilros, arte de primorosos lavôres, de cunho tão acentuadamente lusíada.

E' trabalhada por creanças dos 6 aos 15 anos, que fazem neste género verdadeiras maravilhas. Foi introduzida na cidade, com altos propósitos educativos, pela Oficina Escola João de Deus, dirigida por um brilhantíssimo espírito de cristã, de educadora e de portuguêsa; a sr.ª D. Margarida de Assis Teixeira.

Todas as variedades desta especialidade de trabalho artístico

— toalhas orladas de renda duma levêsa espumada; colchas em que o engenho e originalidade se dão as mãos; entremeios, que parecem retalhos de nuvens brancas a esfiaparem-se em fragmentos levíssimos; «napperons», aplicações de todos os feitios e das utilidades mais diversas — tudo sai das mãozitas débeis das crianças da Oficina Escola João de Deus, sob a profícua e caritativa direcção da sua dedicada fundadora.

Terminamos estas ligeiras notas por uma nova referência á indústria Bancária, exigida pela sua importância e por, de certo modo, reflectir o valor económico de Braga.

O desenvolvimento industrial e comercial da cidade tem tido larga correspondência nas instituições de crédito pelas necessidades que sucessivamente se vão criando.

Assim, alem do Banco do Minho, de que já falamos, tem hoje Filiais dos Bancos de Portugal, Nacional Ultramarino e Pinto & Sotto Maior e diversas casas bancárias, como a de Borges & Irmão. O movimento, em todas elas, representa alguma coisa de importante.

A primeira foi inaugurada em 1890. As suas instalações são das melhores de Portugal.

E' uma agência poderosa pelo valôr das suas transacções e do crédito, que possue. Pode considerar-se, até, um dos propulsores da nossa economia. A sua direcção está entregue a duas pessoas de vastos conhecimentos em matéria bancária e de prestígio pessoal: os srs. António de Vilhena e Fernando Martins Costa.

A segunda data de 1918. Mobilizando, como é de calcular, capitais enormes; tendo na sua gerência um homem muito considerado, de vasto saber, de comprovada competência e de esclarecido critério — o sr. José Maria de Lima Brandão; e contando um serviço exemplar de correspondência no paiz e no estrangeiro, trouxe ao meio bracarense, no princípio do após-guerra, uma revolução, pelas facilidades que oferecia e lhe permitiram predomínio durante alguns anos.

A terceira vem desde 1922. O avanço desta casa tambem foi rápido, concorrendo para ele, duma forma decisiva, os seus gerentes actuais, srs. Francisco Sotto Maior e Fernando Castel Branco espíritos emprehendedores e activos.

Tais são, rapidamente descritas, as indústrias, que formam a colmeia da Velha Braga, entregues a um labor sublime, exemplarmente grandioso.

O nosso inquérito está, portanto, concluido. Oxalá ele possa contribuir para o movimento de resgate da actividade industrial bracarense, fazendo apressar a hora da justiça, chamando sobre ela as distraidas atenções dos estranhos. Oxalá, tambem, que pela sua sinceridade seja util á nobre cidade, onde nascemos e onde esperamos morrer. Que tal propósito, de que sempre se alimentou a nossa alma, possa desculpar as múltiplas deficiências desta obra.

ERRATA

A brevidade do tempo em que teve de ser escrito, composto e impresso este livro não permitiu uma revisão minuciosa.

Alguns erros de composição escaparam. Emendamos os de maior monta. Os restantes corrigi-los-ha a inteligencia do leitor.

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	DEVE LÊR-SE
14	12	aurisanitos	aurisamitos
41	15	Dizemo-los em favôr	Dizemo-lo sem favôr
52	3	De os	De o
67	7	grandioso, já hoje	grandioso, pois já hoje
67	14	não pensa	não passa
109	27	guarlopa	garlopa
128	6	1883	1873
128	10	Antonio Caneca	Antonio da Costa Lopes
175	2	O que foi e como...	Do que foi e de como...
185	24	*tannée*, de *havane*	*tannée havane*
189	10	do	ao

INDICE